

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Matheus Martins Marques Ferreira

História, comunicação, estratégias políticas em movimento: um exercício de análise de discursos ‘bolsolavistas’ nas redes sociais (2020-2021)

UBERLÂNDIA  
2022

Matheus Martins Marques Ferreira

História, comunicação, estratégias políticas em movimento: um exercício de análise de discursos ‘bolsolavistas’ nas redes sociais (2020-2021)

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para a conclusão do curso de bacharelado e licenciatura em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro

UBERLÂNDIA  
2022

MATHEUS MARTINS MARQUES FERREIRA

História, comunicação, estratégias políticas em movimento: um exercício de análise de discursos ‘bolsolavistas’ nas redes sociais (2020-2021)

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para a conclusão do curso de bacharelado e licenciatura em História.

Uberlândia/MG, 11 de agosto de 2022

Banca Examinadora:

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro INHIS / UFU (orientadora)

---

Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl INHIS / UFU

---

Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior INHIS / UFU

Dedico este trabalho aos meus pais,  
pelo estímulo, carinho e compreensão.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, acima de tudo, a meus pais, Jales e Girlene, por me apoiarem de todas as formas possíveis durante todo o curso, e também a minha irmã Milena.

Agradeço a Prof<sup>a</sup> Maria Elizabeth, por aceitar a me orientar, e por toda a atenção e prestatividade, e aos professores e colegas que fizeram parte da minha formação.

“Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica. Quando o sustentáculo patriarcal da personalidade desmorona, as pessoas passam a reafirmar o valor transcendental da família e da comunidade como sendo a vontade de Deus.” (CASTELLS, 2018, p. 139).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a circulação de discursos negacionistas nas redes sociais, na sociedade brasileira, em meio a um contexto de pandemia. Para compreender essa questão, investigou-se como as redes sociais digitais são utilizadas por políticos, e como esses discursos são disseminados e reiterados nos dias de hoje dentro de um processo histórico. Nessa direção, pretendeu-se compreender como esses discursos se alteraram durante o processo da pandemia. Pretendeu-se analisar como esses discursos negacionistas eram construídos e construíram uma identificação entre autoridades políticas e apoiadores. Por fim, pensar, também, como narrativas negacionistas relacionadas a grupos de extrema direita se proliferaram nas redes sociais, e como elas se comunicam em relação aos processos sociais e políticos ocorridos no Brasil. Foram utilizadas metodologias de interpretação histórica, inseridas nos campos da História do Tempo-Presente e da História Cultural, e, também, reflexões sobre as mídias digitais como fonte histórica, promovidas pela História Digital. Outras referências foram importantes, tais como as reflexões promovidas pela chamada Análise do Discurso Francesa. Assim, foi possível compreender a composição desses discursos, forjada por meio de artifícios de mobilização de identidades e da criação de um outro a ser combatido. As reflexões desenvolvidas, por fim, possibilitam compreender a relação entre essas narrativas correntes de mobilizações e as redes sociais, podendo-se pensar, também, suas relações com movimentos da direita alternativa global.

**Palavras-chave:** História do Tempo Presente; Redes Sociais Digitais; Discurso; Negacionismo

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>12</b>
<b>Capítulo 1 – O processo de adaptação dos discursos bolsonaristas nas redes sociais digitais</b> .....	<b>15</b>
<b>1.1.1 – Historiografia e as fontes digitais</b> .....	<b>15</b>
<b>1.1.2 – A Internet e as Redes Sociais Digitais</b> .....	<b>19</b>
<b>1.2.1 – Negacionismo como projeto político</b> .....	<b>28</b>
<b>1.2.2 – A pandemia e a narrativa bolsonarista</b> .....	<b>31</b>
<b>Capítulo 2 – A construção do discurso bolsonarista; Guerra Cultural e o conspiracionismo ‘Bolsolavista’</b> .....	<b>53</b>
<b>2.1.1 – Compondo a narrativa bolsonarista</b> .....	<b>53</b>
<b>2.1.2 – O outro a ser combatido</b> .....	<b>71</b>
<b>2.2 – A Retórica da Guerra Cultural e o ‘Olavismo’</b> .....	<b>80</b>
<b>Considerações finais</b> .....	<b>86</b>
<b>Fontes</b> .....	<b>90</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>94</b>



## INTRODUÇÃO

A ideia deste trabalho nasceu num momento conturbado para todos, neste tempo e lugar, em razão da pandemia causada pelo novo coronavírus. Desde as primeiras ideias para realizar minha pesquisa, as formas como grupos de indivíduos mobilizavam-se contra a Constituição abertamente, e o seu posicionamento em relação à democracia e às instituições perpassavam minha mente. No entanto, no contexto pandêmico, não apenas ataques à Constituição, como também ataques às instituições que pretendiam combater a proliferação do vírus, se intensificaram imensamente. Assim, foi uma experiência bastante presente no dia-a-dia, o compartilhamento de informações de teor conspiratório e negacionista, recebida por familiares. As Redes Sociais, e o seu potencial de disseminação de discursos e narrativas, se tornaram uma tela de discursos, intrigas, embates e questionamentos inquietantes. Daí a ideia de abordar o assunto como objeto essencial de estudo, para a compreensão do crescimento do negacionismo e da “*reemergência*”<sup>1</sup> das direitas radicais brasileiras.

A escolha do tema partiu, então, dessa questão que permeava o momento onde a ideia foi concebida. Para compreender o que levava as pessoas a colocarem em dúvida medidas sanitárias propostas por órgãos e autoridades de saúde, e reiterar teorias conspiratórias, foi interessante revisitar e pensar a “fonte” dessas notícias. Assim, observar a mobilização política por meio das redes sociais de políticos para analisar como opera o Governo Bolsonaro se tornou um caminho possível, não necessariamente para compreender a “criação” dessas teorias, mas para compreender o processo de circulação dos discursos, de disseminação, reiteração e confirmação daquelas ideias.

Dessa forma, defini como objetivo compreender a composição e a circulação do discurso negacionista, dentro de uma mobilização realizada pelo “bolsonarismo”. Ao reunir os discursos e trechos de comentários publicados no Instagram, foi possível reconhecer a reiteração de um teor conspiratório e o embasamento em uma “filosofia” da direita alternativa promovida por Olavo de Carvalho, também reconhecida como “bolsolavismo”. Com o tema definido, e pensando o que já foi colocado anteriormente, as fontes foram selecionadas em uma rede social digital. Com base nisso, a rede social selecionada foi o *Instagram*, pela facilidade de acesso e por ter um caráter mais “público” que aplicativos de mensagem, e uma maior gama de ferramentas que outras redes sociais. Assim, a análise das publicações no

---

<sup>1</sup> Utilizando do termo como Miguel (2018, p. 14) “a direita nunca esteve ausente da política brasileira. Falo de *reemergência* para assinalar a visibilidade e a relevância crescentes de grupos que assumem sem rodeios um discurso conservador ou reacionário.”

perfil oficial do presidente e os comentários de seus apoiadores possibilitam analisar como esses debates se dão em âmbitos distintos. A pesquisa realizada revela, portanto, uma característica central das mídias digitais, que é a produção de informação, seja por pessoas com poder político, social e econômico elevado, seja por um cidadão “comum”.

A partir da definição da rede social, delimitarei as fontes a serem usadas. Primeiramente, pelo recorte temporal, cogitei inicialmente partir do mês de março de 2020, mês em que a pandemia iniciou, até os últimos meses de 2021, quando os efeitos da eficácia da vacinação puderam ser percebidos mais claramente. No entanto, pelo curto prazo para realização do trabalho e pela vastidão de informações que caracterizam aquela documentação, como fonte digital, optei por reduzir o período final para o mês de março de 2021, delimitando um prazo mais próximo de um ano, e abrangendo o primeiro mês de vacinação contra covid-19.

Ainda assim, com o recorte do período, a quantidade de informações produzidas em uma rede social é muitíssimo alta<sup>2</sup>. Para diminuir a quantidade de publicações a serem estudadas, optei pelo recorte temático. Dentro disso, selecionei fontes que demonstravam particularmente a narrativa construída em torno do contexto vivido no período da publicação. Assim, houve uma seleção qualitativa e não quantitativa, mesmo que houvesse publicações com temáticas próximas em um mesmo mês, optei por analisar aquela que demonstrasse uma maior quantidade de componentes para a análise que revelasse a construção, ou reiteração, de uma narrativa. Valorizei também as que apresentavam comentários mais complexos, evitando as que tivessem, em grande maioria, mensagens simples de apoio ou de crítica, como elogios ou xingamentos que não representassem profundamente uma comunicação com o discurso.

Além disso, não selecionei apenas as que tratassem diretamente da pandemia, considerando também publicações que auxiliassem na identificação dos apoiadores em torno do discurso negacionista. Para pensar as questões que se referem às redes sociais como fenômeno social, utilizei conceitos de Manuel Castells, como a ideia de vivermos em uma ‘Sociedade em Redes’, e de Pierre Lévy com o conceito de Cibercultura. Foi utilizado como referência teórica, também, o trabalho de Stuart Hall sobre a identidade cultural na pós-modernidade, principalmente no que se refere à identidade nacional. Autores da análise de discurso, como Maingueneau, também foram mobilizados na realização da análise.

Historicamente, esse trabalho se localiza no campo da história do tempo presente, sendo mobilizada uma concepção de estudo histórico da política na contemporaneidade como

---

<sup>2</sup> O dia 15 de março de 2020, quando houve manifestações em todo o país apoiando o governo, é um exemplo, tendo mais de 35 postagens sobre o mesmo tema nessa data, além dos milhares de comentários em cada postagem. O acesso a esses dados foi feito no dia 01 de março de 2022.

a trabalhada por Lohn, em debate com René Rémond, pensando muito mais no estudo de uma ‘cultura política’. Pelo aspecto específico da fonte, foi relevante dialogar com historiadores que pensassem este tipo de fonte, como, por exemplo, Almeida, que utiliza essa fonte e pensa desde o início da década de 2000 o ofício do historiador nesse meio, e Prado, que desenvolve uma análise das especificidades dessa fonte. Autores da história cultural, como Roger Chartier, complementam o embasamento historiográfico desse trabalho.

Dessa forma, esse trabalho se organizou em dois capítulos, no primeiro, intitulado “**O processo de adaptação dos discursos bolsonaristas nas Redes Sociais Digitais**”, procurei analisar a relevância das redes sociais na contemporaneidade e a forma como o discurso defendido por Bolsonaro se adapta no processo histórico do período pandêmico. No segundo capítulo, intitulado “**A construção do discurso bolsonarista; guerra cultural e o conspiracionismo ‘bolsolavista’**”, busquei abordar a construção do discurso bolsonarista, e suas similaridades com teorias conspiratórias internacionais, percebidas também pela influência de Olavo de Carvalho na construção do discurso bolsonarista. Assim, nos dois capítulos, procurei compreender como esses discursos, primeiramente, emergem em situações históricas específicas e, por outro lado, se adaptam aos eventos históricos e sociais incentivando determinados posicionamentos e ações políticas. Também foi possível observar a composição deles, localizados e concorrentes com outros discursos da contemporaneidade em um contexto internacional de radicalização e de crescimento do negacionismo.

## CAPÍTULO 1 – O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DOS DISCURSOS BOLSONARISTAS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

*“As redes sociais não ensinam a dialogar  
porque é muito fácil evitar a controvérsia...  
muita gente as usa não para unir,  
não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário,  
para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto,  
onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes,  
onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras.”*

**Zygmunt Bauman**

### 1.1.1 – Historiografia e as fontes digitais

A pesquisa proposta nesse trabalho pode causar certo estranhamento a quem compreende a história como o estudo de um passado longínquo. Isso se dá, pela construção da história como o estudo do passado, firmada no processo de profissionalização que a História passou no século XIX. O lugar da história seria o de estudar um passado que não existe mais, de acordo com aquela concepção metódica oitocentista, podendo-se reconstruir fielmente ou quase esse passado por meio das fontes. A necessidade dessa separação temporal do historiador e de sua fonte, de acordo com alguns historiadores, passava também pela distinção entre história e memória como localizadas em esferas diferentes, colocava-se a história como o ambiente da racionalidade e a memória de emoção (DOSSE, 2012, p. 7 a 16).

A chamada escola dos *Annales* é um dos movimentos que se posicionam como agentes da mudança na forma de se perceber a ciência histórica como um todo, afetando também a relação do historiador com o tempo. O historiador francês March Bloch, um dos fundadores da escola do *Annales*, em seu livro inacabado o “ofício do historiador”, define a história como “o estudo dos homens no tempo” (BLOCH, 2001, p. 55). Ao descrever a história dessa forma, Bloch define como essencial para o historiador a presença humana nos estudos dos historiadores, e a compreensão da interação dessas pessoas com sua temporalidade. Dessa forma o tempo para o estudo da história, não é definido, necessariamente, como passado. Em estudos produzidos nessa primeira fase da escola dos *Annales* é possível encontrar recortes do presente histórico daquele período (DOSSE, 2012, p. 8), essa apropriação da história sobre o período do presente pode ser compreendida pela aproximação da história com as outras ciências sociais, principalmente a sociologia, que foi promovida por esse periódico, como uma tendência de se repensar a relação da história e da prática historiadora com os acontecimentos e as temporalidades.

Apesar das discussões intensas na França do período, a história do tempo presente, no entanto, se torna um tanto negligenciada, como diria Remond, durante a década de 1950 (DOSSE, 2012, p. 9). Pode-se compreender essa negligência a partir da notoriedade de Braudel e de sua história de longa duração (DOSSE, 2012, p. 9). No entanto o presente histórico retorna a ser discutido mais à frente como elemento fundamental porquanto constituinte dos estudos históricos. Em parte, esse retorno do presente, como objeto e campo disciplinar, se dá nos institutos de pesquisa histórica que foram criados na Europa após a segunda guerra mundial. Para Dosse (2012, p. 10), esse processo é “uma banalização da história do tempo presente na Europa”. Esse campo historiográfico se multiplicou, também, pelas tecnologias que se desenvolveram, como o gravador de áudio que trouxe a história oral, e juntamente discussões sobre a relação de memória e história, e da história pública, para os debates acadêmicos. As fontes orais, mesmo enfrentando resistências no seu uso, ajudaram a consolidar a história do tempo presente (SOARES, 2015, p. 9). Ainda assim, não se pode definir a história do presente como um campo fechado, ainda há, por exemplo, diversos debates sobre como definir o que é esse tempo presente.

Para melhor definir a História do Tempo Presente, e como esse trabalho se caracteriza nesse campo historiográfico, será utilizada a reflexão feita por LOHN (2019). O autor, realizando um debate historiográfico sobre o tema, localiza esse campo como parte do chamado “retorno político”. Entender esse processo de retorno ao político é bastante relevante para compreender a base dessa história do tempo presente. O político, principalmente após as grandes guerras do século XX, se torna um pouco desconsiderado, já que a historiografia se propõe a se afastar dos temas elitistas de uma história política tradicional, vincada pela descrição de eventos laudatórios e politicamente superficiais (ou acontecimentos), e por isso o político se torna menos valorizado historicamente. O autor francês René Rémond, pesquisador da história do tempo presente, é um dos nomes a sair em defesa desse retorno ao político, no entanto, não aquele político dos “grandes nomes” que os estudos históricos se distanciaram com razão, mas sim o político repleto da complexidade e das necessidades do presente.

Lohn descreve esse “político” que faz parte da História do Tempo Presente, que é o político de uma sociedade onde a ideia de Estado-nação está em crise, e que diferentes formas de identificação comunitária se entrelaçam. Dessa forma a interpretação dessa política do tempo presente vai além de uma política institucional, e demonstra como ela interage em narrativas utilizando questões de diversas esferas sociais. Esse estudo da política na História do Tempo Presente é, então, o estudo da cultura política, um estudo que se relaciona com as

narrativas e os usos da história e da criação de uma memória histórica (LHON, 2019, p. 12 a 17).

“Essa pluralidade de leituras do contemporâneo possibilita não necessariamente uma História política, mas uma História do campo político como código cultural, percebendo-o tal como é vivenciado de modos muito diferenciados por atores históricos e trajetórias individuais e coletivas que formam redes de sociabilidades passíveis de serem mapeadas, envolvendo diferentes classes sociais, grupos e minorias, bem como noções como honra, família, convivialidade, relações pessoais e contratuais.” (LHON, 2019, p. 17 a 18).

Essa questão da política no tempo presente como uma análise cultural da política traz consigo a necessidade de atuar no campo da História Cultural. A história cultural é um campo da historiografia que se destacou da década de 90 em diante, caracterizando-se, principalmente, pela aproximação com a antropologia cultural e o uso de novos objetos como fonte histórica. As noções relativas à compreensão de “cultura” desse campo, são:

“as de “linguagem” (ou comunicação), “representações”, e de “práticas” (práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as “práticas discursivas” como as práticas não-discursivas).” (BARROS, 2005, p. 129).

Essas noções – história, cultura, política e representações -, trabalhadas em conjunto com outros conceitos, permitirão uma maior compreensão das narrativas encontradas nas fontes deste trabalho. Trabalhar os campos da história cultural e da história do tempo presente, com sua noção de político, possibilita análises do uso das redes para a produção dessas narrativas de Identidade cultural e política e sua difusão. Lohn cita essa influência das redes na criação dessa cultura política que a história do tempo presente se propõe a estudar. As redes sociais digitais são descritas, então, como novas esferas de representação política (LHON, 2019, p. 19), daí a importância dessa abordagem para uma leitura analítica de textos e representações veiculados nas redes contemporâneas.

Dessa forma, para se compreender as questões postas ao presente histórico, esse trabalho se localiza conjuntamente nos campos da História do Tempo Presente e da História Cultural. Para além disso, pelas especificidades das fontes escolhidas, faz-se necessário abordar e refletir sobre questões debatidas pela história digital, que não é um novo campo da historiografia e, sim, um debate sobre as especificidades dessas fontes. Prado, em seu texto “Por uma história digital” (2021), destaca algumas dessas especificidades;

“A arquitetura hipertextual das fontes, por exemplo, modifica as práticas de escrita e de leitura e estabelece novas formas de construção de sentidos ao

romper com uma longa tradição de narrativas lineares tão comuns em outros tipos de fontes históricas, bem como com a rígida distinção dos papéis atribuídos às figuras do autor e do leitor” (PRADO, 2021, p. 14).

Nessa citação, podemos destacar características específicas dessa fonte, a principal é a não distinção entre autor e leitor, todos podem assumir ambas funções, além de que diversas publicações e discussões podem levar a caminhos inesperados, já que os textos nem sempre tem um propósito bem definido, como em documentos tradicionais. Tal hipertextualidade também permite acesso a diferentes tipos de mídia, dessa forma o autor destaca a importância da interdisciplinaridade com a diversas áreas que permitam o pesquisador compreender o espaço virtual por variadas perspectivas (PRADO, 2021, p. 14 e 15).

Quanto a certos empecilhos metodológicos comumente citados em relação às fontes digitais, para Prado, são empecilhos presentes em diversas outras fontes, como, por exemplo, a efemeridade dessas fontes. O autor, nesse sentido, comenta que a perda de documentos é comum e as lacunas fazem parte do ofício do historiador. Outra questão assinalada, que é a abundância de fontes, é outro problema que acarreta trabalhos com outros tipos de materiais (PRADO, 2021, p. 11 e 12). Faz-se necessário levar em conta o caráter público das redes digitais, e o esforço para a construção da história pública digital (PRADO, 2021, p. 16), salientando-se que tal característica torna a internet um espaço de criação e manifestação da memória pública da história, o que explica o uso dessas redes para a disseminação de narrativas políticas, e caracteriza a relevância do estudo da história do tempo presente e da história digital. Mais à frente, as especificidades das fontes digitais, e outras questões sobre elas, serão demonstradas na análise direta delas.

Outro aspecto relevante a ser destacado refere-se às questões de identidade, e aqui utiliza-se o conceito de Identidade Cultural de Stuart Hall, focando principalmente as reflexões desenvolvidas no capítulo em que trabalha as culturas nacionais na formação do que Benedict Anderson chamava comunidades imaginadas (HALL, 2006, p. 47 a 65). Questões tratada por Castells, no volume dois de sua coletânea, intitulado “O Poder da Identidade” (2003). As análises dos dois autores promovem reflexões sobre diversas questões que permeiam o tempo presente, os diversos grupos de identidade, e a pluralidade de identidades que informam e constituem um indivíduo, entre as possibilidades dele se ver representado. A noção de representação é conceito indispensável no estudo da história cultural, que possibilita analisar, tanto as publicações do perfil oficial do atual Presidente da República, quanto a reação de seus apoiadores, expressa nas fontes reunidas. Neste trabalho, portanto, pretende-se

compreender a construção de representações veiculadas por e sobre esses indivíduos, pois não há;

“prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles” (CHARTIER, 1991, 177).

Dessa forma, nesse trabalho, pretende-se compreender essas identidades contraditórias construídas por discursos que se referem aos indivíduos e grupos que compõem e dão sentido ao bolsonarismo.

Para compreender como essas representações, que constroem uma certa identidade aos indivíduos que compõem o bolsonarismo, são disseminadas e reiteradas, serão úteis alguns conceitos da análise de discurso. O conceito de hipergênero, por exemplo, possibilitará compreender as especificidades da construção textual na *internet* (MAINGUENEAU, 210, p. 129 a 138). Pela característica imagética do *Instagram*, será relevante pensar a imagem como parte da construção desse discurso.

### 1.1.2 - A Internet e as Redes Sociais Digitais

Seria possível pensar o mundo de hoje sem a internet, e, mais especificamente, sem as Redes Sociais Digitais? Ferramentas que compõem o cotidiano de mais da metade da população do Brasil. Para muitos dos que já cresceram em um mundo informatizado, chamados nativos digitais, a primeira ação do dia é conferir as notificações das redes sociais, as mensagens, as curtidas, os comentários e as publicações dos chamados influenciadores. Mesmo para quem não cresceu nessa sociedade informatizada, as redes sociais se tornaram essenciais para a comunicação, seja na vida pessoal ou profissional, tendo ao menos um aplicativo de mensagens instalado em seu *smartphone*. Dessa forma o mundo virtual e o mundo físico se influenciam mutuamente, quase não sendo possível, de fato, pensar numa separação deles. Esse uso crescente das redes sociais digitais e da internet, e sua influência na sociedade como um todo, está no cerne deste trabalho, para isso, primeiramente, se faz relevante contextualizar o surgimento da internet e da construção do que o sociólogo Manuel Castells chama “Sociedade em Redes”.

A internet surge das redes de comunicação militares, criadas no período da guerra fria, redes de comunicação parecidas começam a surgir em grandes empresas privadas e em universidades. Havia um esforço de militares e cientistas estadunidenses de “criar uma rede universal de computadores com acesso público, dentro de normas de ‘uso aceitável’”. Em contraposição a esse esforço surgiram movimentos de contracultura com teor libertário, que



defendiam o uso livre da rede pela população, como o grupo “*The Hackers*”, formado por alunos da Universidade de Chicago que foram responsáveis, por exemplo, pela criação do *modem*<sup>3</sup> (CASTELLS, 1999, p. 86). Porém os primeiros acessos à internet ainda eram muito complexos para quem se iniciava no uso da rede, sendo, então, algo ainda muito limitado ao uso de poucos profissionais. No entanto, em 1990, o inglês Tim Berners-Lee criou a *World Wide Web*, um modelo de gerenciamento de dados baseado numa nova lógica de organização de dados que facilitou o acesso à informação. Tal inovação se tornou o padrão de organização das redes digitais e possibilitou o uso doméstico da internet (CASTELLS, 1999, p. 88; ALMEIDA, 2011, p. 13).

Ademais, é relevante pensar no que ficou conhecido como *Web 2.0*, que não foi um salto tecnológico, mas “uma mudança de mentalidade dos desenvolvedores de *sites* da Internet”. Tal mudança se baseia na valorização da interatividade entre usuários e sites, o que permitiu também a produção de conteúdo e o aumento de usuários da *internet* que passaram a criar *blogs* pessoais (ALMEIDA, 2011, p. 13). Pode-se pensar essa mudança como essencial para a criação das redes sociais digitais, onde os perfis pessoais não deixam de ser, de certa forma, *blogs* pessoais, mais simples e práticos. As redes sociais possibilitaram que “os seus usuários criem um perfil onde divulgam informações pessoais, revelam interesses específicos, compartilham fotografias e vídeos, mandam e recebem mensagens, etc”, e permitem, principalmente, a construção de comunidades (ALMEIDA, 2011, p. 15).

Castells utiliza o conceito, que nomeia seu livro, sociedade em redes, para descrever o mundo após o advento da internet. O conceito de redes precede a internet e, na sociedade capitalista industrial, esse termo se tornaria mais relevante do que nunca para a compreensão organizacional das relações sociais e o processo final da globalização. Criou-se toda uma organização baseada no transporte das fontes materiais para os centros industriais, organização que cada vez interligava o mundo mais intensamente, e concretizou a fase industrial do capitalismo. Na atual fase do capitalismo, a do capitalismo financeiro, com o estabelecimento da internet como uma rede, de fato, global, cria-se uma nova lógica de produção, que Castells chama de capitalismo informacional. Para ele, as tecnologias de informação globais, definem o porquê do fim do estatismo industrial, referindo-se à União Soviética. O capitalismo utilizou as tecnologias de informação para concretizar uma nova fase, e uma nova lógica produtiva, o que não foi realizado na URSS, que se manteve industrial.

---

<sup>3</sup> Aparelho que facilita a transmissão e conversão de dados entre computadores, inicialmente por fios, na atualidade por meio da tecnologia *Wireless*.

Nessa perspectiva, Castells diferencia o industrialismo do informacionalismo, que seria uma lógica produtiva onde o conhecimento se torna o principal objetivo. Conhecimento, esse, usado para o desenvolvimento tecnológico, nos conduz a um processo em que a produtividade passa a se basear em “processamento de informações” e “comunicação de símbolos” (CASTELLS, 1999). Sobre a produtividade no capitalismo informacional, Castells especifica que informação e conhecimento sempre foram importantes para a produção, mas a grande mudança nessa fase é o papel do conhecimento, que é a fonte da produtividade, e, também, o resultado dela:

“O processamento da informação é focalizado na melhoria da tecnologia do processamento da informação como fonte de produtividade, em um círculo virtuoso de interação entre as fontes de conhecimentos tecnológicos e a aplicação da tecnologia para melhorar a geração de conhecimentos e o processamento da informação...” (CASTELLS, 1999, p. 54).

Essa mudança no sistema produtivo é o que possibilita o que o autor chama de ‘sociedade da informação’, e se dá pela revolução tecnológica que foi promovida também pela internet. Com base nessa nova organização social, Castells trabalha as novas questões que a sociedade em rede trás, colocando, principalmente, a questão da identidade em um mundo globalizado e informacionalizado. Tal questão se faz essencial para se ter como base de um estudo da sociedade atual.

O livro de Castells foi escrito anos antes da já citada *web 2.0*, que ampliou as formas de se criar comunidades nessa rede, e possibilitou plataformas como a de onde vêm as fontes deste trabalho. Nas redes sociais digitais, as questões de identidade que o autor comenta foram elevadas de maneira exponencial, já que essas redes sociais possibilitaram uma ligação ainda mais complexa entre indivíduos, e trouxeram uma imersão no mundo digital que influencia drasticamente a sociabilidade e também nas relações da realidade física e simbólica.

Antes de tratar diretamente das redes sociais, é interessante ter também como referência as reflexões do filósofo Pierre Lévy, que trabalha dois conceitos importantes: ciberespaço e cibercultura. De forma bem direta, o autor define o ciberespaço como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92), e a cibercultura como "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atividades, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço" (LÉVY, 1999, p. 17). O próprio autor define então o ciberespaço como rede, referindo-se à rede mundial de computadores.

Com isso, cibercultura, são as novas formas de interação, e o que é produzido dentro dessa rede, ou ciberespaço. Pode-se concluir que o termo ciberespaço cria uma noção mais palpável do que o termo rede, e o uso da palavra espaço, em conjunto com o prefixo “*ciber*”, cria uma noção física de um local, um território. Porém, de fato, esse local não é físico, e nem se limita geograficamente, é um ambiente que se localiza no virtual.

O termo virtual ganha, na ‘sociedade da informação’, uma nova interpretação. Faz-se necessário, então, compreender essa nova interpretação do “virtual” para compreender a sociedade em rede. O termo, que inicialmente tinha a conotação de não-real, sendo, portanto, a oposição à realidade, adquire agora outro sentido dentro do mundo cada vez mais digital, e pode ser notado na expressão “realidade virtual”. Correntemente é utilizado para se referir a simulações de realidade por meio da imersão visual e sonora, atualmente mais acessíveis, e que cada vez permitem uma maior imersão sensorial<sup>4</sup>. A “realidade virtual” pode ser entendida, também, em seu sentido mais “fraco”, como diz Lévy, sem uma simulação realista de espaços físicos. A imersão nesse mundo virtual que não se pretende a uma simulação completa, se daria por meio da criação de uma “imagem de si mesmos e de sua situação”. E por meio da “navegação por proximidade”, onde o indivíduo altera o mundo virtual, porém o mundo virtual também orienta o indivíduo e o grupo. Seria então um mundo simbólico, com representações não necessariamente fiéis por completo à realidade, onde cada indivíduo simula a si mesmo e os outros no mundo virtual, mas que não deixa de implicar uma realidade (LÉVY, 1999, p. 72).

Essa explicação de virtualidade se aplica à experiência de muitos indivíduos nas Redes Sociais Digitais, que se torna, com o avanço da tecnologia e o maior acesso a smartphones de alta tecnologia, uma experiência cada vez mais imersiva. Pode-se refletir, também, sobre a ‘navegação por proximidade’ citada por Lévy, que é o que se caracteriza atualmente nos filtros bolha das redes sociais. Os indivíduos que fazem parte de comunidades, nas diferentes redes sociais, em contraponto do ideal de acesso ilimitado de informações que se espera estar disponível no ciberespaço, recebem informações sempre limitadas ao que aqueles com interesses próximos produzem. Dessa forma, a interpretação da realidade física passa por filtros que definem o agir desses indivíduos, dentro e fora das redes. Procurar se aproximar de pessoas com pensamentos e costumes comuns aos seus cria uma espécie de afinidade imaginária, e algo que, de diferente forma, precede a sociedade da informação, mas,

---

<sup>4</sup> A empresa *Meta*, antiga *Facebook*, dona de diversas redes sociais, investe cada vez mais na criação do que chamam “*Metaverso*”. A intenção da empresa é criar uma imersão total por meio de aparelhos de simulação de realidade virtual, seja para trabalho, ou para a sociabilidade.

atualmente, essa aproximação acontece por meio de algoritmos, que, resumidamente, são códigos de programação, e não necessariamente de escolhas conscientes (PELLIZZARI e JUNIOR, 2019, p. 59). Essa aproximação pode se tornar perigosa. Segundo Pellizzari e Júnior:

“Potencialmente pode ocorrer uma erosão da solidariedade social, perda da capacidade de empatia e que a condução das escolhas cidadãos venham a ser pautadas por visões de mundo opacas e endógenas.” (PELLIZZARI e JUNIOR, 2019, p. 59)

Nesse trecho, os autores, pesquisadores da área do direito digital, citam uma possível consequência desse aprisionamento em bolhas ideológicas causados pelos algoritmos das redes sociais. Pode-se dizer que as redes sociais vivem numa entropia, termo emprestado da física, simbolizando que a cada novo ajustamento na sociedade, perde-se energia para uma nova transformação, tornando o comportamento social estático “um legítimo confinamento virtual, no qual o algoritmo aprisiona os indivíduos em bolhas narcísicas, entre seus iguais” (PELLIZZARI e JUNIOR, 2019, p. 59). Ao pensar esse termo utilizado pelos autores, “bolhas narcísicas”, pode-se refletir com base no mito que origina esse adjetivo, o mito grego de Narciso. Nesse mito, Narciso é punido a apaixonar por si mesmo, ao ver seu reflexo em um rio, não consegue mais se distanciar de sua imagem, se tornando prisioneiro de si mesmo. Como já debatido acima, no ciberespaço, criamos uma representação de nós mesmos, ao encontrar outros indivíduos criando representações próximas a sua, o indivíduo forma bolhas onde suas ideias são refletidas e reafirmadas por outros. Dessa forma, cria-se então as bolhas narcísicas, ambiente que permite conforto para as verdades pré-concebidas daquele indivíduo.

Ao pensar os efeitos gerados por tais bolhas, pode-se concluir que se cria um aprisionamento, como o aprisionamento sofrido por Narciso com seu reflexo, aprisionamento esse que está diretamente ligado aos algoritmos das redes que gera essa bolha de conforto e interesse. Esse aprisionamento é o citado confinamento virtual, que, tanto pelo interesse dos usuários quanto pelo funcionamento das redes, se torna muito difícil de se romper. A consequência disso é um ambiente de reafirmação daquilo já definido pelos indivíduos, não permitindo um debate amplo, nem mesmo a discordância. Ao se encontrar com algo discordante, o indivíduo se sente contrariado, atacado pessoalmente, e se volta a sua bolha, que confirmará suas concepções, jogando aquele que discorda para o “outro lado”, o adversário. A entropia das redes é resultado desse confinamento, a cada movimento de alteração na sociedade, de nova compreensão, os indivíduos se revestem em sua bolha

predefinindo concepções definitivas, impossibilitando que outros novos movimentos alcancem aquele ambiente virtual.

Antes de prosseguir sobre esse efeito de entropia das redes sociais na sociedade, e o uso político possibilitado por ela, é relevante concluir mais precisamente o que são as Redes Sociais Digitais. O conceito de rede social começa a ser utilizado em meados do século XX pelas ciências humanas e sociais, numa tentativa de estudar sistemas sociais. A maior contribuição do estudo de redes sociais é, para Portugal, citado por VERMELHO e col. (2015), que essa teoria “articula os níveis macroestrutural e microestrutural” e, dessa forma, “busca explicar o comportamento dos indivíduos através das redes em que eles se inserem” articulando as interações entre indivíduos por meio de estruturas (apud VERMELHO et al., 2015, p. 864).

Ademais, com o advento de uma rede mundial de computadores ligados pela internet, abriu-se um debate, no âmbito das ciências da comunicação, sobre as “novas mídias”, onde termos como mídia digital ou mídia social, passaram a ser utilizados nos estudos da área. Com isso em mente, é relevante pensar o termo mídia, utilizado para definir meios de transmissão de informação em massa, e que se popularizou nas mídias eletrônicas (rádio, emissoras de televisão), porém, é importante diferenciar a forma de informar das mídias digitais com as que a precedem, onde a relação de quem transmite a informação, com quem recebe a informação, ocorre de formas diferentes. Nas mídias tradicionais há uma transmissão unilateral, nas mídias digitais há uma relação quase horizontal, onde os usuários assumem a posição de transmissor e receptor de informações (VERMELHO e col., 2014, p. 186 e 187).

No entanto, nem toda mídia digital permite uma relação tão horizontal entre usuários, por isso, o termo, redes sociais, mesmo se referindo a ferramentas que compõem as mídias digitais, é comumente utilizado para ferramentas digitais que permitem um maior relacionamento de indivíduos, e a criação de perfis pessoais. Como exemplo do que será chamado rede social, podemos citar o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, aplicativos de mensagens como *WhatsApp*, entre outros, mas que se diferenciam de *sites* e *blogs* que se constroem de forma mais unilateral, mesmo com a presença de fóruns. Acompanhando as reflexões de Vermelho (2014), é possível definir as Redes Sociais como:

“... a macroestrutura tecnológica que dá suporte a um conjunto de atores sociais (sujeitos e instituições) conectados por *laços sociais* (BATISTA, 2012; RAHME, 2010; FREUD, 1976, 1997), os quais são formados, mantidos e reforçados (ou não) por meio de *interações sociais* (VYGOTSKY, 1989, 1987; BAKHTIN, 1988; LURIA, 1987). As interações são concretizadas, realizadas dentro de uma relação de troca de conteúdos. Estes podem ser criados pelas

mais diferentes linguagens disponíveis no formato digital: textual, sonora, audiovisual e imagética. Estas ferramentas potencializam a manutenção e a expansão dos laços sociais, além de ajudarem a visualizar as redes de relacionamento das quais cada sujeito faz parte.” (VERMELHO e col., 2014, p. 188).

Tal conceito, compartilhado e formulado por algumas pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, define o que é Rede Social Digital. Dessa forma, sempre que o termo “redes sociais” for utilizado, será referido com base nesse conceito.

Com base no que foi explicitado sobre o que são as redes sociais até aqui, e como os algoritmos delas contribuem para a criação de bolhas de interesse, não é possível deixar de pensar a possibilidade de usos delas por políticos ou com fins políticos. No entanto, não se pretende, nesse trabalho, explicar o funcionamento dos algoritmos das diferentes redes sociais, mas, sim, analisar historicamente o uso político desses algoritmos. Há trabalhos que demonstram o funcionamento desses filtros-bolha em relação a debates políticos, como por exemplo o artigo escrito por RECUERO *et al* (2017), que avalia o debate político na rede social *Twitter* e a circulação de informações entre os grupos opositores. O artigo demonstra a circulação das informações por meio de representações gráficas, e nele fica nítida a característica polarizadora dos filtros-bolha, mesmo em uma rede social que é menos afetada por esses algoritmos (RECUERO *et al*, 2017, p. 8).

Uma análise parecida com a citada acima é a de CARDOSO e DI FÁTIMA (2013), que analisam ainda em 2013 o movimento, organizado nas redes sociais, que contestava o governo Dilma Rousseff, enquanto RECUERO *et al* (2017) avaliou o período do *impeachment* da presidenta, e o início da campanha que levou à eleição como presidente de Jair Bolsonaro. Após a eleição de 2018, o uso das redes por políticos e a disseminação de informações falsas se tornaram um debate ainda mais constante. O uso de “memes”, imagens editadas, e uma exaltação da imagem pessoal e política do então candidato como um “mito”, possibilitou um crescimento exponencial dos apoiadores, e da construção de uma identidade bolsonarista, como um “cidadão de bem” em oposição a “tudo que tá aí”.

O uso do humor entre apoiadores do Bolsonaro é estudado por CHAGAS (2021), e demonstra como as narrativas criadas em grupos de mensagem instantânea, especificamente o *WhatsApp*, produziram um sistemático enaltecimento do já presidente, e a desmoralização de rivais políticos. As análises de Chagas sobre a imagem que esses “memes” constroem sobre o presidente ajudam a interpretar as narrativas disseminadas por seus apoiadores nas fontes

selecionadas por este trabalho. Essa imagem do “mito”, construída, disseminada e reiterada com a ajuda das redes, é essencial para compreender os símbolos que geram a identificação dos apoiadores com o político. O uso político das redes sociais, do humor e, principalmente, da desinformação, não é uma particularidade do Brasil. O ex-presidente dos EUA, Donald Trump<sup>5</sup>, eleito em 2016, é um exemplo de político com métodos muito próximos aos de Bolsonaro, tendo gerado diversas comparações, além de brasileiros bolsonaristas declarando apoio ao político estadunidense.

O uso das redes sociais para a prática política se intensificou nas últimas décadas, mas já era uma questão trabalhada por Castells, em seu livro *O Poder da Identidade*. No segundo volume da trilogia iniciada pelo *Sociedade em Rede*, o autor separa um capítulo para tratar da “política da informação” e da “crise da democracia” (CASTELLS, 2018). Neste capítulo, o autor debate o que ele nomeia de “política do escândalo” e, em livre comparação, os escândalos facilitados pelos vazamentos na rede, têm uso próximo ao das “*Fake News*” direcionadas a adversários políticos na atualidade. No entanto, essa comparação é completamente limitada pela distância temporal e sobretudo pela diferença das tecnologias, pois o livro teve sua primeira publicação em 1997.

O alcance das Redes Sociais, mesmo não alcançando a utópica totalidade global, é imenso e se amplia de forma constante. Como a análise desse trabalho se limitará ao *Instagram*, os dados dessa rede social em particular serão priorizados. Segundo o *site* de estatísticas “*statista.com*”, o *Instagram* é, com mais de um bilhão e quatrocentos milhões de usuários ativos, uma das maiores redes sociais do mundo<sup>6</sup>. O Brasil é um país com mais de cento e cinquenta milhões de usuários, o quinto no mundo<sup>7</sup>, e tem mais de noventa milhões de usuários ativos no *Instagram*<sup>8</sup>. Esse número de usuários não se refere precisamente ao número de indivíduos, mas sim de contas, ainda assim, demonstra o quão presente são essas redes no cotidiano do brasileiro.

---

<sup>5</sup> Pesquisas sobre o uso das redes por Trump podem ser encontradas facilmente, como ALMEIDA (2020), RODRIGUEZ-ANDRES (2019), DOS-SANTOS E COL. (2019).

<sup>6</sup> Ficando atrás, respectivamente, do Facebook, do Youtube, e do WhatsApp. Informação disponível no endereço; <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Acesso em: 22 de maio de 2022

<sup>7</sup> Disponível em; <https://www.statista.com/forecasts/1145300/social-media-user-by-country>. Acesso em: 22 de maio de 2022

<sup>8</sup> Disponível em; <https://www.statista.com/forecasts/1138772/instagram-users-in-brazil>. Acesso em: 22 de maio de 2022

Os aplicativos de mensagem, como *WhatsApp* e *Telegram*, são os principais meios de transmissão de informações falsas de grupos políticos, e o caráter privado desses grupos, mesclado com a capacidade de encaminhamento de informações em massa, principalmente no *Telegram*, possibilitam a formação de grupos extremistas<sup>9</sup>. O estudo desses aplicativos permitiria o acesso direto às origens dessas desinformações, no entanto dependeria do acesso a esses grupos, quase num trabalho “disfarçado”, entre os apoiadores, o que foi feito na pesquisa realizada pelo, já citado, Chagas (2021). A escolha do *Instagram* foi feita, então, pelo seu caráter público e aberto, que permite conhecer e refletir historicamente, as publicações do perfil de Jair Bolsonaro, e os comentários gerados nelas.

No entanto, este não é o único motivo. Entre as redes oficiais do presidente, o *Instagram* é a que conta com o maior número de seguidores, mais de dezenove milhões até abril de 2022, superando o *Facebook*, com mais de quatorze milhões, e o *Twitter*, com mais de sete milhões, outras redes sociais com características mais públicas. O *Instagram* é uma rede social criada para a publicação de fotografias instantâneas, tendo acesso direto à câmera, e ferramentas de edição, permitindo a publicação em outras redes sociais. Foi criada em 2010, pensando já no uso de *smartphones*, e nos recursos desses dispositivos (RAMOS e MARTINS, 2018). O *Instagram*, atualmente, permite a publicação de fotos, vídeos curtos e longos em seu *feed*<sup>10</sup>, fotos e vídeos curtos no formato de *stories*<sup>11</sup>, transmissões ao vivo, que podem, ou não, ser disponibilizadas e mantidas abertas ao público. O aplicativo não permite a publicação de textos sem algum arquivo, o que se deve por sua característica original de focar na publicação de fotos. Porém permite a publicação de legendas nas imagens publicadas, e os textos dessas legendas permitem o uso de dois mil e duzentos caracteres, textos bem maiores que os de duzentos e oitenta caracteres do *Twitter*, por exemplo, rede focada em textos curtos.

Com base nas características descritas, pode-se perceber a amplitude das ferramentas que essa rede possibilita. O *Instagram* acaba sendo uma das principais mídias do “marketing digital” (RAMOS e MARTINS, 2018), possibilitando o surgimento dos chamados *influencers*, ou, influenciadores digitais<sup>12</sup>. A forma como as diferentes marcas utilizam os algoritmos

---

<sup>9</sup> Pode-se conferir em BAPTISTA e col. (2019), PIAIA e ALVES (2020), BEZERRA (2022), MONARI (2022).

<sup>10</sup> Espaço “principal” do aplicativo, é o espaço que mostra os conteúdos que ficaram publicados nos perfis dos usuários, se caracteriza por uma sequência de publicações que aparecem em blocos, sequencialmente.

<sup>11</sup> São publicações temporárias, que, caso não sejam excluídas pelo usuário, serão excluídas automaticamente depois de um tempo.

<sup>12</sup> Pessoas públicas que se tornaram conhecidas nas redes sociais, trabalhando com conteúdo de propaganda.



dessas redes, e esses influenciadores vendem produtos e “*life-style*”<sup>13</sup>, é a que inspira o uso programado das redes para o *marketing* político. O *Instagram* é a rede social digital que mais demonstra ferramentas e possibilidades para a criação da imagem de um indivíduo e de características que geram identificação.

Como já dito, os aplicativos de mensagens são os mais utilizados para a disseminação de informações falsas, e a criação de grupos privados, algo que pode se notar em grupos do *Facebook* também. No entanto, no *Instagram* pode-se perceber a versão “oficial” dessas narrativas sobre o presidente, e nos comentários dos apoiadores, como essa narrativa conversa com as criadas no ambiente “privado” das outras redes.

Para concluir esse tópico, é importante trazer o debate, extremamente recente, que envolve as redes sociais. Em todo esse contexto político e social, onde se ampliou o uso das redes sociais, e, principalmente, durante a pandemia de COVID-19, tem-se discutido muito o termo negacionismo. Termo que, originalmente, se relaciona a um movimento político de extrema-direita que contesta o Holocausto, e os crimes cometidos pelo regime Nazifascista. Atualmente é usado para se referir à negação de diversas Ciências, e expressa, também, pelo uso que se disseminou, o crescimento de grupos que contestam consensos acadêmicos, grupos que utilizam as redes sociais para compartilhar suas ideias e encontrar adeptos.

Como exemplo desses grupos, podemos citar o crescimento de “terraplanistas”, grupo que defende uma ideia conspiratória sobre o formato do planeta, utilizando diversos argumentos, partindo de interpretações simplistas de conceitos científicos e o uso de mitologias religiosas (MARINELI, 2020). De uma forma bem parecida, acompanhando esse movimento de ampliação de ideias contrárias aos consensos estabelecidos, cresceram grupos “antivacinas”, partindo de ideias conspiratórias e religiosas, tornou-se possível perceber os efeitos desse movimento, como, por exemplo, a volta de doenças depois de décadas extintas. (SARAIVA e DE FARIA, 2019)

Tais efeitos foram percebidos de forma nítida durante a pandemia. Grupos como esses podem ser percebidos ao redor de todo o mundo, mas principalmente se fertilizaram nos locais onde havia o aporte de políticos para validar seu posicionamento. Ao longo de todo o trabalho, será perceptível como os diferentes grupos negacionistas da rede se relacionam com

---

<sup>13</sup> Em tradução livre, estilo de vida, os influenciadores digitais vendem formas de viver, às vezes com foco em ostentação, ou em um estilo de vida saudável, acabam criando tendências e novos interesses nos usuários das redes.

o movimento político, e as narrativas de grupos de extrema-direita, tendo teorias da conspiração como base, fundamental, das narrativas desses grupos (MIRANDA, 2021).

### 1.2.1 – Negacionismo como projeto político

Antes de iniciar a análise das fontes, se faz relevante compreender algumas questões contextuais que envolvem a história recente do país, tendo como enfoque principal o crescimento do negacionismo na sociedade. O negacionismo é um movimento que se inicia por grupos de extrema direita na Europa e nos EUA que pretendiam relativizar os crimes causados pelo nazismo. Nesses grupos surgem autores que se autointitulam revisionistas;

“Se viam como fundadores de uma “escola revisionista” (...)e pretendiam conferir credibilidade intelectual e científica ao que não passava de falsificação e de distorção de evidências” (VALIM, et. al, 2021, p 14).

Ao se definirem dessa forma, esses autores, de fato, causavam certa confusão na opinião pública, o que acabou levando muitos historiadores a se posicionar incisivamente e de forma combativa a esses movimentos (VALIM, et. al, 2021, p 17). O historiador francês Vidal-Naquet é um dos que procurou combater o negacionismo em sua época, propondo métodos para historicizar esse fenômeno, e chamou seus métodos de “Anatomia da mentira” (CARDOSO, 2021, p 92). O autor compara os negacionistas com sofistas gregos, e cria propostas sobre como agir diante deles, em situações onde o debate é muitas vezes impossível, pois partem de uma conclusão que precede o estudo. Porém, tirando o enfoque de seu método, o autor coloca o negacionismo como parte da própria sociedade de massas, considerando a influência dos meios de comunicação e propaganda em massa nesse fenômeno (CARDOSO, 2021, p 93).

Essa questão dos movimentos contemporâneos da mídia e o negacionismo proporciona analisar as novas mídias e a disseminação desse fenômeno nas especificidades da “sociedade em redes”. A historiadora Sônia Meneses, em artigo para a Revista Brasileira de História de 2021, trabalha como as mídias sociais colocam em xeque a legitimidade das mídias tradicionais. Nesse texto, demonstra-se como a facilidade de produção e seleção de conteúdos a serem consumidos, promovida pela *internet*, possibilitou que as grandes mídias perdessem o monopólio do saber. Mesmo com o lado benéfico desse movimento, essa mudança gerou em consequência um espaço alternativo de construção de conteúdos voltados para um certo negacionismo em relação às mídias tradicionais, principalmente as de grande alcance, o que afetou a compreensão do jornalista profissional como alguém legitimamente preparado para a

investigação e transmissão de informações confiáveis, mudando, também, a relação da mídia com as chamadas ‘massas’, agora produtoras de conteúdo (MENESES, 2021, p 64).

Dessa forma, compreender o fenômeno negacionista e sua ligação com as redes é parte essencial dessa pesquisa. Pode-se interpretar o negacionismo, referente a variados tipos de ciência e estudos intelectuais, como ponto essencial da política que, no âmbito da realidade contemporânea do Brasil, pode ser denominada como “bolsonarista”. O trabalho de Pereira et. al. (2021) ajuda a compreender uma das formas de negacionismo que complementam essa política, é justamente o negacionismo político perpetrado pelo ex-juiz, e também ex-ministro, Sérgio Moro na conhecida Operação Lava Jato.

“A negação da política, cristalizada no antipetismo e traduzida no discurso lavajatista, criou as condições para que a cruzada bolsonarista contra a democracia se movimentasse da margem ao centro, isto é, realizando a passagem do ressentimento antidemocrático inconformado com o fim da Ditadura, atuando nas fendas do regime (Cf., entre outros, Pinha, 2020 e Bauer, 2020) para sustentar e acelerar o processo de reformas do Estado, inseridas em um programa neoliberal e conservador.” (PEREIRA et. al, 2021, p 138).

Essa “negação da política”, citada acima, parte de uma espetacularização da operação lava jato, expondo o processo, sob a justificativa de transparência, para criar uma narrativa construída como se fosse ‘contra a política’, esta identificada e considerada perpetuada no sentimento antipetista. Criando narrativas prévias sobre diversos temas, se tornava mais fácil adequar a realidade a um discurso, dessa forma, validando opiniões que não encontram lugar nas ciências ou literaturas acadêmicas.

O negacionismo, como política, é uma marca desse governo, mas não apenas dele, narrativas sobre passados traumáticas são comumente mobilizadas por estados-nação, principalmente quando esse trauma mobiliza uma imagem negativa em relação a algo, ou alguém de poder instituído. A historiografia japonesa é exemplo disso, onde não se valoriza a produção de trabalhos sobre os atos colonizadores do Japão, principalmente, por isso poder afetar a imagem da família dos imperadores, ainda no poder (NETO, 2021, p. 40). No Brasil não houve uma construção de uma memória que tratasse a ditadura civil-militar, proveniente do golpe de 1964, com a devida legitimidade e repercussão midiática, não houve grandes julgamentos, mas sim uma espécie de “acordo” feito pela Lei da Anistia de 1979. Além desse período, questões sobre a colonização, a monarquia e diversos outros períodos históricos vêm sendo retratadas de forma negacionista e enviesada por empresas que fazem parte de um projeto político neoliberal e conservador, um exemplo são as produções da empresa chamada “Brasil Paralelo”.

Dentro do contexto de negacionismo político e histórico, o que conhecemos como “bolsonarismo” se constrói, elegendo questões do imaginário que agrega essa narrativa que elege o mito Bolsonaro como representação desse movimento. Essa mobilização foi essencial nas eleições de 2018, sustentada em uma imagem antipetista já implantada, na prisão do principal antagonista dessa narrativa, no atentado contra o candidato, e uma série de discursos da grande mídia que colaboraram para essa narrativa, criando uma aparente reafirmação do discurso na realidade. Aparente reafirmação que não se mantém já nos primeiros anos do governo, com a demissão de ministros, investigações manipuladas contra o presidente e sua família, além de diversas polêmicas em relação a falas de membros do governo preenchem já os primeiros anos, e corroem parte da narrativa.

No início da pandemia de Covid-19, no Brasil, o bolsonarismo sofreu uma baixa essencial para a manutenção da narrativa anticorrupção, por conta do pedido de demissão de Sérgio Moro, um dos principais nomes para a disseminação do negacionismo político. No contexto citado, o negacionismo às ciências, para além das humanas já vastamente perpetrado, se amplia, assim, ciências da natureza e da saúde entram para o rol dos alvos do discurso do governo. Discursos anti-ciência já ocorriam, fazendo parte de uma grande mobilização contra as universidades públicas, sempre tidas como alvo do governo, no entanto, há, agora, um discurso direto contra medidas sanitárias e pesquisas científicas que não coadunassem com a narrativa errática, anti-científica e oportunista do governo em relação a pandemia.

### **1.2.2 – A pandemia e a narrativa bolsonarista**

#### **O início da pandemia**

O ano de 2020 é caracterizado, desde o início, pela preocupação em relação a epidemia que crescia em Wuhan, na China. O mês de março torna ainda mais palpável essa preocupação e, no dia 11 desse mês, a OMS (Organização Mundial de Saúde) classifica a Covid-19 como uma pandemia, demonstrando o caráter global da doença, e seu poder de transmissão. Apenas dois dias após essa classificação é publicado no *Instagram* oficial do presidente, a captura de tela contendo a imagem de uma gravação publicada na plataforma de vídeos *Youtube*, gravação feita de uma transmissão ao vivo. Nessa imagem, podemos perceber o uso de máscara pelo presidente, e a presença do então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta. O uso de máscara é informado na legenda da imagem por haver “*a suspeita ser*

*confirmada que estou com o vírus covid-19*” (@jairmessiasbolsonaro, 12/03/2020), portanto essa é a primeira menção sobre o coronavírus após a classificação de pandemia.

A pandemia aparece na legenda da imagem como uma das pautas da transmissão já realizada. Por essa razão, na transmissão, há o conselho aos seus apoiadores de não realizarem ato de apoio ao presidente, ato agendado para o dia 15 de março daquele ano. Há na legenda, também, duas questões que compõem a narrativa de seus apoiadores “Liberdade de pensamentos e manifestações” e “Indicação de Ministro do STF e a confiança no Presidente” (@jairmessiasbolsonaro, 12/03/2020). O uso da defesa da liberdade, é comumente utilizada na justificativa de diversas falas de cunho ofensivo pelo presidente e seus apoiadores, compondo parte na luta contra o “politicamente correto”, como é mostrado por Chagas, em relação ao uso do humor na campanha. O STF complementa parte dessa narrativa, por diversas ações contrárias a falas públicas do presidente e de apoiadores, dessa forma sendo visto que dão a ler o STF como instituição que atua com um poder ditatorial, que “atrapalha o presidente a governar”.

Mas para além dessas questões que compõe a publicação, há também as respostas, presentes na aba dos comentários, respostas que podem ajudar a compreender o posicionamento de parcela da população naquele momento. Há uma vasta quantidade de comentários contendo apelos em relação à política de prevenção, principalmente solicitando o fechamento das fronteiras:

“Excelentíssimo Senhor Presidente, fui sua eleitora e ainda lhe defendo das pessoas as quais lhe *defamam* [sic] com unhas e dentes, moro no extremo Norte do Brasil, bem na fronteira com a Venezuela e com a Guiana Inglesa, venho mui respeitosamente em nome de todos os Roraimenses lhe pedir para fechar as fronteiras, pois a imigração desenfreada ainda persiste, trazendo doenças como se pode verificar em todos os canais de notícias... Peço encarecidamente que olhe o exemplo dos Presidentes que fazem fronteira com outros Países e que fecharam de forma a proteger seu País da devastação que esse Covid-19 está causando...por favor, mande fechar as fronteiras!!!”(Instagram, 12/03/2020)

Nesse comentário, há um exemplo dos diversos apelos realizados. Nele percebe-se uma posição de respeito em relação ao presidente, numa forma que demonstra não querer ofender ou criticar, e sim realizar um pedido sincero. Há um esforço para demonstrar o apoio, e retirar do presidente qualquer responsabilidade ou culpa, normalmente vindas de difamação. Percebe-se um posicionamento de preocupação em relação a imigrantes de países vizinhos, delegando-os responsabilidade em relação a doenças e problemas sociais, posicionamento comumente defendido por líderes nacionalistas. Citar a Venezuela, país amplamente utilizado

como exemplo de “socialismo que deu errado”, e que compõe a narrativa do governo, demonstra ainda mais esse posicionamento.

O apelo de fechar as fronteiras é, como já dito, recorrente nesta publicação, mas outros comentários também trazem características relevantes, como o de outra apoiadora que escreve; “Clamamos por medidas extremas. Não se renda às articulações da China.” (*Instagram*, 12/03/2020), nesse comentário contém outro país “comunista”, comumente utilizado negativamente na narrativa da extrema direita bolsonarista, e que foi amplamente acusado de ser culpado pela pandemia. Esses comentários demonstram o temor do início da pandemia, e a forma de apoiadores do presidente, que já diminuía e ignorava a doença, pedirem ação do governo sem parecerem críticos ao presidente em si.

Porém, é tão recorrente quanto os apelos por uma ação do estado comentários pondo em dúvida os riscos da pandemia, principalmente por conter a indicação de não realizarem os atos de apoio agendados para o dia 15 de março daquele ano. As ações em relação à pandemia são adjetivadas como “pânico global”, o vírus é comumente adjetivado como “vírus comunista”. Pode-se inferir que essas caracterizações são resultado de uma série de narrativas disseminadas por outras redes, e que são novamente reiteradas em outros comentários.

Como, por exemplo, neste comentário; “Não é vírus, é uma arma biológica que a China deixou escapar só Jesus Cristo na causa.” (*Instagram*, 12/03/2020) Assim, além de uma xenofobia e um impulso anticomunista, podemos perceber a citada culpabilização da China pela pandemia. Complementando essa narrativa, há comentários citando a economia da China, que mesmo com o início da pandemia se mantém aquecida, tratando a pandemia, e a suposta disseminação intencional do vírus, como uma estratégia comercial do país. “Não embarca nessa não PRESIDENTE BOLSONARO. As bolsas do mundo estão em queda mas na China tá subindo...” (*Instagram*, 12/03/2020), revela outro comentário.

No próximo capítulo, as questões relacionadas ao anticomunismo, e que compõe a narrativa citada, serão analisadas mais profundamente. Na reação ao posicionamento do presidente, em aconselhar o fim das manifestações, cita-se, com frequência, as características antidemocráticas do ato e outras questões que compõe o contexto político, questões que também serão aprofundadas em outro momento. No momento, o que será analisado aqui, é a forma que a pandemia é recepcionada em relação as medidas indicadas por especialistas, e, principalmente, a característica que representa melhor esse primeiro momento, que revelam um esforço de concorrer para a diminuição do potencial dessa doença, e o uso de soluções simplistas, e até mesmo caseiras para isso.

Sobre a diminuição desse potencial, um dos discursos utilizados com maior frequência é a crítica à mídia tradicional, constantemente colocada como falaciosa e participando de uma conspiração global. Se faz frequente, também, aconselharem soluções para a doença, tal como observa-se no comentário seguinte:

“Os antigos alguns se curavam com rapadura é [sic] água essas gripes !!! Outros conhaque mel e limão ! Eu [sic] pastilha benalette vermelha e vibral [sic] corta antes tudo!...” (*Instagram*, 12/03/2020).

Percebe-se no texto a busca de soluções que não encontram validade nas medidas aconselhadas por especialistas e órgãos de saúde. Em outros comentários, afirmações, sem comprovação científica, afirmam a impossibilidade desse vírus se disseminar no Brasil por suas características climáticas. Esses exemplos representam como a parcela mais alinhada com as políticas do governo recebem a pandemia, com desconfiança da mídia, com soluções simplistas e, até mesmo, a negação da existência, ou dos perigos, da doença.

Um dia após a publicação citada, uma nova publicação traz o resultado do exame, feito em ocasião da suspeita de infecção pelo coronavírus. Nessa publicação, do dia 13 de março de 2020, há uma legenda simples, afirmando o resultado negativo do teste. No entanto, o mais marcante da publicação, é a imagem que a compõe: na imagem vemos outra captura de tela, de uma entrevista dada por Bolsonaro. Essa captura de tela mostra o momento no qual o presidente, em frente a um púlpito, realiza um gesto popularmente conhecido como “dar uma banana”, onde um de seus braços é movimentado em riste, enquanto outro é cruzado sobre ele. Esse gesto citado é um gesto ofensivo, com teor vulgar, e no púlpito em frente, há microfones com os logotipos de diversas emissoras de televisão que compõe a grande mídia (@jairmessiasbolsonaro, 13/03/2020).

Os comentários demonstram que a mensagem, pretendida pela imagem publicada, alcançou o objetivo. Ao realizar o gesto em frente a microfones que representam as emissoras da grande mídia, Bolsonaro se exprime de modo ofensivo à audiência e, assim, caracteriza essas emissoras como rivais, com deboche, como causadoras de alarde. Uma apoiadora diz;

“não aceite provocação da mídia, siga como o senhor é, o senhor foi eleito pelo povo e votarei novamente no senhor e mais uma vez, meu presidente, não aceite provocação da mídia” (*Instagram*, 13/03/2020).

As reportagens da grande mídia que informavam a possível infecção do presidente são vistas como provocação, como uma perseguição ao presidente. Nessa narrativa, os adversários políticos não recebem a mesma “perseguição”. É possível ver isso na publicação de outra apoiadora;

“Lula voltou da *europa* [sic] e pode *esta* [sic] com o *corona virus* sua *acessória* [sic] o colocou de quarentena e não deixou ser divulgado se fez ou não os testes de verificação!!!! A mídia não tá citando nada...” (*Instagram*, 13/03/2020).

Ao comparar o trato da mídia em relação aos dois políticos, a apoiadora dá a entender a preferência dada ao político petista em relação ao presidente. Dessa forma, a imagem de uma mídia alinhada à esquerda é reiterada, aumentando, assim, a dúvida em relação as produções jornalísticas. No mesmo dia, há outra publicação, contendo a captura de tela de uma publicação de outra rede social do presidente, no *Twitter*. Nessa publicação contém as falas “NÃO ACREDITE NA MÍDIA FAKE NEWS!” e “SÃO ELES QUE PRECISAM DE VOCÊS!” (@jairmessiasbolsonaro, 13/03/2020), os comentários que compõe essa publicação, demonstra que, para parcela dos apoiadores, ao noticiar a possível infecção, a mídia desejava a morte do presidente, como se vê no comentário de uma apoiadora: “A mídia podre já estava abrindo a cova para o senhor” (*Instagram*, 13/03/2020).

Para completar as principais questões que compõe esse primeiro mês de pandemia, no dia 21 de março, é publicado mais outra captura de tela, contendo uma manchete do jornal Folha de São Paulo (@jairmessiasbolsonaro, 21/03/2020). Nessa manchete é noticiado que o presidente ordenou a produção de hidroxicloroquina pelo exército, medicação utilizada para combater a malária e sem comprovação de eficácia contra o coronavírus. Dessa publicação, é relevante destacar duas coisas, a defesa de uma medicação não comprovada como solução final para a covid-19, e, novamente, a mídia colocada em destaque como adversária. A defesa da cloroquina corrobora para o que já vinha acontecendo entre os apoiadores, mesmo que no texto que acompanha a publicação, o presidente afirme possível ineficácia, esse destaque dado ao medicamento leva parcela de seus apoiadores a automedicação. Complementando a questão da mídia, novamente, destacar um dos jornais que formam a grande mídia reforça o discurso criado em relação à imprensa, como afirma o perfil “luta\_brasiloficial”, estando certo ou errado “a imprensa sempre vai bater” no presidente, adjetivando ainda como “imprensa vermelha”.

Pode-se perceber então, que a pandemia é recebida pelo presidente e seus apoiadores como algo que não é tão preocupante. Setores da sociedade são eleitos como rivais, colocados sob a imagem de parte do que compõem os setores da esquerda. Esses setores, eleitos como rivais, possibilitam compor uma narrativa que colabore para a forma que o governo decide lidar com a pandemia. Um dos setores eleitos como rivais, desde antes do governo ser eleito, é o setor da educação pública superior, as universidades são vistas pelo governo como um ambiente de “balbúrdia” contendo “doutrinação marxista”, tal como expresso pelo Ministro



da Educação à época. Mesmo que, nas publicações citadas, o perfil do presidente não comente sobre essas universidades, é possível encontrar comentários que trazem as universidades como questão. Como exemplo desse discurso onde as universidades e a ciência são colocadas em dúvida, temos o comentário a seguir:

“Presidente essa é a hora de Centros de Pesquisas aqui do Brasil surpreender e apresentar respostas aos anseios da Sociedade no Combate ao Corona Vírus! Até o momento não se tem uma vacina mas tem como identificar os doentes... Tem que cobrar dos Pesquisadores ! [sic] Assim nunca terão um Brasileiro com Prêmio Nobel não... Centros de Pesquisas apresentem Resultados ! [sic] KD [sic] UNICAMP ? [sic], O QUE PRODUZ? OU SÓ ACEITA DROGADOS É [sic] MACONHEIROS ? [sic] ONDE ESTÃO OS CÉREBROS INTELIGENTES QUE DEE [sic]” (*Instagram*, 12/03/2020).

Nesse comentário percebemos a caracterização dada por esse apoiador aos pesquisadores das universidades do país, cobrando deles resultados. Ao questionar “O QUE PRODUZ?”, o autor põe em dúvida se a universidade de fato produz algo, como se não houvesse, por essas instituições, nenhum tipo de pesquisa, e, mais a frente, ao dizer “OU SÓ ACEITA DROGADOS É MACONHEIROS?” se refere a um dos estereótipos, de teor moralista, colocado como justificativa de não investir nesses setores.

Essa crítica às universidades é causada pela ampliação dos investimentos e das criações de vagas dessas instituições, investimentos que ocorreram em governos anteriores, além de uma ampliação de pesquisas que debatem e põe em dúvida questões que compõe o discurso de setores conservadores da sociedade. Dessa forma, pesquisadores são classificados, junto com os jornalistas e profissionais da imprensa, como parte da esquerda, e, com isso, esses setores que são essenciais para a transmissão de informação e conhecimento, são estigmatizados como ideológicos. Ao questionar as ações do governo, esses setores são ditos como causadores de problemas, como se atrapalhassem a sociedade. Na já citada publicação de 21 de março, referente à manchete de Folha de São Paulo, na legenda da publicação consta a frase; “Enquanto uns seguem buscando o caos, seguimos buscando soluções para proteger a nossa nação!” (@jairmessiasbolsonaro, 21/03/2020), destacando a notícia como “buscando o caos”. Essa frase da legenda é reiterada em comentários, como o feito por um apoiador:

“... se não faz é desleixo e se faz é precipitação. CHEGA DE POLITICAGEM ... Será que é hora de perder tempo fazendo críticas enquanto pessoas estão morrendo nos hospitais? Deixa o cara trabalhar pelo amor de Deus.”(*Instagram*, 21/03/2020).

Dessa forma, notícias que não corroborem com as ações do governo são colocadas como politicagem, como se não deixassem o “cara trabalhar”, pois atrapalham a ação do governo.

## A pandemia se intensifica

As questões citadas acima acompanham todo o período da pandemia, podendo ser realizada a análise de fontes com esse teor negacionista em todos os meses a seguir, que complementariam esses debates, no entanto, a vasta quantidade de material faz com que seja necessário optar por uma análise de um número menor de fontes em um período maior por meio de recortes. Do mês de abril de 2020 em diante, por exemplo, há um crescimento exponencial do número de casos e morte, sendo a chamada primeira onda. De agosto em diante há uma queda contínua, até a segunda onda, que se inicia em 2021. No dia 25 de julho, ápice dessa primeira onda, é publicado no perfil oficial de Bolsonaro no *Instagram*, uma foto onde segura em uma mão uma caixa de hidroxicloroquina e com a outra faz um sinal afirmativo, popularmente conhecido como “joia”. Na legenda da publicação, apresenta-se a afirmação de um resultado negativo para infecção por coronavírus (@jairmessiasbolsonaro, 25/06/2020). Percebe-se que, em meio ao, até então, momento mais intenso da pandemia, há, por parte do presidente, um reforço reiterativo em soluções não comprovadas para o combate a pandemia.

Medidas preventivas, como o uso de máscara e o, comumente conhecido, “*lockdown*”, que são amplamente aconselhados pelas organizações de saúde, são postos em dúvida nos discursos do governo e apoiadores. Já no mês de agosto de 2022, onde as mortes totais já ultrapassam os cem mil, no dia 9 de agosto, é publicado no *Instagram* do presidente uma imagem de Jair Bolsonaro, com a mão no peito, em posição de respeito, enquanto chove. Na mesma publicação, há uma segunda imagem, uma captura de tela de uma manchete do jornal britânico *Daily Mail*, que diz “*Lockdown ‘killed two people for every three that died of coronavirus’*” (@jairmessiasbolsonaro, 09/08/2020). Em conjunto com essa publicação, há uma legenda que afirma que o “*lockdown*” é uma medida ineficaz, e utilizando os dados da reportagem citada como argumento. Lendo a reportagem, disponível no site do jornal<sup>14</sup>, percebe-se que as mortes citadas são relacionadas mais com a separação de leitos para covid-19, do que com o fechamento de comércios. Mostrando, muito mais, uma ineficiência do sistema de saúde britânico perante a alta demanda causada pela pandemia, do que a

---

<sup>14</sup> DANYAL, Hussain. Lockdown ‘killed two people for every three that died of coronavirus’: 16,000 people in the UK died in five weeks as hospitals shut down to deal with COVID while 25,000 died from the virus. **Daily Mail**, [S. l.], 7 ago. 2020. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-8605885/Lockdown-killed-two-people-three-died-coronavirus.html>. Acesso em: 1 jun. 2022.

ineficiência da medida preventiva. Um olhar mais atento revela a manipulação, isto é, o deslocamento do sentido na matéria original, que propicia o outro significado que se pretende afirmar.

Entretanto, a manchete é usada de forma a comprovar, para os seguidores do presidente, que suas críticas a essa medida preventiva eram corretas. Além disso, na legenda consta críticas às emissoras de televisão e a defesa do uso de hidroxicloroquina. Essa publicação foi feita um dia após o número de vítimas fatais da Covid-19 alcançar cem mil. Pode-se interpretar a publicação como uma medida defensiva em relação às críticas sofridas, e também um ataque às grandes mídias que realizaram reportagens noticiando o número de mortes ocorridos.

Nessa publicação há, portanto, uma posição que revela uma intenção de se eximir da culpa, afirmando, por um lado, que um *lockdown* realizado pelo governo federal causaria mais mortes, e que houve uma solução mais eficaz por parte do governo, com o uso de hidroxicloroquina. Além de se eximir da culpa, há uma culpabilização da grande mídia, em específico criticando o posicionamento “daquela grande rede de TV”, deixando subentendido a rede Globo de Televisão que, segundo a legenda no perfil do presidente, “só espalhou o pânico na população e a discórdia entre os Poderes” (@jairmessiasbolsonaro, 09/08/2020). E que, em relação ao uso de medicamento:

“debochou e desestimulou o uso da Hidroxicloroquina que, mesmo não tendo ainda comprovação científica, salvou a minha vida e, como relatos, a de milhares de brasileiros” (*Instagram*, 09/08/2020).

Dessa forma, com a repetição desses discursos, ele culpabiliza a mídia, e em especial a rede globo de televisões, por desmotivar a população ao tratamento adequado e criar pânico quanto ao vírus. Além de pretender desmoralizar a emissora, dando a entender que as críticas à política do governo, vem da perda de verbas dadas por governos anteriores;

“Estão com saudades daqueles governantes que sempre os colocavam como prioridade ao fazer o Orçamento da União, mesmo sugando recursos da saúde e educação.” (*Instagram*, 09/08/2020).

Dando a entender que as críticas à ineficácia das ações, ou falta de ações, do governo, são na realidade uma espécie de reação ao fim do que, desde a campanha, Bolsonaro chama “mamata”. O apoio de uma empresa de comunicação a seu governo seria, para ele, uma resposta direta aos recursos destinados pelo Governo Federal à referida empresa, que não poderia exercer sua função de jornalismo crítico em relação às políticas públicas.

O fato de essa publicação ser realizada em um momento tão marcante da pandemia, faz com que ela carregue não apenas mensagens de apoio, mas também de críticas, inclusive de autodeclarados antigos eleitores. No entanto percebemos nos comentários o efeito discursivo da publicação. Os argumentos utilizados, os posicionamentos e acusações feitas não são novos, ao contrário, compõem a narrativa reiterada desde o princípio da pandemia, com afirmações que podem ser vistas desde, até mesmo, a campanha presidencial de 2018. Dessa forma, as acusações feitas compreendem a narrativa já concebida pelos apoiadores como ‘a verdade’. Isso se reafirma pelo fato de o presidente destacar que a emissora citada “debochou e desestimulou o uso da Hidroxicloroquina”. Pode-se entender a defesa da hidroxicloroquina como central na narrativa sobre a pandemia em todo o ano de 2020. Nesta narrativa, coloca-se que já há uma resposta para a covid-19, e que Bolsonaro se prontificou para solucionar o problema. Por outro lado, segundo o discurso presidencial, essa resposta, o uso de hidroxicloroquina, é desestimulado pela mídia, e outros órgão, por interesses políticos. Dessa forma, nesse discurso, a mídia e ‘outros opositores’, utilizam da desinformação por interesses ideológicos, impedindo que a pandemia seja solucionada com o uso da medicação citada.

Essa narrativa permite ao governo Bolsonaro se eximir de suas responsabilidades quanto às medidas sanitárias. Esse posicionamento levou a crises dentro do próprio governo, havendo, até o mês de agosto, duas trocas de ministros no Ministério da Saúde. Inicialmente dois médicos passaram pelo cargo, no entanto, tiveram conflitos com o governo, ao não aceitarem compor a narrativa negacionista de defesa do uso do medicamento citado no combate a Covid-19. O terceiro ministro a assumir o cargo em 2020, o general do exército Eduardo Pazuello, se manteve até o início de 2021, isto é, se manteve no cargo exatamente por corroborar com esse posicionamento negacionista do presidente.<sup>15</sup>

Ao utilizar o termo negacionista, aqui, compreende-se o negacionismo como a defesa de uma concepção prévia de algo, no caso a “solução para a covid”, atacando qualquer análise científica que não corrobore para essa compreensão. Dessa forma, a defesa feita por Bolsonaro de medicações não comprovadas como eficazes para esse vírus, é tratada como premissa de seu discurso, colocando em prova não essa eficácia, mas as dúvidas de quem o

---

<sup>15</sup> “Passou-se um ano de pandemia e já passamos por quatro ministros da saúde: Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich, Eduardo Pazuello e, agora, Marcelo Queiroga.” Para ler mais sobre a troca de ministros acessar: <https://www.ufrgs.br/humanista/2021/03/25/covid-19-troca-de-ministros-e-sintoma-de-doenca-mais-grave-afirma-especialista-em-saude-coletiva/> acesso em: 16/06/2022

confronta. Em uma transmissão ao vivo do dia 16 de julho, realizada pela rede social do presidente no *Facebook*, a fala a seguir, transcrita pelo jornal Estado de Minas, se destacou;

“Ainda tem estado [sic], eu pedi para a Saúde levantar, que está proibindo a tal da cloroquina. A hidroxicloroquina. Tá proibindo. Se não tem alternativa, por que proibir? ‘Ah, não tem comprovação científica que seja eficaz.’ Mas também não tem comprovação científica que não tem comprovação eficaz. Nem que não tem, nem que tem” (MARTINS, 2020)<sup>16</sup>.

A fala acima, um tanto confusa, demonstra que na gestão do Ministro Pazuello, a defesa do uso da cloroquina não é apenas discursiva, mas defendida oficialmente e posta em prática. E, sobre a questão da narrativa negacionista, pode-se compreender que, para garantir legitimidade a suas falas, e, em contraponto, deslegitimar a de quem o presidente considera como opositores, há uma inversão do ônus da prova, já que “não tem comprovação científica que não tem comprovação eficaz”. Dessa forma, quem critica essa ação do governo, é elencado da posição de quem questiona, para quem é questionado, em conjunto com isso, uma narrativa pondo em dúvida a honestidade de diversos setores possibilita tanto a perseguição do posicionamento desses indivíduos ou órgãos, quanto dúvidas sobre a sua ética e intencionalidade.

Para colaborar com essa narrativa, durante os meses citados até aqui, a hidroxicloroquina é citada em publicações do *Instagram* oficial, muitas vezes se utilizando de manchetes que apresentam interpretação dúbia, porém que dão a entender uma confirmação de seu posicionamento. Em uma publicação, do dia seis de junho daquele ano, é possível identificar isso, porque há uma foto de uma edição física de um jornal contendo a manchete “Cientistas pedem desculpas por erro” (@jairmessiasbolsonaro, 06/06/2020). A notícia indica que uma publicação da revista científica *The Lancet*, que comprovava eficácia do uso de hidroxicloroquina para tratamento do novo coronavírus, foi removida por não poder atestar a veracidade das fontes primárias. As desculpas citadas na manchete são feitas pelos pesquisadores que afirmaram a eficácia, portanto, a reportagem indica a não comprovação do uso da medicação.

A imagem da notícia foi publicada sem nenhuma legenda pelo perfil, apenas imagem e o texto que a compõe sugerem ser possível ler a reportagem e compreender seu conteúdo, no entanto, é possível inferir, pelos comentários, que houve a compreensão contrária do texto.

---

<sup>16</sup> HUMBERTO, Martins. Bolsonaro sobre cloroquina: 'Não tem comprovação que não tem comprovação eficaz. Nem que não tem, nem que tem'. Estado de Minas, [S. l.], p. 1, 16 jul. 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/07/16/interna\\_politica,1167701/bolsonaro-sobre-cloroquina-na-o-tem-comprovacao-que-nao-tem-comprovac.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/07/16/interna_politica,1167701/bolsonaro-sobre-cloroquina-na-o-tem-comprovacao-que-nao-tem-comprovac.shtml). Acesso em: 1 jun. 2022.

Para uma parcela dos comentários, os cientistas se desculpam por terem posto em dúvida a eficácia da medicação, afirmando assim a posição do presidente como correta. Essa percepção é possível em comentários como o do deputado estadual do Espírito Santo, Lucinio Assunção, conhecido como Capitão Assunção, que escreve: “Assassinos. Quantas vidas poderiam ter sido salvas. Bolsonaro sempre esteve certo!” (@capitaoassumcao, 06/06/2020), dando a entender a posição correta do presidente. Outros políticos comentam a publicação indicando a mesma compreensão, como o deputado estadual André Fernandes do Ceará:

“Se desculpar com as famílias das vítimas depois de causar tanto estrago? Covardes!!! No início chamaram Bolsonaro e Trump de loucos por incentivarem o uso da cloroquina. Hoje ficam pedindo desculpas. Infelizmente se desculpar não vai salvar vidas, deveriam pagar pelas vidas perdidas! Canalhas!” (@andrefernm, 06/06/2020).

É possível compreender, de forma ainda mais clara, a interpretação de que as desculpas foram feitas por descobrirem eficácia. Outro político, Carlos Manato, do Espírito Santo comenta:

“E todos que acreditaram que a Cloroquina não tinham eficácia e morreram??? E a mídia que deu voz as mentiras da OMS?? Não vai se retratar também?? Levaram pânico e terror as famílias, por terem o presidente como alvo. O lugar de vocês na história já está sendo escrito.” (@manato\_es, 06/06/2020).

Esses comentários tem de mil a mais de dez mil “curtidas”, uma interação que representa ter gostado ou aprovado uma publicação ou comentário. Não é possível afirmar que esses políticos compreenderam a publicação, porém utilizaram esses comentários para a desinformação. No entanto, o alto grau de interações positivas nesses comentários, demonstra quantos foram levados a compreender erroneamente a reportagem.

Essas publicações defendendo o uso da medicação são comuns durante todo o período estudado, mas, no mês de julho, são complementadas com a “experiência pessoal” do presidente que disse ter sido infectado pelo vírus. Culminando na publicação do dia 25 de julho, a primeira citada nessa parte do texto, onde segura a caixa de hidroxicloroquina, afirmando sua eficácia. Essa experiência pessoal é bastante frequente entre os apoiadores:

“Estou c Bolsonaro, ele tem razão ...  
Meu marido, meu filho, minha nora, pai e mãe da minha nora. Curado da COVID. Com H cloroquina e AZT” (Instagram, 25/07/2020).

Dessa forma, o debate sobre as medidas de combate à pandemia toma um teor bastante opinativo, onde experiências pessoais são elevadas ao mesmo patamar de validação que pesquisas científicas.

“Não conheço ninguém que se tratou com CLOROQUINA no início dos sintomas e foi entubado! NINGUÉM!” (*Instagram*, 25/07/2020).

O uso da cloroquina é, então, constantemente reiterado, autorizado como panaceia tanto pela experiência pessoal, quanto pela leitura distorcida de artigos acadêmicos e jornalísticos. No entanto, essa narrativa constantemente reiterada gera a desconfiança de outros órgãos e setores da sociedade e do Estado. Isso pode ser visto pela relação do poder executivo de Bolsonaro, e o poder judiciário, caracterizando o Supremo Tribunal Federal - STF como um incômodo para o bom andamento do governo. No mês de junho, é produzida uma nota técnica do Ministério da Saúde onde consta aconselhamentos sobre o uso de hidroxicloroquina e azitromicina. Há, por meio do STF, ações de investigação a essa medida do governo, agora oficial, de defesa do uso de medicamentos não comprovados. O STF já era alvo de ataques dos apoiadores do presidente, tanto em comentários da *internet*, quanto em cartazes das manifestações, ataques que ganham mais uma justificativa para serem feitos.

Porém, mesmo com o STF, reagindo e sendo incorporado a essa narrativa durante todo o governo, nas publicações do presidente são, comumente, comentados tais reações de forma bastante indireta. Na já citada publicação do dia 9 de agosto, Bolsonaro, ao criticar a Rede Globo pela reportagem sobre as cem mil mortes, repete que a emissora “só espalhou o pânico na população e a discórdia entre os Poderes” (@jairmessiasbolsonoro, 09/08/2020). Ao responsabilizar a emissora pela “discórdia entre os Poderes”, o presidente se exime de criticar diretamente este outro poder, colocando a origem do conflito em um terceiro. No entanto, essa ação com certo teor “apaziguador”, pelo menos em relação aos poderes, não impede os apoiadores de acusarem o STF nos comentários, em uma sucessão de comentários afirmativos e beligerantes, ainda que equivocados, previamente semeados:

“Já pensou se Bolsonaro tivesse, a frente do combate à pandemia e liberado o uso da hidroxicloroquina no país? O Brasil seria o país com o menor número de mortos por covid NO MUNDO. Todos os países o admirariam. A direita teria uma grande força nas próximas eleições. E foi por isso q o STF tirou esse poder de suas mãos.” (*Internet*, 09/08/2020).

No comentário acima, o STF é colocado diretamente como o adversário, aquele que impede o presidente de realizar o seu trabalho. Dessa forma, mesmo que não critique diretamente o poder judiciário, a grande disseminação do discurso em que esse órgão supremo da República é construído como inimigo possibilita que ele se reproduza sem a ação direta do Presidente.

Os posicionamentos a favor do uso de medicações sem comprovação científica e contrárias ao *lockdown* continuaram a ser reiteradas pelo perfil do Presidente. O uso de

hidroxicloroquina, somado a azitromicina e ivermectina, ganhou, popularmente, o nome de “*Kit Covid*”. Esse coquetel de remédios passou a ser prescrito por médicos que apoiavam o presidente e por secretarias de estados e municípios governados por políticos aliados ao longo de todo o final de 2020 e o ano de 2021. Houve uma grande defesa do chamado “tratamento precoce” utilizado arbitrariamente pela população brasileira<sup>17</sup> e a automedicação, até de pessoas não infectadas, passou a ser uma questão problemática no país.

Contra o *lockdown*, houve no dia 2 de setembro outra publicação que complementa a do dia 9 de agosto. Nela, o perfil do presidente compartilhou uma imagem de Bolsonaro com dois recortes que continham manchetes postas ao lado do rosto do presidente. Em um dos recortes a manchete, do dia 30 de março, contém uma afirmação dele: “Fome mata mais que o vírus”. Na manchete do outro recorte, do dia 31 de agosto, está escrito: “Fome ameaça matar mais gente do que coronavírus em 2020” (@jairmessiasbolsonaro, 02/09/2020). Novamente é uma publicação sem legendas, permitindo que os apoiadores comentem. Há uma grande quantidade de comentários com a frase “Bolsonaro tinha razão”, referência a uma frase comumente utilizada para se referir ao falecido “guru da direita”, o autor, autodeclarado filósofo, Olavo de Carvalho.<sup>18</sup>

A fala inicial do presidente já indica uma forma comum de distorcer as questões, ao exigir medidas de combate à pandemia, e assinalar que as questões socioeconômicas são claramente essenciais. No entanto, para não realizar o *lockdown*, que atrapalharia a economia e agravaria desigualdades sociais, o presidente dissocia a questão sanitária da socioeconômica. Ao realizar essa separação das questões econômicas e sanitárias, é fácil colocar as problemáticas em uma falsa priorização. Claramente os efeitos da pandemia levariam a crises econômicas, o fato dessa questão se mostrar na prática comumente demonstraria o resultado da incompetência do governo para lidar com a situação, porém há uma inversão intencional por meio da construção narrativa do discurso negacionista. No mês

---

<sup>17</sup> Conforme esclarecido pela CPI da Pandemia, que investigou a omissão do governo Bolsonaro em relação as medidas sanitárias, destacando a defesa do “Kit Covid” pelo governo, e a destinação de verba pública. Durou de 30/06 a 26/10/2021, mais informações em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/ao-vivo/cpi-da-pandemia>  
Acesso em 04/08/2022

<sup>18</sup> Autodeclarado filósofo, Olavo de Carvalho foi um dos principais representantes da extrema-direita no Brasil, tendo escrito livros que inspiraram ideologicamente movimentos como o ‘bolsonarismo’, faleceu de ‘insuficiência respiratória aguda’ no dia 24/01/2022.



de outubro, outra questão bastante relevante circula nos meios internacionais, e aparece intensamente em debate: a vacinação.

### **A vacina**

No mês de outubro de 2020, a questão da vacinação contra o novo coronavírus começa a aparecer no perfil do presidente. Desde julho, vacinas em fase final de produção são anunciadas na imprensa do Brasil e do mundo. No dia 16 de outubro, é publicado no perfil de Bolsonaro a posição do governo em relação a vacinação (@jairmessiasbolsonaro, 16/10/2020): a publicação contém uma foto dele, e uma legenda contendo as leis em relação a vacinação. Ao acrescentar as leis que regulamentam a questão na legenda, há um destaque para termos que indicam que o governo pode optar pela vacinação obrigatória, mas não é obrigado. Na conclusão da legenda, sem qualquer divulgação oficial em termos de política pública, então, aparece o seguinte texto informativo:

“O @minsaude irá oferecer a vacinação, de forma segura, sem açodamento, no momento oportuno, após comprovação científica e validada pela ANVISA, contudo, sem impor ou tornar a vacinação obrigatória.” (@jairmessiasbolsonaro, 16/10/2020).

Pode-se perceber nesse texto que a posição em relação a vacinação é exatamente a oposta em relação ao uso de hidroxicloroquina e outros medicamentos. Há uma afirmação de que a vacina será oferecida, no entanto, essa afirmação é seguida de uma fala sobre grande cautela e sem um possível prazo, somente um vago “momento oportuno”. Conclui-se a legenda com o principal posicionamento do governo em relação a vacinação, qual seja, a não obrigatoriedade.

Uma questão que baseia a defesa da não obrigatoriedade é uma ideia distorcida e vazia de liberdade, como se observa, nos comentários se vê falas como “Ditadura não”, vendo a obrigatoriedade da vacinação como um ato ditatorial. Esse posicionamento vem de uma noção liberal da política – em que a liberdade é invocada para justificar a omissão da responsabilidade política e da orientação governamental em relação aos cidadãos – e, assim, tem sido bastante utilizado para justificar diversas ações, uma defesa constante de uma liberdade plena, porém muitas vezes irresponsável. O deputado mineiro Bruno Engler reitera nos comentários essa defesa pela ‘liberdade’: “Isso, Presidente, sempre defenda as liberdades.” (@brunoenglerdm, 16/10/2020).

Esse posicionamento, não por acaso, vem em um momento de conflitos políticos entre o até então, governador de São Paulo, João Dória, que havia investido numa produção conjunta entre o Instituto Butantan e uma empresa chinesa da CoronaVac, e o presidente. Antes aliados, o posicionamento divergente entre os políticos acabou causando um descontentamento dos apoiadores paulistas do presidente em relação ao governador. É possível perceber esse conflito nos comentários que compreendem a publicação como uma resposta ao governador; “Isso quer dizer que o “#ditadoria” não poderá nos obrigar?” (*Instagram*, 16/10/2020). Nesse comentário de uma apoiadora do presidente, ela expressa o termo “ditadoria”, uma junção de ditadura com Dória, demonstrando a forma autoritária que os apoiadores do presidente percebem o governador naquele momento. Outro apoiador diz, ainda: “O Paulista jamais se curvará!”, se posicionando quase como um rebelde em relação as atitudes, consideradas por eles, autoritárias. Essas medidas “autoritárias” foram fonte de reclamação diversas vezes por pessoas que não apoiavam leis que pretendiam impedir aglomerações, ou que obrigassem o uso de máscaras.

O fato de a vacina ser feita por laboratórios chineses complementam ainda mais o posicionamento, como no comentário de outra apoiadora:

“Graças a Deus, porque não tomo vacina da China de forma nenhuma, meu presidente nos proteja das loucuras do *ditadoria*.” (*Instagram*, 16/10/2020).

Nesse comentário a apoiadora enfatiza não tomar a “vacina da China”, colocada no conjunto de “loucuras” promovidas por Dória durante a pandemia. Essa defesa pela não obrigatoriedade é reiterada constantemente nas redes sociais do Presidente durante esse mês.

No dia 21 de outubro, o perfil de Bolsonaro faz uma publicação se posicionando diretamente em relação a CoronaVac, contendo uma foto do rosto do presidente, e com uma grande legenda com a frase: “A vacina Chinesa de João Dória”, introduzindo o texto. No texto, destaca-se, por meio do uso da chamada caixa alta, quando todas as letras do texto são maiúsculas, que qualquer vacina para o governo Bolsonaro deve ser “COMPROVADA CIENTIFICAMENTE PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE e CERTIFICADA PELA ANVISA” (@jairmessiasbolsonaro, 21/10/2020), posição correta, embora não defendida ou operacionalizada como política pública, e que, na realidade, não foi contraposta por ninguém. Essa posição acaba sendo um tanto contraditória se comparada à defesa constante do uso de medicamentos sem essa comprovação. Ainda destaca no texto que “O povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM.” (@jairmessiasbolsonaro, 21/10/2020).

Para concluir o texto da publicação, afirma-se que não há justificativa para um “bilionário aporte financeiro” em um medicamento que ultrapassou a fase de testagem, definindo a decisão por “não adquirir a referida vacina”. Por se tratar do perfil do presidente, há uma grande quantidade de apoio, mas claramente há posicionamentos críticos, como em todas as publicações. Um desses comentários indica a incoerência no argumento:

“E a cloroquina que foi comprovada cientificamente como ineficaz e mesmo assim vc [sic] autorizou a produção em larga escala com meu dinheiro?” (*Instagram*, 21/10/2020).

O autor desse comentário lembra a grande quantidade de dinheiro público gasto com a fabricação e importação de hidroxicloroquina pelo governo, já no início da pandemia. O que compõe a percepção desse posicionamento do governo como muito mais político do que técnico. No entanto, outros comentários colaboram para a narrativa presidencial, compondo e fomentando questões conspiratórias disseminadas desde o início da pandemia. O comentário a seguir é um exemplo disso:

“China cria o vírus e ainda temos que comprar a vacina deles? Muito suspeito não? Não passou nem nos testes ainda! Parabéns presidente” (*Instagram*, 21/10/2020).

No comentário acima, percebem-se as teorias conspiratórias sobre a origem do vírus e sobre o uso lucrativo da pandemia pela China. A autora do comentário cita que “Não passou por testes ainda”, porém citar inicialmente o fato de a vacina ter a China como criadora destaca essa questão como principal motivo de desconfiança. Comentário que é reiterado por outros apoiadores, como o dessa outra apoiadora: “Eles fazem o vírus e vendem a vacina??? Hipocrisia” (*Instagram*, 21/10/2020), reiterando a culpabilização da China. Outro comentário crítico, no entanto, demonstra essa questão da origem da vacina: “A vacina está na mesma fase que da Oxford! Mas só a de Oxford que presta.” (*Instagram*, 21/10/2020), destacando a diferença de trato entre as vacinas, em relação ao preconceito quanto à origem, pelo presidente. Em resposta ao comentário uma apoiadora diz: “não enxerga o que a China fez aí mundo” (*Instagram*, 21/10/2020), o final pode ser compreendido como “fez no mundo”, esse comentário reitera a culpabilização da China e a aversão construída e disseminada discursivamente à vacina produzida por eles.

Essa luta pela não obrigatoriedade da vacina se mantém durante todo o período pandêmico (até hoje faz parte de uma política pública pouco organizada, afirmada e colocada

sob suspeita no Brasil). No dia 8 de dezembro é produzida, novamente, uma publicação com uma foto do presidente e a legenda sobre esse tema: dois pontos

“O Brasil disponibilizará vacinas de forma gratuita e voluntária após COMPROVADA EFICÁCIA E REGISTRO NA ANVISA. Vamos proteger a população respeitando sua liberdade, e não usá-la para fins políticos, colocando sua saúde em risco por conta de projetos pessoais de poder.” (@jairmessiasbolsonaro, 08/12/2020).

Na legenda se destaca a necessidade da comprovação e reitera que a vacinação será voluntária, em seguida a palavra liberdade sendo novamente reiterada. Nos comentários, políticos apoiadores reafirmam essa defesa pela liberdade (mais uma vez colocada em contraposição a uma reiterada recomendação das autoridades de saúde mundiais, inclusive brasileiras), como o comentário do deputado estadual, pelo Rio de Janeiro, Anderson Moraes.

“Protocolamos no Rio projeto para vedar a obrigatoriedade da vacinação compulsória, a liberdade individual começa com o respeito!” (@deputadoandersonmoraes, 08/12/2020).

A liberdade individual é utilizada como base para contrapor as políticas de adversários, caracterizando-os contra avessos a liberdades, ou melhor, ditadores. O resultado pode ser percebido em comentários como o desse apoiador: “Nada do ditadorzinho dória querer enfiar a vachina goela abaixo” (*Instagram*, 08/12/2020), novamente se referindo ao Dória e a CoronaVac. Outro apoiador reafirma a ideia de que a vacinação é apenas autopromoção do Governador Dória:

“Vacinação ou autopromoção!? Dória não sabe mais o que fazer para tirar o brilho de uma boa gestão do governo bolsonaro à frente do Brasil !!!” (*Instagram*, 08/12/2020).

Novamente, a ideia de estarem atrapalhando o presidente a governar aparece, agora na imagem do Governador de São Paulo Dória querendo “tirar o brilho” da “boa gestão” do Governo Federal. Por fim, há um comentário que demonstra outra futura característica comum do período de vacinação, a “escolha” da “melhor vacina”:

“presidente , a Inglaterra e os Estados Unidos JÁ iniciaram a vacinação . A chinesa não tomarei nunca (a China tinha que ser excluída do mundo, até admitir o que fez). Aqui começará quando ???” (*Instagram*, 08/12/2020).

É perceptível que a autora do comentário está preocupada com a imunização, no entanto fazendo questão de destacar seu repúdio quanto à vacina chinesa, se posicionando como apoiadora, garantindo não ser caracterizada como “esquerdista”. Mas essa apoiadora

deseja a vacina, seja a utilizada nos EUA, seja na Inglaterra, porém repudiando a chinesa. Ela não esconde seu preconceito, construído pelos discursos do Governo, além disso, esse posicionamento demonstra que o problema não é a vacina ser recente, pouco testada, todas caminhavam numa fase próxima de testes, o que há é uma politização dessa questão.

No dia 12 de dezembro, há outra publicação que se relaciona a essa, sem citar diretamente a vacinação. O presidente publica um pequeno vídeo de uma fala em evento público colocando na legenda uma das frases citadas no vídeo. No vídeo, Bolsonaro faz uma citação bíblica sobre tempos difíceis<sup>19</sup>, e conclui com a seguinte frase, que é a repetida na legenda:

"A história nos mostra, quando o Estado avança sobre direitos e LIBERDADES INDIVIDUAIS, dificilmente ele recua."  
(@jairmessiasbolsonaro, 12/12/2020).

Percebe-se que ao transcrever a fala, há um destaque no termo “liberdades individuais”. Na fala do vídeo ainda diz que a perda de liberdade é pior do que perder a vida. Nessas falas, além de reiterar o posicionamento sobre a liberdade como contrária à obrigatoriedade da vacinação, há uma valorização das características de ideologias que compõe seu posicionamento político, o conservadorismo, principalmente ao trazer uma fala que remete ao cristianismo, a religião majoritária no país, e ao neoliberalismo, com sua defesa da liberdade acima de tudo. Esse posicionamento neoliberal fica nítido na fala de um político apoiador do governo, o deputado estadual de Minas Gerais Sandro Fonseca, conhecido como Coronel Sandro:

“Parabéns presidente. O Estado não pode se sobrepor ao indivíduo. Menos Estado, mais [sic] mais mercado, mais liberdade, mais desenvolvimento!”  
(@coronelsandro.mg, 12/12/2020).

Nesse comentário, percebe-se essa ideia de defesa da liberdade, ligando ela à defesa do mercado, por consequência da valorização da iniciativa privada em sobreposição à estatal. A ideia de liberdade é colocada como o principal contraponto da esquerda, no comentário de um perfil chamado “Aliança Patriota” percebemos isso; “Liberdade... tudo que os esquerdalhas não gostam”, demonstrando uma posição dicotômica, simplificadora e simplista, comumente reiterada por liberais, querendo dizer que: esquerda é Estado grande e defesa da igualdade, direita é Estado mínimo e defesa da liberdade.

---

<sup>19</sup> “Se te mostrares fraco no dia da angústia, é que a tua força é pequena.” Provérbios 24:10

Há uma última publicação de dezembro a ser comentada aqui, mais especificamente do dia 27, na qual o presidente republica uma imagem, feita com captura de tela, de uma publicação do perfil do presidente no *Facebook*. No texto, que compõe a imagem, o perfil do presidente afirma que nenhum dos quatro laboratórios que realizam estudos clínicos procurou a ANVISA para aprovação, o que se comprovou posteriormente que não era verdade. Também consta no texto um posicionamento do governo de não exercer pressões na ANVISA, que é uma agência do estado e não do governo, essa ação seria compreendida como “interferência e irresponsabilidade”. Assim, o discurso do Presidente forja enunciados confusos e inverdades convincentes, ao embaralhar aspectos defendidos pela ética – não interferir nos processos das instituições de pesquisa – com desinformações construídas – os laboratórios já teriam encaminhado contatos (*Pfizer*) e documentos (*Sinovac*) sobre as vacinas para análise.

No entanto, essa narrativa esconde algumas questões, como o fato de o governo não demonstrar interesse por qualquer vacina, o que torna o processo lento. Essa falta de interesse se demonstra, por exemplo, no que foi revelado pela *Pfizer* na já citada CPI que investigou a pandemia. Segundo representantes da empresa, o governo Bolsonaro ignorou dezenas de *e-mails* enviados pelo laboratório durante meses. Quanto à não interferência do governo na ANVISA, essa característica da agência foi criticada e atacada pelo presidente, além de terem sido denunciadas algumas tentativas, por exemplo, de alterar a bula de medicações como cloroquina, para facilitar a defesa do “tratamento precoce” em detrimento da vacinação.

Em janeiro de 2021, a compra de vacinas se inicia, além da distribuição da Coronavac produzida no Brasil (Instituto Butantan/SP), mesmo com a contrariedade do presidente. ponto Claramente o posicionamento em relação a não obrigatoriedade se mantém, como se vê em pronunciamento do Ministro da Saúde, no dia 7 daquele mês. Nesse pronunciamento, anunciam-se as vacinas a serem compradas e o investimento em material e profissionais para aplicação, concluindo com a afirmação citada sobre não ser obrigatória. Porém, mesmo com a vacinação sendo organizada para ser iniciada, ainda há a defesa oficial e recorrente do “tratamento precoce”. No dia 15 de janeiro, foi publicado pelo perfil de Bolsonaro um vídeo do jornalista bolsonarista Alexandre Garcia. Nesse vídeo, ele cita um artigo que “comprova” o uso daqueles medicamentos no tratamento de Covid-19, no entanto, o artigo citado teve, após a publicação, diversos artigos que contrapunham, confirmando a ineficácia do tratamento. Na

legenda da publicação continha um *link* que na data da escrita desse trabalho levava para um arquivo que já havia sido excluído das redes.

Nesse mesmo mês, uma questão toma repercussão rapidamente, forçando a atenção para ela. Aconteceu uma grande crise relacionada à falta de oxigênio nos hospitais em Manaus, capital de Amazonas. O oxigênio é essencial para a recuperação de pacientes graves da infecção por coronavírus. Com a falta do oxigênio, aumentou-se drasticamente o número de mortes. Dessa forma, diante de muitas denúncias de negligência e falta de planejamento dos Governos – Municipal, Estadual e Federal - , houve uma grande movimentação de postagens demonstrando a ação do governo para transportar oxigênios e material hospitalar. Em uma publicação do dia 15 de janeiro, o perfil de Bolsonaro compartilha um vídeo contendo a fala do governador no programa jornalístico, da emissora de televisão Rede Bandeirantes, Brasil Urgente.<sup>20</sup> Essa publicação foi utilizada para defender o Governo e afirmar ação do governo em relação à crise, contendo a seguinte fala do governador: “a ajuda do Governo Federal tem sido imprescindível nesse momento de luta pela vida.”(@jairmessiasbolsonaro, 15/01/2021).

Nos dias 15, 16 e 17 de janeiro, são realizadas publicações sobre a atuação do governo federal para enviar materiais para Manaus. Em uma publicação do dia 17, o vereador da cidade do Rio de Janeiro, Carlos Bolsonaro, um dos filhos do presidente, realiza um comentário contendo um questionamento em relação aos investimentos realizados pelo governo federal para combater a Covid-19 em Manaus:

“Quem vai responder? Perguntar não custa nada: onde está o dinheiro, milhões de reais, repassados pelo Governo Jair Messias Bolsonaro? Onde estão os equipamentos e respiradores de última geração, “comprados” aos milhares, por cifras escandalosas?”(@carlosbolsonaro, 17/01/2021)

No comentário há um desvio das críticas sofridas pelo presidente, para outros políticos, afirmando a ação do governo de repassar “milhões de reais” para o combate ao Covid-19. Uma estratégia que se aproxima da narrativa já comentada aqui de que “não deixam ele trabalhar”, agora indicando que a parte que cabia ao presidente foi realizada, cobrem de outros.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> O Presidente não fez qualquer coletiva com a Imprensa, nem praticou a divulgação de políticas públicas no seu Governo.

<sup>21</sup> A estratégia de culpabilização de outras esferas de poder tem sido utilizada metodologicamente pelo Governo Federal. No caso da epidemia, o Presidente a utilizou para se justificar de sua inação e sua

## O início da vacinação

A vacinação para imunização contra o coronavírus começa no dia 17 de janeiro de 2021, com o uso da Coronavac – vacina de origem chinesa produzida no Brasil. Nesse mês, as publicações sobre a compra da AstraZeneca se destacam, não por acaso, momento em que questões diplomáticas em relação a China e a Índia geram certos debates, principalmente por possíveis atrasos na vacinação que acabava de se iniciar. A AstraZeneca é produzida pela Índia em parceria com a universidade inglesa Oxford, diversas daquelas publicações se relacionam com as negociações com esse país. Há, por conta das dificuldades da negociação e das disputas políticas internas (São Paulo e Governo Federal), conflitos com a Rede Globo, por conta de notícias que demonstravam falhas em alguns momentos de negociação. No entanto, os conflitos com a mídia se mantêm muito próximos dos que aconteceram durante todo o período pandêmico.

O foco aqui será pensar na análise das fontes a forma que os apoiadores do presidente interagem com o tema da compra de vacinas, algo relativamente novo no discurso de Bolsonaro. O deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, Carlos Jordy, comenta, na publicação do dia 22 de janeiro, sobre a compra da AstraZeneca, o seguinte: “Parabéns, Presidente! Uma vacina com eficácia de verdade!” (@carlosjordy, 22/01/2021). Destaca-se nesse comentário a parte em que ele caracteriza a vacina como com “eficácia de verdade”, dessa forma reforçando a ideia de a CoronaVac ser ineficaz. Outros comentários destacam essa vacina chamando-a de “vacina de Oxford”, valorizando a origem dela na universidade inglesa. Bolsonaro ainda mantém a procura por outras soluções, mas pela necessidade da compra da vacina, o discurso de seus apoiadores se altera, alguns agem como se nunca houvesse produzido qualquer crítica às vacinas, outros apoiam a qualidade de vacinas específicas.

---

incompetência, a partir da posição do STF no sentido de autorizar procedimentos sanitário por instâncias estaduais e municipais, que deveriam atuar articuladas ao Governos Federal. A questão foi oportunamente ‘mal-entendida’ pelo Presidente e seus correligionários. A nota do STF, do dia 18/01/2021 diz: “A Secretaria de Comunicação Social do Supremo Tribunal Federal (STF) esclarece que não é verdadeira a afirmação que circula em redes sociais de que a Corte proibiu o governo federal de agir no enfrentamento da pandemia da Covid-19. Na verdade, o Plenário decidiu, no início da pandemia, em 2020, que União, estados, Distrito Federal e municípios têm competência concorrente na área da saúde pública para realizar ações de mitigação dos impactos do novo coronavírus. Esse entendimento foi reafirmado pelos ministros do STF em diversas ocasiões.”



A maioria dos comentários dos apoiadores nas publicações do presidente são positivas em relação à compra das vacinas, no entanto, é possível encontrar comentários que mantêm uma narrativa contrária às vacinas. Na publicação do dia 26 de março, quando a vacinação havia avançado em boa medida, o perfil de Bolsonaro anuncia a compra de insumos para a produção de vacinas da AstraZeneca pela FioCruz. Nessa publicação uma apoiadora comenta o seguinte:

“Vacina que deixa o povo morrendo e fraco. Eu acho que o presidente ja [sic] sabe disso. Mais [sic] o senhor tem que ser esperto e pode se preparar que eles vao [sic] tentar te derrubar mais do que nunca. Como fizeram com o Trump, vao [sic] tentar com você [sic].” (*Instagram*, 26/03/2021)

Esse comentário já inicia com a afirmação que a vacina enfraquece as pessoas, acusando de fazer mal para quem é vacinado. Em seguida, segue com uma advertência sobre perigos que o presidente corre, ao dizer isso, esse texto demonstra uma compreensão conspiracionista dos acontecimentos, utilizando como exemplo o que ocorreu com Trump nos EUA. Percebe-se, então, um posicionamento contrário à vacinação, porém, por realizar esse aviso sobre os perigos que Bolsonaro corria, a autora do comentário dá a entender preocupação, demonstrando ainda crer na honestidade do presidente na luta contra essa conspiração.

Outros eventos que acontecem no país, em relação à pandemia, não serão tratados com detalhes neste trabalho. A intenção dessa análise foi buscar compreender algumas reiteraões e outras mudanças observadas nas narrativas que compõe o discurso do presidente, percebendo como se constroem, deslocam se alteram ao longo do período pandêmico, e parecem influenciadas pelos conflitos políticos do presidente. No capítulo seguintes, as questões que compõem essas narrativas serão analisados com mais detalhes, permitindo exercitar um maior enfoque na construção, persuasão e afirmação dessas narrativas, pensando, principalmente, na forma em que os apoiadores repetem, comentam e transmitem-nas nos seus comentários.

## **CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO BOLSONARISTA; GUERRA CULTURAL E O CONSPIRACIONISMO ‘BOLSOLAVISTA’**

### **2.1.1 Compendo a narrativa bolsonarista**

Após analisar, nas publicações, a forma como as narrativas que compõe o discurso de Jair Bolsonaro se alteram durante a pandemia, é relevante refletir sobre o que leva seus

apoiadores a se manterem fiéis a esse discurso. Dessa forma, refletir como essas narrativas são construídas, e principalmente, do que são compostas, é relevante para compreender historicamente o período estudado. Ao analisar as fontes, percebe-se uma grande utilização de símbolos nacionais a serem valorizados, símbolos religiosos, militares e históricos são trazidos para auxiliar nessa construção narrativa.

Essa narrativa possibilita pensar também a imagem construída sobre o próprio presidente, como uma autoridade comprometida com valores históricos, militares e religiosos, ainda que não se discuta as representações e os sentidos acionados por elas. Para compreender essas questões, torna-se necessário pensar mais profundamente os conceitos de identidade e identificação. Esses conceitos possibilitaram compreender como as redes são um ambiente propício para a construção dessas identidades, e mobilização daqueles que se identificam nela.

### **A construção do Mito**

Uma forma bastante comum dos apoiadores de Bolsonaro o chamarem é de “mito”. Esse apelido se popularizou por conta de suas falas ofensivas e autoritárias, que para seus apoiadores eram “mitadas”, ou dignas de uma expressividade mítica. Essa caracterização, muitas vezes humorística, foi essencial para a construção da campanha de Bolsonaro e sua popularização. Para além disso, as representações que constroem esse mito demonstram as diferentes formas de identificação dos apoiadores pela imagem desse político.

No estudo de Chagas (2021) sobre o uso do humor dentro das redes sociais por políticos, o autor realiza uma divisão de categorias de representações construídas pelos *memes*<sup>22</sup> dos apoiadores de Bolsonaro. As categorias são; “herói ou líder”, “vítima”, “mártir ou injustiçado”, “salvador ou ungido”, “guerreiro ou justiceiro”, “abnegado ou honesto”, “pícaro”, “pessoa comum”, “pai dos pobres” (CHAGAS, 2021, p. 182 e 183).

Para além dessas categorias de “representações arquetípicas”, Chagas também analisa as funções propostas por esses *memes*, no entanto, para esse trabalho utilizaremos apenas as representações. Ao analisar as publicações que são fonte desse trabalho, e principalmente, os comentários dos apoiadores, percebe-se a reiteração dessas representações, ao passo que for analisado e interpretado a presença de alguns desses arquétipos, será dada uma explicação mais detalhada de seu significado. As chamadas “mitadas” do presidente, são parte do arquétipo de pícaro citado acima, e compõe o que Solano (2018) chama de “memificação da

---

<sup>22</sup> Chagas utiliza a definição de meme, criada por Davison, como “uma peça digital, tipicamente uma piada, que ganha influência por meio de sua transmissão *on-line*” (CHAGAS, 2021, p. 179)

política”. Nesse processo se constrói o que Chagas chama de “retórica da brincadeira”, comumente empregada como justificativa para “piadas” contendo falas explicitamente ofensivas e preconceituosas, componente indissociável das “mitadas” de Bolsonaro.

Na publicação do dia 13 de março, analisada anteriormente, a escolha por publicar uma “banana” para mídia, possibilitou diversos comentários afirmando as críticas de Bolsonaro com certo “humor”. Muitos dos comentários continham caracteres que representavam risadas, seguido de críticas à mídia. O tom de deboche presente na publicação é enfatizado pelos comentários, como na fala de um apoiador “CORONAVÍRUS disse ELE NAO [sic]!!!” (*Instagram*, 13/03/2020), se referindo a campanha contra Bolsonaro da eleição de 2018, que tinha como lema “Ele não”. Há a afirmação do gesto pelos apoiadores, como nesse comentário “banana pra essa essa [sic] mídia tendenciosa nojenta” (*Instagram*, 13/03/2020), demonstrando a perpetuação do discurso do presidente. O humor é utilizado com frequência para valorizar uma imagem de Bolsonaro como “autêntico” e não um “genérico” que só pensa em roubar. Uma figura valorizada também por contracenar com a “mídia nojenta” – objeto de crítica e desvalorização -, em uma articulação binária que contracena o “bem e o mal”. Nessa mesma publicação é possível perceber caracterizações que vão além do “bem humorado”, como características relacionadas à força e também à religiosidade.

Por se tratar de uma publicação sobre um resultado negativo para infecção de Covid-19, a ideia de força é facilmente invocada pelos apoiadores. Dessa forma é caracterizada a ideia de líder, ou herói, que “expressa força e vontades superiores” (CHAGAS, 2021, p.182). Comentários como: “Aqui é aroeira [sic], é pau de dar em doido” (*Instagram*, 13/03/2020), pretende-se valorizar essa força e resistência. Para enfatizar ainda mais essa ideia de força, há comentários que fazem referência à facada que o presidente tomou em um atentado durante a campanha presidencial; “Quem venceu uma facada sei quantas cirurgias COVID 19 é mamão com açúcar...” (*Instagram*, 13/03/2020). Dessa forma a grande resistência de Bolsonaro é caracterizada como algo intrínseco a sua história, trazendo, ainda mais, características pessoais comumente utilizadas no discurso de apoio a ele, outro apoiador diz:

“Fi [sic]... Bolsonaro é lenda, mito, se nem facada fudida [sic] pega se acha que esse merda de virus [sic] consegue aqui é selva rapah [sic], tem putaria nao [sic].” (*Instagram*, 13/03/2020).

Nesse comentário, os adjetivos “lenda” e “mito” trazem essa ideia construída sobre Bolsonaro, enfatizando novamente o episódio do atentado, esse apoiador traz uma característica base o bolsonarismo, o militarismo, ao dizer “aqui é Selva”, fazendo referência

à saudação do Exército Brasileiro. Além de trazer a ideia de um herói, essa valorização da força passa por representações comumente ligadas à masculinidade, uso de termos grosseiros, rudes, ofensivos e violentos, seguidos da valorização da força e da imagem militar do presidente.

Ainda perpetuando a ideia de força, outra característica, essa presente no arquétipo de “ungido” ou “salvador”, aparece nos comentários dessa publicação. Deus aparece frequentemente nos comentários da publicação, desde a frase que compõe o lema do governo - “Deus acima de todos”-, como também em orações e agradecimentos. No entanto essa imagem de ungido aparece quando esse uso de termos religiosos é referido diretamente ao presidente. Uma apoiadora comenta: “Quando é enviado de Deus toda prava [sic] é superado [sic]” (Instagram, 13/03/2020) reforçando a ideia que essa força se demonstra por ele ser um “enviado de Deus”. Em outro comentário; “Deus fez um propósito,para [sic] vc [sic] Bolsonaro,em [sic] oito anos, vc [sic] vai revelalo para [sic] a nação brasileira..” (Instagram, 13/03/2020), nota-se a ideia de que o presidente tem “um propósito” vindo de Deus, pode-se inferir que, por esse propósito, Bolsonaro tem uma missão divina, enfatizando a ideia de um Salvador.

Um outro arquétipo que Chagas demonstra como uma das caracterizações de Bolsonaro, o de “pessoa comum”, é bem perceptível nas fontes. Na publicação do dia 25 de julho de 2020 (@jairmessiasbolsonaro, 25/07/2020) já analisada no capítulo anterior, onde o presidente revela outro resultado negativo para Covid-19, a foto que compõe a publicação é um excelente exemplo para essa imagem de “pessoa comum”. Nessa imagem, Bolsonaro segura uma caixa de hidroxiquina, mas o relevante nessa análise é o restante da composição. Ele está sentado em uma mesa com café, xícaras e pães, utilizando roupas informais e até mesmo de baixo custo. Nos comentários da publicação há críticas, com diversos comentários adjetivando a composição da imagem como “montada”. No entanto, encontra-se, também, diversos comentários de apoiadores elogiando o presidente, utilizando adjetivos que remetem à humildade e simplicidade.

Essa posição de “pessoa comum” gera certa familiaridade, uma pessoa, por exemplo, comenta; “parece meu pai tirando foto” (Instagram, 25/07/2020), comentário que, mesmo sem demonstrar um posicionamento de defesa ou crítica, demonstra o efeito dessa construção. Dessa forma, os comentários dos apoiadores valorizam essa característica demonstrada pelo presidente, muitas vezes sem nem mesmo comentar a temática da publicação, o uso de hidroxiquina para “curar” a Covid-19. Dessa forma há uma valorização da personalidade do presidente;

“Simplicidade eh [sic] tudo...hoje talvez sendo um dos mais importantes chefe [sic] de estado quebra protocolos para ser simplesmente BOLSONARO O MITO” (*Instagram*, 25/07/2020).

Reiterando e enfatizando a simplicidade como principal caracterização, esta é uma representação apelativa e corrente, como repete essa outra apoiadora:

“A sua simplicidade me cativou senhor presidente! É [sic] creio que os brasileiros também ficaram encantados com a sua simplicidade e amor pelo nosso Brasil.” (*Instagram*, 25/07/2020).

Outro apoiador comenta sobre um acessório utilizado por Bolsonaro, como símbolo de humildade; “O que eu mais gosto no bolsonaro é a sua humildade Olha esse relógio...” (*Instagram*, 25/07/2020), referindo-se a um relógio aparentemente barato e sem marca. Dessa forma, percebe-se como a caracterização de pessoa comum é assimilada por esses apoiadores. E, além disso, é utilizada para caracterizar o presidente como avesso das elites de “colarinho branco”, como se percebe no comentário a seguir:

“Presidente continue , [sic] não é engravatado só quando for necessário olha,para,o [sic] povo,nordestinos [sic] como,eu [sic] presidente alegre,camarada [sic] é [sic] tem muita prudência, sabe ver o que é necessário fazer tem um vice oresidente [sic] muito bom” (*Instagram*, 25/07/2020).

Esse apoiador, já no início, caracteriza o presidente como alguém que “não é engravatado”, só o é em momentos que se faz “necessário”, demonstrando essa identificação com o presidente, que com sua postura e vestimenta demonstra a distinção entre o povo e esses engravatados, que compõe uma elite, oposta as necessidades da massa, e a qual, para ele, Bolsonaro não compõe.

Essas questões, relacionadas a construção de uma imagem mítica sobre Bolsonaro, poderiam ser aprofundadas em mais publicações ou em outras características que compõe os arquétipos que Chagas utilizou. No entanto, a análise das publicações acima já permite avaliar essa construção. Nessas publicações e em seus comentários, percebe-se também o uso de imagens que refletem a religião, principalmente símbolos cristãos, a masculinidade e o militarismo, constituindo e reforçando a ideia de virilidade do presidente, e comportamentos que pretendem gerar uma certa afinidade com a população “comum”. Em todas essas características, percebe-se a tentativa de gerar certa identificação com a imagem do presidente e a tudo que ele, e seu discurso, representam.

Para pensar isso, pode-se utilizar o conceito de “identificação ideal”, esse conceito da psicanálise, é uma das formas de se compreender a criação de uma identidade. Na identificação ideal, pensasse um processo de identificação coletiva, e foi construído pensando

na relação das pessoas com líderes religiosos. Para a construção dessa identificação, um grupo toma um líder como exemplo de representação, nesse líder, o indivíduo procura características suas, construindo uma forma de representação de suas “melhores” características. Nesse sentido, um religioso procura um “homem de Deus” que o representa, outro procura um homem tão “viril” quanto a si, ou uma “pessoa comum”, diferente daquela elite em que não se pode confiar. Essa representação permite mobilizar diferentes indivíduos, que mesmo tendo características distintas, realizam uma assimilação antropofágica das características do líder, ou seja, capturam como real apenas as características que lhe permitem se identificar (STARNINO; PEREZ, 2021, p. 273 a 276).

Essa identificação permite compreender como os diferentes grupos se identificam com o que pode se chamar ‘bolsonarismo’. Mas para completar essa ideia de “identificação ideal”, há um componente essencial, o “outro”, esse outro é a representação da oposição, do adversário. Em um grau maior, essa representação ideal de si, e a oposição ao outro gera um certo “gozo perverso”, que é o sentimento de combate e diferenciação desse outro, que, em um grau ainda mais intenso, leve a necessidade da “eliminação” desse indivíduo (STARNINO; PEREZ, 2021, p. 280). Essa caracterização de si e do outro, e a noção de “gozo perverso”, em relação aos adversários do presidente são perceptíveis em seus discursos, não por acaso a ideia de estar em uma guerra aparece por diversas vezes nos comentários. Para interpretar melhor essa identificação em torno do “mito”, é relevante pensar características que compõe esse “eu” e esse “outro no discurso”.

### **Nacionalismo**

O uso de símbolos nacionais, a alcunha de “patriotas”, e diversos termos e simbologias que compõem o discurso ‘bolsonarista’ trazem o nacionalismo como base ideológica dessa mobilização política. Desde os protestos de 2013, contra a, até então, presidente Dilma, camisetas da CBF, da cor amarela, foram apropriadas em protestos de uma direita antipolítica e anticorrupção. Nas publicações, o uso da bandeira do Brasil é constante, reiterando a ideia de o verde e amarelo como as cores do ‘bolsonarismo’. Dessa forma, a ideia do cidadão de bem e patriota se posiciona em contraponto do não patriota, partidário e corrupto.

O filósofo italiano Norberto Bobbio, em seu dicionário político, inicia o verbete sobre Nacionalismo o descrevendo-o como:

“a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional (v. NAÇÃO), que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva.” (BOBBIO, 1998, p. 799).

Dessa forma, percebe-se que o nacionalismo tende a se sobrepôr a outras ideologias e posicionamentos, propondo um pensamento unificado na ideia de nação em sua fusão com o Estado. Para realizar essa unificação, aspectos sócio-históricos e culturais são utilizados discursivamente. Para compreender a utilização desses símbolos, e sua representatividade, o conceito de Identidade Cultural Nacional, trabalhado por Stuart Hall, se torna relevante.

Para pensar essa identidade cultural das nações modernas, Hall utiliza o conceito de Benedict Anderson, ‘comunidades imaginadas’. Ao compreender a identidade nacional como uma construção discursiva que cria essas identificações, é possível analisar as “estratégias representacionais” utilizadas. A identidade nacional não é apenas um ponto de união, mas também uma “estrutura de poder cultural”, dessa forma, a identidade nacional se faz sobre diversos conflitos de dominação. Não há, portanto, uma real unificação, contendo “divisões e contradições internas” (HALL; 2006, p. 55 a 65). Dessa forma, é possível afirmar que não há uma identidade cultural brasileira que seja homogênea. No entanto, nem mesmo em um movimento político, como o que pode ser chamado “bolsonarismo”, esses símbolos de identificação são únicos, lembrando o conceito de identificação ideal, há uma antropofagia nessa representação (STARNINO; PEREZ, 2021, p. 274).

Se, para Hall, as complexas relações étnico culturais, não permitem a construção de identidades nacionais que excluam divisões, no Brasil, por todo o processo histórico de colonização e imigrações pluriétnicas, essas divisões são um “problema” ainda maior. A socióloga brasileira, Maria Isaura Pereira de Queiroz, aponta sobre as especificidades dessa construção de identidade nacional brasileira. Para a autora, o processo de construção identitária no Brasil não parte de conflitos externos, mas sim de conflitos internos, dessa forma há uma construção de um aparelhamento ideológico que sufoque violentamente a variedade de culturas. A diferença, então, é que, mesmo com essa tentativa de homogeneização das identidades nacionais das nações europeias, essas nações buscaram um outro externo para conflitar, enquanto, no Brasil, esse outro sempre foi interno (QUEIROZ, 1989, p. 45). Após as discussões conceituais acima, pode-se encontrar nas fontes demonstrações desse nacionalismo, e da tentativa de criar uma identidade nacional “verdadeira”, na contraposição com elementos externos, mas sobretudo com elementos construídos internamente, como atenta Queiroz.

No dia 15 de março de 2020, há uma manifestação em defesa do presidente, manifestação inicialmente desaconselhada pelo presidente por estar com suspeita de covid-19<sup>23</sup>. No entanto, ainda assim há uma grande mobilização em várias cidades, com mais de trinta publicações realizadas na rede social do presidente nesse dia, mostrando as mobilizações. Uma das diversas publicações (@jairmessiasbolsonaro, 15/03/2020) é composta pela imagem de Bolsonaro, hasteando uma bandeira do Brasil, enquanto caminha em frente a apoiadores. Nessa publicação não há legenda alguma, no entanto há diversos comentários onde há elogios sobre como a foto é linda, e posicionamentos de apoio.

Em um comentário, uma apoiadora diz; “Não me lembro nenhum presidente ter orgulho de sua pátria. Meu Presidente Deus o abençoe [sic]” (Instagram, 15/03/2020), valorizando a ideia de patriotismo como característica essencial de Bolsonaro. Acompanhando elogios ao presidente, sempre se encontra críticas aos “outros”, há comentários na publicação contendo a alcunha de corruptos e “esquerdopatas” para uma oposição não citada diretamente. Uma apoiadora comenta: “O que a esquerda mais detesta é ver nosso presidente com a Bandeira do Brasil!” (Instagram, 15/03/2020), dessa forma, é possível interpretar um sentimento de vitória sobre aquele símbolo, a bandeira, que identifica o brasileiro de bem, não a esquerda, ‘do mal’. Como descreve Bobbio em seu dicionário, a ideologia nacional pode evidenciar:

“uma radicalização das idéias de unidade e independência da nação e é aplicada a um movimento político, o movimento nacionalista, que se julga o único e fiel intérprete do princípio nacional e o defensor exclusivo dos interesses nacionais.” (BOBBIO, 1998, p. 799).

Dessa forma, é possível interpretar nesses comentários uma simplificação lógica, por meio dessa ideia de que apenas Bolsonaro pode trazer esses símbolos, pois é o único presidente que teve “orgulho de sua pátria”.

O uso do nacionalismo é perceptível em todo o discurso bolsonarista, e nele percebe-se a necessidade de construir essa identidade do “brasileiro de bem”. Na publicação do dia 5 de setembro de 2020, há a divulgação de uma série transmitida na plataforma de vídeos *YouTube*, e apresentada pelo, até então, secretário especial da cultura, o ator Mário Frias. Nesse trabalho não se pretende analisar profundamente essa série de vídeos, pois demandaria um aprofundamento maior do que o tempo permite. No entanto, é interessante destacar o que essa série pretende, e o momento que foi divulgada. A série é intitulada “Um

---

<sup>23</sup> Situação comentada no Capítulo 1, ao analisar a publicação do dia 13/03/2020



Povo Heroico”, na imagem de divulgação vê-se, de fundo, uma foto do secretário citado, e em sobreposição um texto descritivo que diz:

“Às vésperas do SETE DE SETEMBRO, o Secretário Mário Frias iniciou a série UM POVO HEROICO, focando a valorização dos heróis nacionais e o sacrifício dos verdadeiros heróis da nação, outrora ‘esquecidos’ propositalmente para tentarem criar uma nova história do Brasil.” (@jairmessiasbolsonaro, 05/09/2020).

É possível destacar alguns pontos essenciais para a construção de uma “narrativa da nação”. Essa narrativa pretende fornecer conteúdos para gerar símbolos de “experiências partilhadas” que “dão sentido a nação”, sentido que permite a uma “comunidade imaginada” compartilhar Narrativas comuns (HALL; 2006, p. 52). Nesse sentido, ao propor uma série que valorize “heróis nacionais”, especificamente os “verdadeiros” e ao eleger heróis nacionais cria-se símbolos e sentidos, partindo de uma representação dos ideais de “brasilidade” defendido pelo governo. Além disso, ao destacar que esses heróis foram “‘esquecidos’ propositalmente”, acusam-se grupos opositores de criar um apagamento histórico. Para além de eleger símbolos históricos para a construção de uma “narrativa da nação”, percebe-se a valorização e uma nova demarcação da data de 7 de setembro como um marco patriótico.

Outra publicação que carrega essa ideia revitalizada de identidade brasileira é uma do dia 20 de novembro de 2020, nessa data que se comemora o dia da consciência negra. Na publicação há uma foto do rosto do presidente acompanhada de uma longa legenda, nessa legenda discute-se a diversidade cultural brasileira. Há, primeiramente, uma valorização da pluralidade racial que compõe o Brasil:

“O Brasil tem uma cultura diversa, única entre as nações. Somos um povo miscigenado. Brancos, negros, pardos e índios compõem o corpo e o espírito de um povo rico e maravilhoso.” (@jairmessiasbolsonaro, 20/11/2020).

Percebe-se um uso bem próximo das teorias de valorização da miscigenação que compunham o século XX, inaugurados por Varnhagen no século XIX e revitalizadas por Gilberto Freire na década de 30. Essa valorização positiva da miscigenação é seguida por um texto que tenta deslegitimar a mobilização social do movimento negro. No texto argumenta-se que essas mobilizações de grupos minoritários são fabricadas para gerar conflitos, e mascarar os reais problemas “muito mais complexos e que vão além de questões raciais”, utilizando aqui a narrativa anticorrupção para caracterizar esse “real problema” que consiste a “corrupção moral, política e econômica” (@jairmessiasbolsonaro, 20/11/2020).

Dessa forma, o comentário acusa grupos políticos de criarem problemas para a manipulação da população:

“Existem diversos interesses para que se criem tensões entre nosso próprio povo. Um povo unido é um povo soberano, um povo dividido é um povo vulnerável. Um povo vulnerável é mais fácil de ser controlado. E há quem se beneficie politicamente com a perda de nossa soberania.” (@jairmessiasbolsonaro, 20/11/2020).

Ao afirmar que há benefícios na “perda de nossa soberania”, instiga-se o sentimento de que a nação está em perigo, e que somente um “povo soberano”, ou seja, ‘ideologicamente homogêneo’, sem “falsas” divisões. Ainda nesse texto, reforça-se a ideia de manipulação por grupos políticos, e conclui:

“Aqueles que instigam o povo à discórdia, fabricando e promovendo conflitos, atentam não somente contra a nação, mas contra nossa própria história. Quem prega isso, está no lugar errado. Seu lugar é no lixo!” (@jairmessiasbolsonaro, 20/11/2020).

Há, nesse trecho final, a apropriação da história como legitimadora de sua fala, além de uma conclusão acusatória a esses grupos políticos: “Seu lugar é no lixo”.

Essa publicação ganha força de seus apoiadores, que compram a ideia de manipulação política, como se vê no comentário desse apoiador:

“Meia dúzia de arruaceiro não representa os negros do Brasil, não vendemos nossa liberdade de pensamento a nenhum partido comunista ou pra militância revolucionária violenta camuflados de justiceiros sociais” (*Instagram*, 20/11/2020).

Percebe-se que as mobilizações em torno do movimento negro são caracterizadas como atos de “arruaceiro”, como bagunça, reiterando a ideia de que criam problemas e não de que combatem. É relevante também destacar que os movimentos sociais são caracterizados como parte de manipulação de algum “partido comunista”, como “camuflados de justiceiros sociais”, dessa forma o apoiador nomeia esse grupo responsável pela manipulação. Em outro comentário, uma apoiadora cita um caso de assassinato ocorrido na véspera do dia da consciência negra, em uma unidade da rede de supermercados *Carrefour*<sup>24</sup>. O comentário diz:

“Perceberam a aula de como manipular o povo, acontecendo em tempo real? Olha só: 1. Ocorre o homicídio no Carrefour; 2. Imediatamente políticos e

---

<sup>24</sup> Para se aprofundar em análises sobre o caso e sua repercussão nas mídias digitais ler também “DURÃO, Susana e PAES, Josué Correia. Caso Carrefour: racismo e segurança privada / Universidade Zumbi dos Palmares / FENAVIST / Susana Durão / Josué Correia Paes. – São Paulo: Unipalmares, 2021.” e também “BARBOSA, Jennifer de Oliveira e XAVIER, Manassés Morais. O caso João Alberto: leitura dialógico discursiva de manchetes e comentários on-line no Instagram”

personalidades de Esquerda vão em bloco para as redes sociais gritar que foi racismo e começam a imitar a esquerda americana com o *Black Lives Matter - BLM.*” (*Instagram*, 20/11/2020).

Esse texto tenta demonstrar em tópicos o movimento de “manipulação”, que ocorre em torno do assassinato, acusando “políticos e personalidades de Esquerda” de “imitar a esquerda americana” ao realizarem protestos em relação ao caso. O comentário continua com:

“3. A Delegada do caso, porém, declara o óbvio: não foi racismo. A prova é o vídeo que mostra que foi a vítima quem começou a briga. A vítima tem uma longa ficha na polícia, inclusive com agressão à mulheres. Num país normal, a declaração da Delegada bastaria para acabar com tudo. Mas no Brasil de hoje, onde o Presidente de direita é amado pelo povão, a Esquerda precisa dividir a população ou não terá chance nas próximas eleições.” (*Instagram*, 20/11/2020).

Nesse trecho afirma-se que a delegada disse “o óbvio”, negando racismo no espancamento e assassinato de um homem negro pela segurança do supermercado, além de culpabilizar a vítima que “tem uma longa ficha na polícia”. Afirma-se ainda que em outro país a “declaração da Delegada bastaria”, defendendo como se a fala de uma autoridade fosse definitiva. Concluindo esse trecho, reitera a manipulação da esquerda para “dividir a população” já que o “povão” ama o “Presidente de direita”. O comentário contém mais três tópicos, onde o autor critica as mobilizações, que acusa como vandalismo, e que defende ser orquestrada por políticos e celebridades, concluindo com:

“Entenderam como funciona? É um conluio entre a Esquerda e a Mídia visando dividir o povo brasileiro. Infelizmente para eles, ao contrário dos EUA onde as feridas da escravidão e do segregacionismo são muito profundas, no Brasil crescemos juntos e misturados e a narrativa não cola.” (*Instagram*, 20/11/2020).

Acusando a manifestação como um conluio “entre a Esquerda e a Mídia”, mídia se referindo a mídia corporativa, o autor novamente reitera a ideia de divisão do “povo brasileiro”. Nesse trecho há, novamente, influência dos trabalhos de Gilberto Freyre ao afirmar que no Brasil “as feridas da escravidão e do segregacionismo” não são profundas como a dos EUA, pois “crescemos juntos e misturados”. Ponto chave da argumentação de Freyre é essa ideia de uma escravidão menos violenta no Brasil. Esse texto contém a assinatura de um autor que não corresponde ao perfil da apoiadora, aparentemente foi escrito por um político do PSL, antigo partido de Bolsonaro. No entanto, como não houve a possibilidade de confirmar a autoria, o nome não será citado, podendo ser referente a uma pessoa que não é pública.

Ainda assim, o fato de ser um texto escrito por uma pessoa, e compartilhado por outros indivíduos, demonstra a característica de compartilhamento em massa entre as redes, que leva uma quantidade de informação excessiva sem a real confirmação das afirmações. Neste texto, usa-se da fala da delegada em relação ao caso, onde, segundo o autor, a delegada nega ser caso de racismo. Em reportagem do *site* de notícias G1 do RS, publicada no dia 20 de novembro daquele ano, a fala de autoria da delegada é a seguinte:

“Não temos indicativos agora para dizer que se trata de um crime racial ou que a cor da pele da vítima tenha sido fundamental pra essas agressões. O inquérito policial tá instaurado pra tirar todas essas dúvidas”<sup>25</sup>.

De fato, em primeiro momento, não se caracteriza o caso como de racismo, no entanto, também não se confirma a inexistência de racismo no caso, apenas indica-se que não se tem “agora”, indicativos suficientes para essa afirmação. Em outra reportagem, publicada pelo mesmo site, no dia 11 de dezembro daquele ano, a delegada mantém a não caracterização de injúria racial, mas caracteriza o caso como resultante de um racismo estrutural, que normaliza a violência contra pessoas negras. Essa afirmação está presente em trecho do inquérito judicial adicionado à reportagem<sup>26</sup>. Há, portanto, no comentário citado anteriormente, a tentativa de transformar uma fala que deixa em aberto a possibilidade de racismo nesse assassinato, em uma fala que afirma a inexistência dessa possibilidade.

Outra afirmação presente nesse comentário é a de que a vítima tem uma “longa ficha na polícia”, afirmação usada para descredibilizar a moral da vítima. Essa afirmação encontra aporte em reportagens veiculadas por “jornais” menores como o “Repórter Maceió”<sup>27</sup> e o “Pleno News”<sup>28</sup>. O site “Pleno News” cita como fonte a Polícia Civil, o site “Repórter Maceió” cita “algumas fontes”, além de colocar capturas de tela de uma ficha criminal sem nenhum dado específico. Ambas as manchetes, destacam a vítima como um criminoso. No

<sup>25</sup> Fala da delegada disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml> Acesso em: 13/07/2022

<sup>26</sup> <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/12/11/policia-indicia-seis-por-morte-de-cidadao-negro-no-carrefour-em-porto-alegre-rs.ghtml> Acesso em: 13/07/2022

<sup>27</sup> <https://www.reportermaceio.com.br/a-extensa-ficha-criminal-do-homem-morto-no-carrefour/> Acesso em: 13/07/2022

<sup>28</sup> <https://pleno.news/brasil/cidades/homem-morto-em-carrefour-no-rs-tinha-antecedentes-criminais.html> Acesso em: 13/07/2022

“Repórter Maceió”, vemos a manchete “A extensa ficha criminal do homem morto no Carrefour”, demonstrando claramente a intencionalidade da matéria.

Vale destacar ainda algumas questões dessa reportagem. O texto inicia-se, já, tratando como de “viés ideológico” a “grande comoção” pela morte da vítima. Utilizando como exemplo manifestações que traziam a frase “Vidas Pretas Importam”, que faz referência ao, segundo o autor desse texto, “grupo terrorista de esquerda” *Black Lives Matter (BLM)*. Dessa forma o texto já inicia com uma crítica às manifestações, e tacha de terrorista o movimento estadunidense BLM, iniciando então a desmoralização da vítima, insinuando e descrevendo sua ficha criminal. Para concluir, o texto volta a tratar do uso ideológico do fato, como pode-se ver a seguir:

“Mais uma vez, a narrativa só é criada e divulgada como convém à causa ideológica. A própria delegada do caso disse que não se trata de racismo. O racismo é, de fato e infelizmente, algo existente na sociedade, contudo é pior ainda instrumentalizar o fato por uma causa ideológica.

A grande mídia e os “**movimentos negros**” divulgou amplamente o fato da morte de Beto, mas silenciou-se diante da morte de Simone Barreto, assassinada por um terrorista islâmico, na Catedral de Nice, no dia 29 de novembro. De fato, cristofobia existe, mas é uma verdade que pouco convém.”<sup>29</sup>.

É possível destacar, novamente, a afirmação de que a delegada negou o caso como causado por racismo, para ela naturalizado como “algo existente na sociedade”, além de criticar a instrumentalização do racismo por grupos ideológicos. Além disso, é notável, também, a realização de uma falsa simetria, utilizando um trágico caso de atentado terrorista, que tirou a vida de uma brasileira no dia 29 de outubro<sup>30</sup>, não novembro, como diz o texto. O texto tenta utilizar esse caso de terrorismo para realizar uma comparação de situações completamente distintas, e ainda conclui com “cristofobia existe, mas é uma verdade que pouco convém”, querendo indicar a falta de atenção para esse preconceito em detrimento do combate ao racismo. O uso da religião, aliás, é parte essencial do discurso de Bolsonaro.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.reportermaceio.com.br/a-extensa-ficha-criminal-do-homem-morto-no-carrefour/>  
Acesso em: 13/07/2022

<sup>30</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/29/ataque-a-faca-deixa-mortos-em-nice-na-franca.ghtml>  
Acesso em: 13/07/2022

## Religião e “Cristofobia”

A religião é ponto fundamental do discurso bolsonarista, já que trata-se de uma das formas de se construir simbologias que colaborem para a formação de uma narrativa nacional compartilhada, criando-se tradições em torno desses símbolos. No Brasil, como mostra QUEIROZ (1989), a assimilação das culturas de origem africana e indígena, de símbolos e costumes cristãos, gerou preocupação quanto à intenção das elites intelectuais do século XIX, de construir uma identidade brasileira com maior valorização da herança europeia. Dessa forma, houve uma perseguição histórica a religiões afro-brasileiras, demonizadas por discursos eurocêntricos, tal como observa Queiroz:

“Uma vez outorgada a cidadania aos escravos, - embora apenas parcialmente, - as preocupações dos brancos aumentavam: agora que os negros se consideravam iguais aos brancos, estes negros detentores de uma cultura bárbara representada pelos candomblés, a própria cultura ocidental parecia muito mais seriamente ameaçada. As perseguições contra os costumes africanos e os candomblés aumentaram.” (QUEIROZ, 1989, p. 33).

A autora continua, acerca dessa perspectiva eurocêntrica, homogeneizante e autoritária:

“... na maneira de pensar dos intelectuais de então a identidade nacional não podia existir sem certa homogeneidade de traços culturais, e encontravam na sua cultura grandes disparidades, o pessimismo era dominante em seus trabalhos. Somente podiam conceber uma *identidade cultural* da maneira que julgavam ser a ocidental – branca, educada e refinada” (QUEIROZ, 1989, p. 33).

A socióloga descreve esse período como composto por um pessimismo em relação ao Brasil, e mais à frente trata também de outras formas de lidar com a pluralidade cultural do país. No entanto, o que é importante destacar, é como essa pluralidade é afetada pela cultura hegemônica e eurocêntrica e acirra preconceitos e fundamentalismos inclusive na contemporaneidade.

A Igreja Católica fez parte da empresa colonial e dos poderes constituídos, não apenas no Brasil, mas também na América Latina colonial. A aliança das forças da Igreja e do Império só se dissolveu a partir do século XIX com a separação da Igreja em relação ao Estado. Já no século XX, um grupo religioso, também cristão, que tem ganhado cada vez mais espaço e poder no Brasil, são os das igrejas protestantes pentecostais, atualmente em um fortalecimento do Neopentecostalismo. Líderes religiosos de certas denominações cristãs tem grande influência política, e declaram explícito apoio a Bolsonaro. O movimento religioso

pentecostal surgiu nos EUA em 1906, quatro anos depois chegava ao Brasil, nesse movimento:

“... todas as esferas mundanas eram percebidas como seara do diabo, criou-se uma rejeição clara da vida política, vista como marcada pelos vícios e artimanhas do pecado.” (TORRES, 2007, p. 106 e 107).

Assim, não havia, inicialmente, uma busca por influência política, porém, é possível demarcar ondas desse movimento no Brasil, essa foi a primeira. Na década de 50, uma segunda onda, não de renovação do pentecostalismo clássico, mas de uma nova orientação teológica, vinda com estrangeiros, possibilitou um grande aumento de fiéis. O uso do rádio ajudou na difusão dessa segunda onda pentecostal, e uma de suas principais características são os cultos de “cura divina”. A terceira onda do Pentecostalismo é o que se conhece como Neopentecostalismo, iniciando-se na década de 70, essa onde intensifica o uso de mídias e traz algo novo dentro da religiosidade, a Teologia da Prosperidade. Dessa forma, o acúmulo de bens materiais e outras recompensas passam a ser consideradas símbolos de favoritismo perante Deus.

“Os neopentecostais reinterpretaram o sentido do sofrimento, conferindo-lhe um valor inédito na história do cristianismo. Ao invés da “positividade moral” encontrada nas grandes teodicéias do sofrimento, tendo no cristianismo a cruz como o seu maior símbolo, o sofrimento agora “volta” a ser o sinal da desgraça, do abandono da divindade em relação a uma determinada pessoa, e acima de tudo da falha ritual que permite ao infortúnio se instalar de forma conclusiva na vida de alguém.” (TORRES, 2007, p. 108).

Nessa onda, surgem pastores como Edir Macedo, que fundou a Igreja Universal do Reino de Deus, tem um grande patrimônio financeiro e é, inclusive, proprietário de emissoras de televisão e rádio. Esse pastor é um forte apoiador de Bolsonaro, realizando campanhas em seus cultos e em suas redes sociais. Essa onda religiosa, composta da Teologia da Prosperidade, é aliada e concomitante com o estágio atual do capitalismo.

“Portanto, na dinâmica das classes sociais, a eficácia da “máquina narrativa” da Igreja Universal está ligada à demanda simbólico-ritual de emular a vitória, de incitar a luta secular pelo sucesso e à rejeição implacável do fracasso. Neste sentido, o sucesso desta máquina narrativa só se explica a partir da dinâmica de classes se esta for considerada a partir das chances de ascensão ou rebaixamento social que se colocam no horizonte dos sujeitos.” (TORRES, 2007, p. 112).

Torres (2007, p. 113) compreende, então, dois grupos principais que compõe os adeptos do Neopentecostalismo, os pobres que sentem o risco de viver na marginalidade ou delinquência, e os classe média que buscam ascensão social. Esse discurso recusa a

vitimização, contribuindo para uma perspectiva meritocrática para lidar com os problemas espirituais que limitam a vida material do indivíduo.

“No contexto de países como o Brasil, a imposição do capitalismo de fora para dentro sempre exigiu a legitimação da desigualdade social sancionada pela competição no mercado, a qual se singulariza, em sociedades periféricas como a nossa, pela reprodução de uma “ralé estrutural” de indivíduos descartáveis para as funções produtivas e socialmente reconhecidas. O desafio do “novo espírito do capitalismo” na modernidade periférica é o de engajar está “ralé” na competição social lidando com a perspectiva de futuro que caracteriza uma classe de pessoas “sem futuro”. É por isso que todas as formas bem-sucedidas de discursos nesta tarefa de motivar a “ralé” na luta secular pelo sucesso apelam para noções como “adaptabilidade”, “flexibilidade”, “jeitinho” etc.” (TORRES, 2007, p. 113).

Dessa forma, essa teologia neopentecostal se liga, diretamente, com as dinâmicas do neoliberalismo e com a ideia de meritocracia.

Ademais, pode-se destacar nos lemas de campanha, e de governo de Bolsonaro, a reiteração dos dois pontos destacados nessa parte do trabalho, o nacionalismo em “Brasil acima de tudo” e a religião em “Deus acima de todos”. A parte religiosa do lema intitula o trabalho de Barros Júnior (2022), em que o autor demonstra como alguns grupos cristãos influenciaram na campanha presidencial de 2018, reiterando diversos discursos falaciosos em relação aos adversários que eram “contra a família”. Há, também, casos recentes, ainda sob investigação, da influência de pastores na distribuição de verbas pelo MEC<sup>31</sup>.

O uso da religião se manteve constante nos discursos e nas alianças do governo, sendo uma das bases de identificação de sua narrativa, como analisado, o arquétipo de Bolsonaro como “Ungido de Deus”, como aparece fortemente presente nos comentários de seus apoiadores. Na publicação do dia 16 de setembro de 2020, é possível analisar o uso da religião como uma forma de identidade do governo. Embora, constitucionalmente, o Brasil seja considerado como um estado laico, a posição do governo se resume na legenda:

“- O Estado é laico - Respeitamos a todos - Mas o nosso Governo é CRISTÃO” (@jairmessiasbolsonaro, 16/09/2020).

<sup>31</sup>

Pode-se

ler

mais

em:

<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/03/a-influencia-de-pastores-no-acesso-a-verbas-do-ministerio-da-educacao-ouca-podcast.shtml> Acesso em: 13/07/2022 e:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/presidente-do-fnde-relata-presenca-de-pastores-em-eventos-no-mec/>

Acesso em: 13/07/2022



Na publicação contém um vídeo onde um homem realiza uma oração, após o que aparenta ser uma reunião do governo, entre as imagens da oração há uma legenda no vídeo onde se lê:

“Esse é um governo Cristão. Esse é um governo que ora pela sua nação. Esse é um governo que ora pelo seu povo. Esse é o governo de Jair Bolsonaro. Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.” (@jairmessiasbolsonaro, 16/09/2020).

Dessa forma, não é difícil imaginar a importância da religião para a sensibilização de brasileiros, inclusive nos momentos críticos de mobilização social. Particularmente as matrizes cristãs, para cooptar o apoio popular.

O uso discursivo do cristianismo, com certeza, permite que uma parcela da população se identifique com o presidente, mas mesmo entre os religiosos há diferentes divergências. No comentário a seguir, percebe-se que a mulher critica o governo por motivos religiosos; “Governo de hereges igual aos outros. [#foramaçons](#) [#foramaçonaria](#)” (Instagram, 16/09/2020). Ela caracteriza o governo como composto por “hereges”, “igual aos outros”, como não suficientemente cristão. Nas “*hashtags*”<sup>32</sup>, percebe-se a acusação de uma relação do governo com a maçonaria.

No entanto, as falas de cunho religioso nos comentários demonstram, majoritariamente, apoio ao presidente. Percebe-se em algumas dessas falas a ideia de combate a um “mal”, como se vê no comentário a seguir:

“É por isso q o império do mal se levanta e tenta te destruir,mas [sic] o nosso Deus poderoso esta [sic] a te proteger e contra ti nao [sic] irao [sic] prevalecer” (Instagram, 16/09/2020).

Os críticos do governo são caracterizados como o “império do mal” que não iram destruir Bolsonaro, que é protegido por Deus. Essa ideia de proteção divina é bastante reiterada nos comentários; “O Homem temente a Deus jamais será atingido por nenhum mal” (Instagram, 16/09/2020). Outra apoiadora comenta: “Nós votamos no senhor pra isso mesmo. Sou católica e tb [sic] respeito todos os credos e religiões.” (Instagram, 16/09/2020). É interessante perceber que o principal motivo do apoio foi as falas religiosas. Outro apoiador comenta:

“Quem tem Deus em todos os planos, tem a proteção divina!!! Eu prefiro trilhões de vezes um governo que TEME a Deus do que os governos corruptos passados que só afundou o Brasil com a lama suja da

---

<sup>32</sup> As “*hashtags*” são utilizadas para criar *links* de assuntos em comum dentro das redes, esses *links* são automaticamente criados ao utilizar o caractere “#” seguido de uma palavra, ou junção de palavras, que se torna um tópico.

corrupção, #somostodosbolsonaro e que os que blasfemam contra Deus que se cuidem” (*Instagram*, 16/09/2020).

No comentário desse apoiador, percebe-se que há uma comparação com outros governos, que são “corruptos”, em contraposição ao governo de Bolsonaro que “TEME a Deus”. Mais uma vez, é visível a construção binária, simplificadora, que contrapõe o ‘mal e o bem’, sugerindo não apenas a existência de forças contrárias, mas sobretudo ameaçando sua ‘adversária’. Assim, ao concluir o comentário percebe-se um tom combativo, quase de ameaça; “e que os que blasfemam contra Deus que se cuidem”, demonstrando a intolerância em relação aos que tem um posicionamento distinto em questões religiosas.

No dia dezenove de outubro de 2020, é publicado no perfil de Bolsonaro, a imagem de uma mulher posando dentro de uma igreja depredada, no fundo se vê um incêndio. Na legenda da publicação está escrito:

“- Na ONU, denunciei a existência da grande perseguição aos cristãos ao redor do mundo: a cristofobia.  
- Hoje, igrejas foram incendiadas na capital do Chile por grupos de esquerda.”  
(@jairmessiasbolsonaro, 19/10/2020).

A legenda acima faz referência a uma reunião da ONU do dia 22 de setembro daquele ano. No discurso de abertura Bolsonaro faz uma série de afirmações sem nenhum aporte em fatos, como uma “brutal campanha de desinformação” em relação às queimadas, que, segundo ele, não é possível incendiar por ser uma floresta úmida. Além disso, Bolsonaro critica as medidas de prevenção à pandemia, e, o mais importante para analisar a publicação, traz a questão da “cristofobia” como um problema que afeta os cristãos no Brasil e no mundo<sup>33</sup>. A outra questão que compõe a publicação são os incêndios de duas igrejas no Chile, ocorridos no dia 18 de outubro, segundo as investigações, realizada por manifestantes no aniversário das manifestações que ocorreram em 2019, e a uma semana de um plebiscito para uma nova constituição<sup>34</sup>.

É possível analisar como a postagem tem a intenção de validar a afirmação de Bolsonaro. Ao mostrar um ataque a um local sagrado para a religião majoritária no Brasil, a

<sup>33</sup> Pode-se ler sobre o discurso de Bolsonaro em jornais, como no portal de notícias G1; <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/22/em-video-gravado-bolsonaro-faz-discurso-na-abertura-da-asmbleia-da-onu.ghtml> Acesso em: 17/07/2022; e também trabalhos acadêmicos, como e no artigo de Matheus Carvalho Hernandez, no livro *Extremismos políticos e direitas: Bolsonaro, Trump e a crise das “democracias”*.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-19/duas-igrejas-sao-incendiadas-no-primeiro-aniversario-das-revltas-no-chile.html> Acesso em: 17/07/2022

publicação tende a cooptar as opiniões de pessoas religiosas. É relevante destacar, também, que a publicação específica esses atos como realizados por “grupos de esquerda”, assim caracterizando a “cristofobia” como algo que compõe os projetos dessa “esquerda”, tratada sempre como um único grupo e adversário. Nos comentários da publicação percebe-se uma grande comoção de religiosos, há uma vasta quantidade deles criticando a falta de posicionamento do Papa Francisco, chamado por eles de “papa comunista”. Em alguns comentários é perceptível uma decepção dessa falta de posicionamento do líder da Igreja Católica, em outros, pode-se aferir que são religiosos de outras vertentes do cristianismo, mostrando como grupos divergentes são cooptados para servirem conjuntamente à narrativa bolsonarista. Uma mulher que critica o papa faz uma série de comentários, em um deles diz que “tem católicos que não respeitam a nós”, demonstrando ser de fato de outra vertente. Ela comenta também, insinuando o preconceito contra o papa, a esquerda e os argentinos em geral:

“Ele está em Flores, Buenos Aires de onde ele nunca saiu, e apoiando a esquerda desde sempre, aff [sic] será que só eu sempre soube que o Papa é esquerda = Cristina Kirchnerista” (*Instagram*, 19/10/2020).

E ainda afirma em outro comentário, manifestando a intolerância e uma ameaça de extermínio: “...ao Papa chegará sua vez, kkkkk. [sic] Deus ajude que logo” (*Instagram*, 19/10/2020). Percebe-se que há essa concepção do Papa como um “esquerdista”, contrário a moral cristã, levando até o desejo que chegue “sua vez”. A ideia do Papa como contrário ao cristianismo é reiterada por outros comentários, uma outra mulher comenta “O Papa é uma das bestas” (*Instagram*, 19/10/2020), utilizando referências a escatologia cristã.

O tom combativo é reiterado, agora direcionado a esquerda, como no comentário desse homem:

“Nem precisa MT pra ver como a esquerda e do mal , [sic] só doido e mal caráter , [sic] Canalhas ,Q [sic] Deus tenha piedade de suas almas” (*Instagram*, 19/10/2020).

Percebe-se um tom bastante maniqueísta, caracterizando “a esquerda”, novamente de forma singular, como “do mal”, composta por “só doido e mal caráter”. Outros comentários diziam: “O que é deles tá por vim [sic]”, “Ela deveria ser queimada junto...”, “Borracha nesses malditos fanáticos de esquerda.” (*Instagram*, 19/10/2020), demonstrando um desejo por punição, seja divina, seja pela violência das instituições do estado, como se percebe no desejo por “Borracha” nos causadores do incêndio. Balas de borracha são comumente utilizadas por policiais e outras forças de segurança na contenção de manifestações. A violência se explicita de formas ainda mais acentuadas. Outro homem comenta:

“Tem que fazer igual os muçulmanos [sic] faz . [sic] Mexeu com Maomé manda bomba. [sic] Mexeu com Cristo fogo neles . [sic] Assim aprendem a respeitar os cristão [sic]” (*Instagram*, 19/10/2020).

Nesse comentário, é visível o a defesa de um alto grau de extremismo, defendendo que o certo seria agir como terroristas *jihadistas*, resumidos na generalização de “muçulmanos”. A proposta de ação violenta chega, então, no mais extremo, se os muçulmanos “manda bomba”, os cristãos deveriam mandar “fogo neles”. Essa reação de proposta violenta parece muito mais intensa que em outras publicações, demonstrando o grande poder emocional do uso de questões religiosas nesses discursos. Ao utilizar esse caso de uma manifestação no Chile para reiterar o que havia afirmado, Bolsonaro e seus seguidores levam uma maioria religiosa, quase hegemônica na América Latina, e principalmente no Brasil, à posição de vítima de perseguição, cooptando cristãos, e descredibilizando outras concepções, sejam políticas ou religiosas, que não coadunam de seu discurso.

### 2.1.2 - O outro a ser combatido

Como visto anteriormente no caso da religião, no conjunto de postagens/fontes pesquisado, é possível observar claramente um posicionamento combativo em relação a esse “inimigo”. Esse posicionamento combativo não se limita à questão religiosa, é possível, por diversas vezes, perceber o uso do termo “guerra”, por exemplo. Mas o que compõe esse “inimigo”? Quem está sendo combatido? Essa resposta pode permitir uma análise que traga a compreensão mais precisa sobre os grupos que se identificam ao que se chama de ‘bolsonarismo’. Como já trabalhado, a identificação ideal, em torno de um líder, se dá por meio de um processo de identificação que pode ser considerado também quase “antropofágico”, dessa forma, indivíduos distintos entre si se percebem representados em Bolsonaro. Essa característica é percebida na questão religiosa, onde cristãos de diferentes vertentes religiosas se identificam com o discurso de Bolsonaro, sem, no entanto, deixar de ter um posicionamento combativo entre si. Como a crítica iconoclasta de grupos evangélicos ao catolicismo, para muitos, adoradores de ídolos.

O que une, então, esses grupos quase antagônicos? É nesse momento que se faz relevante pensar esse “outro” da narrativa. Na identificação ideal é trabalhado o conceito de “gozo”, que pensa a forma que grupos são excluídos de comunidades religiosas<sup>35</sup> por

---

<sup>35</sup> O conceito de “identificação ideal” foi pensado originalmente para se compreender mobilizações religiosas em torno de líderes carismáticos, porém esse conceito traz questões que podem ser úteis na compreensão de outros tipos de mobilização em torno de lideranças, como as políticas.

características que não se encaixam nesse grupo identitário. Nesse conceito abarca-se diferentes “tipificações do gozo”, por exemplo, o “gozo perverso” que parte da defesa da “eliminação” daquele outro que não pertence ao grupo. A distinção de indivíduos não pressupõe necessariamente uma exclusão, ou eliminação, física desse outro, podendo ser:

“um gozo que se sustenta na relação diferencial em que o “outro” recebe o estatuto da *diferença* em forma de *adversário*, *alteridade*, *disputa*, *oposição*, sem o traço do gozo perverso da *eliminação*” (STARNINO; PEREZ, 2021, p. 280).

Dessa forma a identificação de diversos grupos se sustenta em um conflito contra esse adversário, muito além de um conflito entre esses grupos distintos que compõe, por exemplo, o ‘bolsonarismo’. Ocorre, então, uma “união parcial” de grupos adjacentes, ainda na questão religiosa, baseada em uma “universidade cristã”, como diz Starnino e Perez (2021, p. 207), e essa união de grupos adjacentes garante a defesa do cristianismo.

Mas quais grupos compõem esse adversário? Essa união parcial costuma ser defendida para combater outras religiões que “ameaçam o cristianismo”. No Brasil, religiões de matriz africana costumaram ser historicamente demonizadas e perseguidas, mas grupos e movimentos civis e políticos também são colocados nessa posição de adversários, como movimentos feministas, LGBTQI+, e movimentos de trabalhadores, sendo todos, comumente, resumidos a ‘comunistas’ ou ‘esquerdistas’. O bolsonarismo, claramente, não se resume à a questão religiosa, no entanto, os adversários são elegidos e o combate a eles se altera de acordo com cada narrativa adjacente que se mobiliza em seu discurso.

Dessa forma, tendo como base ideológica do governo o conservadorismo reacionário e o neoliberalismo, pode-se caracterizar diferentes discursos para o combate aos mesmos opositores elegidos. Esses opositores são definidos com base no que se designa como ‘anticomunismo’, ‘antifeminismo’, ‘antiprogressismo’, ‘antipetismo’, além de uma defesa de uma certa cultura ocidental, conservadora e estadunidense como base moral e civilizatória. Todos os grupos são amalgamados numa definição de esquerda e são acusados de se infiltrar em diferentes instituições, sendo isso a base da ideia de “guerra cultural”, que será desenvolvida mais à frente.

### **Anticomunismo**

A crítica ao comunismo é constante no discurso bolsonarista, sendo todos os outros movimentos criticados caracterizados como, pelo menos, de inspiração marxista. Nesse pânico comunista se elenca diversos inimigos internos e externos como defensores de uma ditadura. No contexto pandêmico, a China, país onde os primeiros casos foram identificados, e que é governado pelo Partido Comunista Chinês, é constantemente acusada de liderar uma

empreitada contra os países ocidentais, sendo o coronavírus considerado, nesse discurso, uma arma biológica. No dia 24 de março de 2020, Bolsonaro publicou um vídeo contendo imagens de uma reunião por telefone com o presidente Chinês, Xi Jinping, e na legenda diz que a ligação ocorre para “reafirmarmos nossos laços de amizade” (@jairmessiasbolsonaro, 24/03/2020).

Essa publicação causou, claramente, diversos posicionamentos nos comentários: críticos do governo levantam a incoerência com a narrativa de culpabilização da China, apoiadores se demonstram preocupados, tentando advertir Bolsonaro dos perigos de se relacionar com a China, outros se demonstram decepcionados. Essa apoiadora, por exemplo, diz, em caixa alta;

“PRESIDENTE, AMIZADE DE COMUNISTA NÃO É CONFIÁVEL, ELES VENDERAM 700 MIL TESTES DE CORONAVIRUS FALSOS PRA ESPANHA, NÃO COMPRE NADA DESSES DAÍ” (*Instagram*, 24/03/2020).

Pode-se perceber uma acusação de venda de testes falsos, e a caracterização de comunistas como não confiáveis. Outra apoiadora diz;

“Gosto do meu país! Votei no PR. Por isso tenho certas dúvidas sobre empresas da China entrarem aqui como a Huawei. Assim fica mais fácil, derrubar tudo o que conseguimos e restaurar mais forte o comunismo aqui. Espero que não seja possível e que não seja nossa única opção de internet 5g no Brasil. Espero também que nosso presidente repense se esse for mesmo o caso. Tomemos cuidado! Eles tem [sic] tecnologia avançada, espionar para obter o que querem será bem fácil” (*Instagram*, 24/03/2020).

É perceptível que em muitos comentários que podem ser compreendidos como críticas, os autores iniciam esclarecendo seu apoio ao presidente, “Gosto do meu país” se definindo como patriota e “Votei no PR”, como apoiadora do presidente. No restante do texto, põem em dúvida contatos com a China, pois há o receio de “restaurar mais forte o comunismo aqui”, e ao dizer “restaurar”, a autora do comentário dá a entender que houve um governo comunista anteriormente, forma como, comumente, descrevem os governos Lula e Dilma. Ela cita também uma suspeita conspiracionista em torno do uso da tecnologia 5G.<sup>36</sup>, dando a entender interesses de espionagem pela China.

Essa ideia conspiracionista percorre esse sentimento anticomunista, sendo a base de várias narrativas. Para muitos dos apoiadores de Bolsonaro, e membros de uma direita radical,

---

<sup>36</sup> Tecnologia que tem a China como uma das principais desenvolvedoras, é a quinta geração de redes móveis, provavelmente permitirá uma revolução na tecnologia da informação, sendo 250 vezes mais rápida que a 4G., permitira automação de todos os aparelhos domésticos, por exemplo. (MARTINS, 2016, p. 21 a 26)

ideais socialistas e sistemas autoritários são sinônimos. Outra apoiadora comenta, ainda na mesma publicação:

“Um dia acordamos e descobrimos que um vírus nos colocou em uma ditadura comunista! E aquele que diziam que estabeleceria um governo autoritário, hoje é atacado por defender a liberdade! Governadores brasileiros vendendo seus estados pra China, é algo que deveria ter PENA DE MORTE!” (*Instagram, 24/03/2020*).

Nesse comentário, acima, há uma ligação direta do coronavírus a um plano de dominação de uma “ditadura comunista”, novamente culpabilizando a China. É interessante como há, também, uma caracterização de Bolsonaro, que era acusado de autoritário, mas que “é atacado por defender a liberdade”. O comentário conclui com a proposta de “PENA DE MORTE” para os governadores que “vendem” os estados para a China. Essa referência a governadores, como já visto, pode ser percebida ao longo da pandemia, como forma de eximir Bolsonaro dos problemas causados pela pandemia e por seu descaso com medidas sanitárias.

Ademais, é relevante destacar como a autora caracteriza Bolsonaro como defensor da liberdade, essa ideia de defesa da liberdade foi argumento essencial para defender que não se fizesse distanciamento social, que o uso de máscara ou a vacinação não fossem obrigatórios. Cita-se, também, o receio pelo estabelecimento de um governo autoritário por Bolsonaro, que constantemente elogia a ditadura militar de 1964, e tem em seus apoiadores, que tanto temem uma ditadura comunista, o clamor pelo retorno da ditadura militar.

O anticomunismo é perceptível em quase toda publicação, seja na legenda, seja pelos comentários de apoiadores que adjetivam qualquer opositor como comunista. No entanto, há publicações realizadas apenas para essa disseminação, como a publicação do dia nove de outubro de 2020, onde há uma foto do revolucionário Che Guevara preso por militares bolivianos. A publicação comemora o aniversário de sua morte, contendo a legenda;

“- 9 de outubro  
- Morria na Bolívia o facínora comunista Che Guevara, cujo legado só inspira marginais, drogados e a escória da esquerda. Com seu fim, o comunismo perdia força na América Latina, mas voltaria via Foro de SP, o qual seguimos combatendo.  
- Hoje tem Brasil x Bolívia.” (@jairmessiasbolsonaro, 09/10/2020).

Percebe-se a caracterização dada a comunistas pelo Bolsonarismo: Che Guevara um “facínora comunista”, tem um legado que “inspira marginais, drogados e a escória da esquerda”. Dessa forma há uma caracterização da esquerda como sendo composta por pessoas de baixa moral, e se comemora a perda de forças do comunismo com o fim da vida do revolucionário. A publicação utiliza a imagem de Che e a memória de uma luta passada, para

defender o combate atual ao Foro de SP. A ideia de estar lutando compõe o discurso dando uma legitimidade de emergência ao movimento político Bolsonarista, sempre com os riscos de o comunismo ganhar forças.

Nessa publicação há diversas falas combativas e em defesa de medidas violentas contra o comunismo, diversas falas defendendo a eliminação de indivíduos com esse posicionamento. Como a de uma apoiadora que diz: “Ainda, muitos a serem eliminados! Proliferam feito os ratos!” (Instagram, 09/10/2020), a autora propõe a eliminação dessas pessoas de forma quase desumana, essa falta de compreensão deles como pessoas é reforçada na comparação com ratos. Outro realiza dois comentários, primeiro: “Tchê nunca mais, Fora foro de São Paulo, fora seus comunistas assassinos” (Instagram, 09/10/2020) e;

“Aqui no Brasil era o Virgulino no cangaço, bando de ladrões e assassinos tudo bancado pelos comunistas, [sic] Coronéis da época e políticos, Padres etc [sic]”. (Instagram, 09/10/2020).

No primeiro comentário, percebe-se a caracterização de comunistas como “assassinos”, e também a reiteração da ideia do foro de São Paulo como uma organização comunista. Há também uma comparação de Che Guevara com o cangaceiro conhecido como Lampião, citado pelo autor por seu nome Virgulino. É interessante perceber quem o autor do comentário caracteriza como os “comunistas” da época de Lampião “Coronéis da época e políticos, Padres etc [sic]”, demonstrando uma ideia, também perceptível em outros comentários, de comunistas como membros de uma elite. Líderes oligarcas do período conhecido como República Velha serem posicionados como comunistas é, além prova de desconhecimento, como perspectiva bastante incoerente, além de serem, na verdade, quem combatia o banditismo social promovido pelos cangaceiros, que não atuavam diretamente em nenhum posicionamento partidário ou político.

Por fim, nos textos postados, há a defesa da tortura, como é possível ver no comentário desse outro apoiador;

“Morreu rápido não sofreu nada. Teria que conhecer choque na língua, é muito pau de arara inclinado. Ah! Já fui bom nisso.” (Instagram, 09/10/2020).

Esse comentário traz uma ideia punitiva de “justiça”, em relação aos crimes que acusam Che de ter cometido, defendendo a tortura como forma de fazer essa justiça. Os métodos citados no texto remetem a métodos de tortura da ditadura, o “choque na língua” e o “pau de arara”, além de conter um teor quase nostálgico e autorreferente na conclusão do comentário “Ah! Já fui bom nisso”, remetendo a um passado em que esse autor possa ter cometido atos de tortura. Uma mulher critica a publicação e os comentários dizendo “Ele foi



torturado e assassinado! Que tipo de gente comemora isso?” (*Instagram*, 09/10/2020), sendo respondida com: “acho que as famílias [sic] das pessoas na qual ele assassinou, inclusive crianças” (*Instagram*, 09/10/2020). Demonstrando como uma narrativa monstruosa e desumanizada é construída em torno da imagem de Guevara, em que o autor da acusação de assassinato e infanticídio não demonstra de onde vem essa informação. Por fim, há também o pedido de criminalização do comunismo, como vemos no comentário de um apoiador: “Temos que criminalizar o comunismo no Brasil como era no governo militar.” (*Instagram*, 09/10/2020), remetendo ao período militar como exemplo de combate a esse pensamento único e totalitário.

### **Antipetismo**

Na base do discurso bolsonarista, é visível também discursos reiterativos sobre o combate a grupos políticos nacionais, sendo o Partido dos Trabalhadores o principal alvo desse discurso. Essa narrativa é composta pela contraposição entre Bolsonaro como um homem honesto, e os petistas, principalmente o ex-presidente Lula, como símbolo de corrupção. Essa ideia de petistas como corruptos ganhou força durante a espetacularização do processo judicial conhecido como Lava Jato. Segundo Pereira e Silva (2021):

“A negação da política, cristalizada no antipetismo e traduzida no discurso lavajatista, criou as condições para que a cruzada bolsonarista contra a democracia se movimentasse da margem ao centro, isto é, realizando a passagem do ressentimento antidemocrático inconformado com o fim da Ditadura, atuando nas fendas do regime (Cf., entre outros, Pinha, 2020 e Bauer, 2020) para sustentar e acelerar o processo de reformas do Estado, inseridas em um programa neoliberal e conservador.” (PEREIRA; SILVA, 2021, 137 e 138)

Esse movimento “lavajatista” se deu por orientação do Juíz de Curitiba, Sérgio Moro, que após cometer irregularidades inúmeras no processo jurídico ficou reconhecido, no período do processo, como bastião moral da justiça. Dessa forma cria-se uma aversão à política, como símbolo de corrupção e, ao criar essa aversão ao político, possibilitou o surgimento de figuras como a de Bolsonaro, que mesmo em trinta anos de cargos políticos se posicionava como não político, em uma narrativa contra “tudo que tá aí”, sendo, por isso, considerado como *anti-establishment*.

No dia 17 de agosto de 2020, foi publicado no perfil um vídeo contendo uma narração de um cordel no fundo e, nesse vídeo comemorava-se a conclusão da obra do Rio São Francisco. Todo o vídeo se propõe a mostrar, por meio das falas e das imagens, como a considerada e veiculada corrupção dos governos Lula e Dilma atrasaram a obra, e como o governo supostamente sem corrupção de Bolsonaro concluiu a obra (@jairmessiasbolsonaro,

17/08/2020). Há, nos comentários dessa publicação, diversas críticas a Bolsonaro, fazendo referências a escândalos relacionados a seu filho, Flávio Bolsonaro, investigado por um esquema de “rachadinha” e lavagem de dinheiro em uma loja de chocolates da qual é proprietário, investigação já arquivada<sup>37</sup>. Tais críticas demonstram que, para quem não apoia o bolsonarismo, essa defesa do combate a corrupção é perceptível como apenas uma ferramenta discursiva. Uma mulher comenta;

“Sem roubo e corrupção? Aonde este poeta mora? Filhos, esposa, ministros e até próprio Jair atolado em denúncias” (*Instagram*, 17/08/2020).

São poucas as críticas e contradições relatadas, mas elas aparecem. Além desse comentário, é possível encontrar, também, diversas piadas com referência aos casos citados.

No entanto, esse discurso anticorrupção é ainda mais forte e aparece difundido entre os apoiadores como quase incontestável. Diversas críticas a Bolsonaro foram rebatidas frequentemente com falas que defendem que, qualquer acusação, como de homofóbico ou racista, era feita por não poderem chamá-lo de corrupto. Dessa forma, a única coisa que, para os apoiadores, é inquestionável, é a moral de Bolsonaro. Um apoiador, inclusive, comentou;

“Olha tenho que concordar Parabéns primeiro presidente que entrou e fez, claro muitas coisas Bolsonaro não pensa e acaba falando além de muito injusto contra os homossexuais.. [sic] mais com PT o país tava [sic] indo de mal a pior, então mesmo com suas falhas ainda sou Bolsonaro antes ele na presidência do que o PT e @redeglobo, chega de mama no governo né, que venha mais anos com @jairmessiasbolsonaro na presidência meu voto é seu!!!! Sempre” (*Instagram*, 17/08/2020).

Percebe-se que, para esse apoiador, de fato Bolsonaro tem atitudes que são perceptíveis como homofóbicas, que ele “não pensa e acaba falando” o que remete a falas de teor ofensivo. No entanto, tais defeitos postos em comparação com os governos do PT, período em que, segundo os comentários, o Brasil ia “de mal a pior”, são irrelevantes. Demonstrando como o uso discursivo da conclusão da obra alcançou o efeito desejado, ao menos para o segmento apoiador do Presidente. Percebe-se também a citação da Rede Globo, acusada de apoiar a esquerda e o PT, que é repetida, como nesse comentário:

“Mitooooo [sic] meu presidente lula lixooo [sic] globo lixooooooooo [sic] comunista lixooo [sic]” (*Instagram*, 17/08/2020).

<sup>37</sup> É possível ler mais sobre em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-04/flavio-bolsonaro-e-denunciado-por-lavagem-dinheiro-e-organizacao-criminosa-no-caso-da-rachadinha.html> e

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/justica-rejeita-denuncia-contra-flavio-bolsonaro-no-caso-das-rachadinhas/>

Acesso em: 25/07/2022

Que, após elogiar o “mito” caracteriza o ex-presidente Lula, a Rede Globo, e os comunistas, como lixo. Em outro comentário um apoiador diz:

“Não dá pra saber oque [sic] estamos sentindo pq [sic] nunca tivemos orgulho da política do Brasil sempre foi Enojada pelo povo. Estamos felizes por ter uma política digna [sic] do nosso país obgado [sic] presidente e ministros” (*Instagram*, 17/08/2020).

No comentário desse apoiador, percebemos que essa ideia de renovação política, que defende estar “limpando a corrupção de governos anteriores”, é reiterada. Antes, a política era enojada, agora é digna, algo que nunca ocorreu antes. Essa ideia de renovação demonstra como o discurso antipetista e anticorrupção possibilitou que Bolsonaro, mesmo tendo atuado na política por três décadas, se distanciasse dessa imagem considerada “política”.

### **Anti-feminismo**

Ao criar essa “esquerda” generalizada, diversos movimentos e grupos sociais são caracterizados como inimigos dos valores bolsonaristas. Entre os grupos que se pode destacar, estão os movimentos feministas, tratados como um movimento único, mantendo a recorrente generalização dessas narrativas. Juntamente com o movimento LGBTQIA+, as feministas são consideradas rivais da família e de costumes religiosos e conservadores, e em muitas das publicações, mulheres que são opositoras a esses ideais conservadores recebem ofensas misóginas.

Na, já citada, publicação do dia dezoito de outubro de 2020, onde Bolsonaro trata da “Cristofobia” (@jairmessiasbolsonaro, 19/10/2020), mostrando um acontecimento no Chile, aparece a imagem de uma mulher, dando a entender que seria uma das manifestantes que incendiaram a Igreja. Um dos comentários se destaca, ao se direcionar diretamente para o gênero da manifestante, o fato de ser uma mulher, não para sua ação. Um homem comenta: “A REVOLTA DAS TRIBUFUs [sic] ...ESSAS [sic] VADIAS MERECEM CADEIA.” (*Instagram*, 19/10/2020), e o autor do comentário destaca um adjetivo que ofende a aparência física da mulher na imagem, utilizando o termo “Tribufu”. Ataques à aparência de feministas são constantes nas redes sociais, principalmente pelas críticas dos movimentos em relação a padrões de beleza cobrados das mulheres. O autor ainda comenta que essas “vadias merecem cadeia”, utilizando um termo recorrente em ofensas misóginas, em relação à liberdade sexual das mulheres. É notável que o autor escreveu o texto no plural, mesmo tendo apenas uma mulher na imagem, demonstrando um ataque que não se limita àquela mulher, mas a uma generalização das mulheres.

No dia 11 de dezembro de 2020, destaca-se uma publicação contendo imagens de televisão, onde aparecem manifestantes feministas comemorando a legalização do aborto na

Argentina. Na legenda do perfil apenas informam os trâmites, a legalização havia sido aprovada por deputados, e aguardava a aprovação do senado (@jairmessiasbolsonaro, 11/12/2020), o que ocorreu no final daquele mês. Os comentários que compõem a publicação contêm diversas ofensas, falas religiosas e posicionamentos contrários à aprovação do aborto. Uma mulher comenta, por exemplo, “Tudo P” (*Instagram*, 11/12/2020), seguindo de “emojis”<sup>38</sup> de risada, é possível inferir que o “p” represente a palavra “puta”, ofensa misógina com o mesmo teor da palavra “vadia” citada anteriormente. A apoiadora do presidente continua com “GENOCIDAS” e um outro “emoji” representando nojo. O termo genocida ao se referir ao aborto vem da compreensão cristã de que o feto é uma vida desde a concepção.

Textos que remetem a nojo, ou a acusação de genocídio e assassinato se repetem diversas vezes, se repetem, também, termos referentes a uma visão cristã escatológica, “Deus está voltando” (*Instagram*, 11/12/2020), “é o fim dos tempos” (*Instagram*, 11/12/2020). Um apoiador comenta; “Só se vê lésbica, trans e "feminista", quando chamarem a gente de genocida mostrem isso.” (*Instagram*, 11/12/2020), o autor destaca questões de sexualidade e gênero, qualificando as feministas de forma, aparentemente, pejorativa, concluindo: “quando chamarem a gente de genocida mostrem isso”, se referindo a forma como Bolsonaro foi adjetivado por suas ações, ou falta de ações, no combate à pandemia. Outra apoiadora comenta;

“Algumas mulheres estão muito preocupadas em fazer o que os homens fazem e estão esquecendo de fazer o que os homens n [sic] fazem. SER MÃE!” (*Instagram*, 11/12/2020).

Nesse comentário, percebe-se como uma divisão sexista da sociedade compõe a ideia do “verdadeiro papel da mulher”, valorizando a maternidade como algo que faz parte de suas obrigações.

Essas posições em relação ao papel social da mulher e de combate à luta por direitos, como o do aborto seguro, demonstram o conservadorismo presente na mentalidade do “bolsonarismo”. Contudo, é interessante pensar, em contraponto a esse combate aos movimentos feministas, no ideal de masculinidade pensado por esse grupo. Nas imagens que constroem em relação ao Bolsonaro, há sempre a valorização de uma atitude considerada viril, agressiva, combativa do ‘mito’. Dentro dessa valorização de uma masculinidade combativa, percebe-se a abertura para um posicionamento violento em relação a esses grupos sociais que não se encaixam na narrativa da sociedade idealizada pelo bolsonarismo.

---

<sup>38</sup> Caracteres que representam visualmente reações ou emoções.

Nesse contexto, comentários como esse; “qual benefício isso trás [sic] para sociedade de bem? Para quem existe benefício?” (*Instagram*, 11/12/2020). Ou seja, os discursos enfatizam a ideia de uma “sociedade de bem”, onde o direito ao aborto não traria benefícios. Colocando, assim, todas que lutam pelo direito social à interrupção da gravidez como forma de emancipação das mulheres, na posição de contrárias a ‘sociedade de bem’, sendo, portanto, em uma visão binarista, do ‘mal’. Dessa forma, dotadas de atos tão “repugnantes” (*Instagram*, 11/12/2020), como adjetiva outro comentário, essas mulheres serão punidas pela “ira de Deus”, irão portanto, “pagar o preço que merece” (*Instagram*, 11/12/2020).

## 2.2 – A retórica da Guerra Cultural e o ‘Olavismo’

É possível pensar a ‘sociedade em redes’, sem pensar a globalização? Em seu livro “O Poder da Identidade”, segundo livro de sua trilogia sobre a “Era da informação, Manuel Castells trabalha as relações de identidade nessa nova sociedade. Mesmo que muitas das questões sejam datadas, principalmente com base na acelerada mudança, seja na tecnologia, seja nas relações sociais por ela influenciadas, as interpretações do autor sobre a construção de identidades nacionais, sociais e culturais, possibilita analisar os movimentos nacionalistas da atualidade.

Uma das questões trabalhadas pelo autor que permitem analisar as questões que envolvem o período estudado neste trabalho é o uso do fundamentalismo religioso. Nas análises anteriores, foi notável o uso de referências da religiosidade para a criação de uma narrativa que gerava identificação com o discurso ‘bolsonarista’. Para Castells (2018), o fundamentalismo religioso é “uma das mais importantes fontes de construção de identidade na sociedade em rede”, demonstrando a relevância discursiva de elementos da religião. Ao estar amparado por Deus, e por um representante das vontades divinas na terra, o fundamentalista só consegue debater com quem colabora com sua própria interpretação da realidade.

Ao abordar o fundamentalismo cristão nos EUA, Castells define questões que são evidentes também na realidade atual. Esse fundamentalismo cristão estadunidense é teocrata e moralista baseando-se em uma organização patriarcal, com base familiar, no entanto é também libertário econômico, ou seja, o homem tem o dever moral de prover sua família, por meio da liberdade econômica, e o cristão trabalhador receberá o auxílio de Deus em seu dever. No entanto, de acordo com sua análise, os considerados inimigos não permitem que a sociedade funcione da forma devida, pois;

“as instituições da sociedade, principalmente o governo, a mídia e a rede pública de ensino, são controladas por humanistas de várias origens, associados, segundo várias vertentes fundamentalistas, aos comunistas, banqueiros, hereges e judeus. Os inimigos mais insidiosos e ameaçadores são as feministas e os homossexuais, pois são eles que abalam a instituição familiar, fonte primeira da estabilidade social, da vida cristã e da realização pessoal” (CASTELLS; 2018, p. 86).

É possível perceber as similaridades dessa reflexão com o discurso ‘bolsonarista’, particularmente em relação ao combate a comunistas, feministas e homossexuais, e também a uma mídia ideologicamente rival, instituições sociais e a educação pública. No entanto, não há, aqui, um discurso antissemita, há, na verdade, uma valorização do Estado de Israel, como se fosse a terra de Israel bíblica. Essa valorização é percebida em comentários, tais como: “As nações só podem ser abençoadas através de Israel” e “Quem faz aliança com Israel [sic] Pra quem leu sabe das bençãos” (*Instagram*, 15/02/2021), Israel é elevada a nação santa, passível de abençoar quem se aliar a ela. Um outro apoiador chega a comentar: “Só tenho uma pergunta, quando nossa embaixada vai ser transferida para Jerusalém?????” (*Instagram*, 08/03/2021), cobrando apoio do governo a Israel no conflito contra a Palestina.

Manuel Castells destaca também como o nacionalismo contemporâneo é construído com sentido diferente daquele formulado pela historiografia moderna, com base na consolidação do território e de instituições que configuram o Estado Nacional, mas nos textos contemporâneos aparece deslocado como uma reação à globalização:

“mais cultural do que político, e, portanto, mais dirigido à defesa de uma cultura já institucionalizada do que à construção ou defesa de um Estado.” (CASTELLS; 2018, p. 93 a 94).

Ao especificar essa característica, o autor pretende não limitar o nacionalismo a um movimento de construção de um Estado Nacional, como é entendido e defendido por outros teóricos europeus, o que limitaria a compreensão dos nacionalismos pós-modernos. Tanto o fundamentalismo religioso, quanto esse “nacionalismo cultural”, são percebidos por ele como formas de combater essa globalização. Talvez essa perspectiva contribua para que se possa compreender os discursos da extrema direita nos tempos de hoje.

### **Guerra Cultural**

Nesse contexto de movimentos nacionalistas, um fenômeno perceptível nas redes é a ideia de uma “guerra cultural”, travada contra um “marxismo cultural” intrínseco em diversos setores sociais. O linguista Frederico Rios C. dos Santos (2019), em seu artigo, analisa como a retórica da guerra cultural é mobilizada em redes sociais e, para iniciar o texto, elabora uma definição do conceito:

“Trata-se da descrição do embate entre duas visões de mundo antagônicas, uma conservadora (também chamada de ortodoxa ou tradicionalista), associada à direita política, e outra progressista, relacionada, predominantemente, às esquerdas, mas não só. A guerra cultural traz em seu bojo problemas de ordem social e moral que dizem respeito, por exemplo, à sexualidade, ao comportamento, à raça, à religiosidade etc., implicando ainda questões políticas e econômicas.” (SANTOS, 2019, p. 181).

O autor, então, destaca o ponto central que caracteriza esse conceito, isto é, o antagonismo entre uma visão tradicionalista e uma visão progressista de mundo. Numa sociedade globalizada, onde diversas sociedades se influenciam, e onde movimentos sociais que fogem de uma idealização fundamentalista ganham espaço, tanto físicos, quanto virtuais, essa narrativa é facilmente incorporada por esse nacionalismo cultural que Castells descreve.

Segundo Santos (2019, p. 182) o termo surgiu no Segundo *Reich* alemão, como uma forma de combater a investida do catolicismo, garantindo a modernização do país recém unificado. Porém, esse termo – guerra cultural - ganhou projeção nos EUA, com seu uso por brasileiros, sendo considerada uma importação. Essa projeção se dá quando há a inclusão de autores indígenas nos currículos de Cultura Ocidental, o que, para grupos conservadores, é um sintoma da ‘degeneração’ da cultura ocidental (SANTOS, 2019, p. 182 e 183).

É importante destacar outro termo que compõe essa narrativa, ‘globalismo’, que se distingue de ‘globalização’, como destaca Santos:

“O globalismo é uma palavra pejorativa e conspiratória (GLOBALISM, 2016) para designar o cosmopolitismo da Nova Ordem Mundial. A crítica não é à transnacionalização de capitais, mas à comunidade de valores internacionais incorporados, por exemplo, em declarações de Direitos Humanos, Civis e Políticos.” (SANTOS, 2019, p. 186).

O conceito de globalismo, portanto, permite construir teorias conspiratórias que relacionam o mundo todo a uma agenda, com a intenção de acabar com a cultura ocidental e a herança judaico-cristã. Para demonstrar isso, Santos cita um político estadunidense chamado Buchanan<sup>39</sup>. Esse político acusava as políticas afirmativas de serem discriminatórias e prejudicarem os brancos, argumentando, sem fontes, que era necessário conter os fluxos de imigrantes, pois segundo ele, em meio século a população branca estaria à beira da extinção. Buchanan também defendia que o ambientalismo era uma forma de atacar propriedades privadas, que o Darwinismo era um meio para doutrinar crianças e que a homossexualidade não era natural (SANTOS, 2019, p. 186 a 188). Por fim, vale destacar a fala de Buchanan, ao ser acusado de deflagrar a guerra cultural:

<sup>39</sup> Patrick J. Buchanan iretor de comunicação da Casa Branca durante o mandato de Ronald Regan, sepremacista e escravocrata, suas teorias estão na base de toda a retórica da ‘Guerra Cultural’.

“Quem está diante de você aqui? Quem começou essa história? Quem é o ofensor? Quem disparou o gatilho? A resposta é óbvia. A esquerda radical ajudada pela elite cultural, que detesta a cristandade e pensa que os defensores da moral cristã são reacionários e repressivos, está determinada a impor seus valores morais e sua ideologia em nossa nação.” (SANTOS, 2019, p. 188).

Essa fala de Buchanan, citada por Santos, demonstra como esta matriz influencia o pensamento da direita estado-unidense, ao formular a ideia de que a “esquerda radical” está ligada a uma “elite cultural”, ambas perseguindo os valores cristãos ocidentais.

No âmbito da ideia de guerra cultural destaca-se o, já citado, “marxismo cultural” e, segundo os estudos de Michel Goulart da Silva (2020), os ideólogos que combatem o marxismo cultural:

“estão fazendo o combate a uma versão deturpada de marxismo que, no final das contas, é uma versão da própria democracia burguesa.” (SILVA, 2020, p. 81).

Dessa forma, esse tipo de pensamento fundamenta e caracteriza a discordância teórica como advinda de uma concepção falsa, ou inteiramente distorcida, do que é o marxismo. Esta perspectiva procura, então, negar qualquer projeto de reforma como um perigo ao mundo Ocidental. No entanto, é importante distinguir o “marxismo cultural” da narrativa, com o marxismo cultural, por vezes utilizado para se referir a análise marxista da cultura (SILVA, W. T., et al., 2021, p. 183). Mesmo que esse conceito englobe correntes filosóficas e intelectuais, muitas vezes, díspares, esse termo se iniciou por uma escola teórica em específico, a escola de Frankfurt, como podemos ver em Iná Camargo Costa citada por Silva (2020, p. 78):

“...a instituição precursora do marxismo cultural foi a Escola de Frankfurt pelas seguintes razões: imigrou para os Estados Unidos em sua fuga do nazismo, é constituída por judeus, combinou as teorias dos judeus Marx e Freud e, sobretudo, promoveu a arte moderna (...), contaminando o espírito da contracultura dos anos 1960. Em suma, a Escola de Frankfurt seria uma instituição de fachada do comunismo” (Silva, 2020, p. 78).

Essa ideia combate e critica os intelectuais da teoria crítica e parte do pressuposto que há:

“uma perspectiva assumida pela esquerda ao deixar de buscar o poder pelas armas, e passar a fazer sua disputa política no âmbito da cultura.” (Silva, 2020, p. 78).

No entanto, no Brasil, o principal alvo desse discurso não é representado pela escola de Frankfurt, mas por Antônio Gramsci. Uma narrativa de combate a Gramsci pode ser percebida em construção por segmentos de ultradireita desde o processo de redemocratização



do Brasil (BRAGA e BIANCHI, 2019 p. 2), tendo sido, na contemporaneidade, muitas vezes utilizado por Olavo de Carvalho para construção de sua narrativa (MIRANDA, 2021, p. 8).

### **Teorias da conspiração e o *Bolsolavismo***

O termo *Bolsolavismo* está no título do trabalho de Miranda (2021), em que a autora parte da tese de que as teorias conspiratórias são a base do discurso bolsonarista, tendo no autodeclarado filósofo, Olavo de Carvalho, o “guru” dessa construção ideológica (MIRANDA, 2021, p. 5 a 7). Segundo a autora, para as teorias do “olavismo”:

“Antônio Gramsci, filósofo italiano marxista, faleceu em 1937, mas assombra o sono de Olavo de Carvalho no século XXI. Na perspectiva olavista, o “gramscismo” rege as esquerdas, sendo sua principal teoria estratégica, que pauta transformações culturais para depois adentrar nos campos da política e da economia: para que o Estado seja aparelhado pelos comunistas, deve-se trabalhar em busca da hegemonia cultural, que tem como suas lideranças intelectuais presentes em diversos campos, como nas universidades.” (MIRANDA, 2021, p. 8).

Discutindo bem as ideias de guerra cultural e marxismo cultural que regem as direitas alternativas, a autora demonstra algumas dessas teorias conspiratórias que constroem o pensamento de Olavo de Carvalho, muitas delas já tratadas em relação à Guerra Cultural, como o “globalismo”, por exemplo. Para ele:

“o marxismo cultural é financiado internacionalmente por bilionários, como George Soros, com o objetivo de fragilizar a cultura nacional, enfraquecendo países e cooptando-os para o *establishment* globalista, por meio de órgãos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU). O “globalismo” também mobiliza a “ideologia de gênero” e o “abortismo”, mas acrescenta outras teorias, como o “climatismo”, que afirma que não existe aquecimento global ou crise climática.” (MIRANDA, 2021, p. 10).

Porém, a autora destaca como essas teorias são capturadas para a realidade brasileira, tomando o partido dos trabalhadores como alvo e principal ponto de partida. Essas ideias são notadas na disseminação de notícias falsas, como a do “*Kit Gay*”, teoricamente criado pelo PT, para acabar com a base da família cristã.

No contexto de pandemia, essas teorias conspiratórias ganharam ainda mais força, como já foi possível ver anteriormente, além disso, a China se torna um dos principais alvos, acusada de ter iniciado um ataque biológico, o que é reiterado pela ideia de guerra cultural. Nesse contexto a autora destaca uma fala de Bolsonaro respondendo a um apoiador;

“num cenário de guerra os países se preparam, utilizando bombas e guerra bacteriológica, e que o vírus pode ter escapado do laboratório. Em seguida ele concordou com o apoiador a respeito da existência de uma “nova ordem mundial”, compatível com a ideia de “globalismo” (MIRANDA, 2021, p. 11).

A autora ainda destaca a reiteração dessa fala em um vídeo, onde o autoproclamado filósofo trata do caos e histeria causada pela “agenda globalista”.

Desde as primeiras publicações analisadas, essas falas podem ser percebidas nos comentários, como esse apoiador, que diz:

“Não retiro a atenção sobre o perigo do Corona.... mas muita gente, além de mim, já [sic] pensa na possibilidade no Corona ser mais uma ferramenta de pânico [sic] global (muito [sic] eficiente) do que um problema de ordem médica...” (*Instagram*, 12/03/2020).

É perceptível, em um expressivo conjunto de falas e comentários, a produção e a reiteração da ideia de pânico global, mesmo sem ser citado de quem ela parte. Essa ideia da China como culpada do coronavírus é reiterada durante todo o período pandêmico nos comentários das publicações. É interessante destacar outros atores também reivindicados dentro dessa narrativa, como na já citada publicação sobre cristofobia, onde essa apoiadora comenta:

“...PAPA FRANCISCO .. [sic] ELE JÁ CONHESCE ESSE FOGUINHO..ELE [sic] SOMEMTE [sic] ESTAR [sic] ESPERANDO OS COMPANHEIROS COMUNISTA..COMO [sic] O LULA QUE AMA UMA CACHAÇA..NEM SABE MAIS DIFERENCIAR [sic] SE FOI FEITA COM ETANAL [sic] ...PARA O INFERNO DE ONDE VIERAO [sic] PEGAR FOGO..COM [sic] AS LOCUTORAS DILMA.GLEICE...E [sic] OUTROS..O BOUROS..JOAO [sic] DORIA JÁ ESTAO [sic] TREINANDO A TEMPERATURA DO FOGO...ESSE [sic] PAPA VAI COLOCAR TERROR...” (*Instagram*, 19/10/2020).

Nesse comentário podemos perceber que a autora liga diversos nomes da política nacional: Lula, Dilma, Gleice, Boulos e Dória, a imagem do Papa Francisco, sendo todos “companheiros comunistas”. É possível inferir que essa caracterização do Papa por alguns grupos cristãos se justifica por fazer uma conexão com a narrativa do “globalismo” que, segundo ela, “corrói a sociedade ocidental”.

Ademais, é relevante destacar que esse movimento nacionalista da direita radical não se limita ao Brasil, tendo muitas similaridades com questões que se reiteram em alguns países. Principalmente por conta de Olavo Carvalho, esse movimento no Brasil se liga particularmente aos movimentos estadunidenses. No entanto, para além do Brasil e EUA, há um perceptível crescimento de grupos de direita radical em todo o globo, onde o uso de redes amplia as possibilidades de ligações entre esses grupos.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, pretendeu-se entender como se construiu e circulou, dentro do que chamamos ‘bolsonarismo’, o discurso negacionista durante a pandemia causada pelo novo Coronavírus, entre março de 2020 e março de 2021. Compreender a construção dessa narrativa se faz relevante em um contexto onde, mesmo com a morte de centenas de milhares de brasileiros, o líder do poder executivo e uma parcela relevante da população, representada por seus apoiadores, negou colocar em prática diversas medidas sanitárias aconselhadas por órgãos legítimos da saúde e de outras áreas da ciência nacional e internacionalmente reconhecidos.

Diante disto, utilizou-se metodologias da história que permitissem compreender a construção desse discurso historicamente, ou seja, como parte das questões políticas, ideológicas, sociais que inquietam a sociedade, permeiam a contemporaneidade, e como parte de um processo histórico. Assim, esse trabalho se localizou no campo da história do tempo presente, e, pelas especificidades das fontes selecionadas – coletadas, em sua maioria, na plataforma *Instagram* -, utilizou-se reflexões acerca da chamada história digital, que aborda as mídias digitais como fonte histórica. A escolha de tal fonte partiu de uma das características que compõem a comunicação e a sociabilidade na contemporaneidade, que é o uso das Redes Sociais Digitais, meio corrente e intensamente utilizado para a recepção e compartilhamento de informações.

Para compreender como o ‘bolsonarismo’ se relaciona com a propagação de narrativas negacionistas nas redes sociais, definiram-se objetivos específicos. O primeiro foi analisar como as narrativas disseminadas no perfil de Bolsonaro, e reiteradas pelos apoiadores, se alteraram ao longo do período pandêmico, se adaptando dentro das questões que surgiam no decorrer da disseminação e infecção pelo vírus pela população. Verificou-se que, inicialmente, passou-se por uma negação da pandemia, assim, pretendia-se diminuir os perigos que a disseminação do vírus causava.

Em um segundo momento, quando os efeitos da pandemia se tornaram indiscutíveis, mesmo que ainda tenham tentado relativizar a gravidade da situação, percebeu-se uma maior eminência de uma narrativa que retirasse a culpa da administração do governo Bolsonaro. Dentro dessa narrativa, o presidente Bolsonaro já havia apresentado a solução para a pandemia, o uso de medicações não aprovadas para aquele uso por autoridades médicas, como hidroxicloroquina e ivermectina, entre outras, apresentado desde o primeiro mês como alternativa para a cura da infecção viral. No entanto, tais medicamentos não tinham e continuaram sem obter comprovação científica, por isso sua defesa pelo presidente causou

conflitos com outros órgãos e poderes, possibilitando a culpabilização dessas outras instituições pelo discurso ‘bolsonarista’.

Com a criação e a distribuição da vacina, em meio a muitos rumores contraditórios, novas narrativas surgiram para complementar as anteriores. A defesa do uso das medicações sem comprovação de eficácia se manteve, além de a partir daquele momento, teorias conspiratórias quanto à vacina passaram a se disseminar. Além disso, é perceptível a defesa da “liberdade individual” como pretexto para criar contradições em relação aos discursos da ciência e negarem o uso da vacina. Essa defesa da liberdade individual, desde o início da pandemia foi utilizada em confronto com medidas de distanciamento social, como o *lockdown* e contra o uso de máscaras. Agora, era utilizado para contrapor a possibilidade de tornar a vacinação obrigatória, sendo disseminada em discursos de Bolsonaro no final de 2020. No início de 2021, essa ideia se manteve em relação àquela obrigatoriedade, mas propagandas de vacinas compradas pelo governo, além do significativo e visível número de mortes e adoecimentos na sociedade, possibilitaram o apoio de parcela dos apoiadores em relação à vacinação.

Outro objetivo de análise foi compreender as questões que possibilitavam uma identificação entre Bolsonaro e seus apoiadores, no processo de disseminação e reiteração dos discursos negacionistas. Assim, analisou-se primeiramente o uso de simbologias em torno de uma mitificação de Bolsonaro, processo que precedia o processo pandêmico, podendo ser percebido desde o período anterior a eleição de 2018, quando ele chegou ao poder. Essa mitificação era possibilitada pelo uso de valores que compunham o discurso, valores específicos que eram aplicados à imagem de Bolsonaro. Utilizava-se, entre estas, representações nacionalistas, religiosas e militaristas, com teor reacionário e tradicionalista, podendo conter, muitas vezes, teor combativo quanto a grupos rivais.

Dessa forma, além do uso de imaginários nacionalistas e religiosos, nessa estratégia discursiva, utilizou-se a imagem de um “outro” a ser combatido. Esse outro foi representado na imagem de inimigos internos, como o PT, e de movimentos sociais, além de representações mais gerais da sociedade. Dessa forma, demarcou-se esse “outro” como os petistas, comunistas, progressistas, feministas, e diversos grupos que, por oposição, representavam ideais e identidades que não coadunassem com o imaginário ‘bolsonarista’.

Por fim, o último objetivo foi analisar como esse discurso ‘bolsonarista’ se relacionava com a chamada “direita alternativa” internacional e a retórica da guerra cultural. Com base nisso, foi possível perceber, ainda que brevemente, como algumas das características intrínsecas ao discurso estudado estão presentes nos discursos que estruturam os movimentos

internacionais de extrema direita, principalmente em relação aos EUA. É relevante destacar como as teorias da conspiração, e ideias fundamentalistas, estão na base das narrativas construídas por esses grupos. Além disso, também é relevante observar como a sociedade em rede, globalizada, influencia na reestruturação e na articulação de grupos conservadores, reacionários, tradicionalistas na contemporaneidade.

A hipótese de que o crescente discurso negacionista, intensificado na pandemia de Covid-19 e no governo atual, liga-se a uma mobilização política internacional que no Brasil se sustenta dentro de uma narrativa de identificação ao bolsonarismo, criada pelo uso das redes sociais como meio de propagação ideológica e de narrativas contra a ciência, se confirma. Essa confirmação parte da forma como as informações presentes nas fontes – nos comentários dialógicos, sejam de apoiadores ou robôs - se demonstram mobilizadoras de narrativas negacionistas, utilizando de referências a representações nacionalistas e religiosas para a confirmação de discursos que não se baseiam em fatos, ou debates racionais, mas na produção de representações, crenças e certezas pré-concebidas.

No entanto, é relevante apontar a inesperada homogeneidade dos discursos entre os que se mantiveram como apoiadores ao longo desse processo. Esperava-se, nesse trabalho, tomar contato com uma maior variedade de interpretações e posicionamentos mesmo entre os apoiadores. Porém, foram poucos os momentos em que foi possível perceber, de fato, uma maior discordância dentro dos comentários de apoiadores. Foi perceptível grupos que demonstravam um sério temor em relação a pandemia, se distanciando da ideia de que não era um temor válido. Cristãos católicos e evangélicos demonstraram certa divergência em como compreender a figura do Papa dentro das narrativas globalistas. Mas é perceptível que, no geral, as principais características do discurso ‘bolsonarista’ – como um discurso único, manipulador, beligerante, estratégico, reiterativo de certos pressupostos ideológicos - se mantiveram incrustadas no imaginário dos apoiadores.

É interessante, também que, mesmo com as diferentes vertentes da direita mais extrema presentes no Brasil, essas vertentes raramente entraram em contradição. Luis Felipe Miguel destaca os principais setores dessas direitas como:

“Os setores mais extremados incluem três vertentes principais, que são o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo anticomunismo” (MIGUEL, 2018, p. 16).

Esses temas são, perceptivelmente, reproduzidos dentro das narrativas trabalhadas, portanto a elevação extrema de valores liberais, o uso constante da religião, e a perseguição ao comunismo, mesmo onde ele não está, são a base da grande maioria das representações

utilizadas. Porém, é interessante como essas diferentes vertentes se mantêm unidas no discurso, tendo um fator, isto é, um instrumento e um efeito, muito mais discursivo do que propulsor de debate ideológico.

Em outras pesquisas, pelas características dessa espécie de fonte (digital), a vastidão de informação produzida em pouquíssimo tempo, pode-se delimitar ainda mais especificamente as temáticas a se analisar: muitas publicações contêm temas e comentários que poderiam sozinhos gerar trabalhos inteiros. Uma possibilidade é pensar essas redes em um contexto macro, ligando grupos de direita radical de forma mais clara, podendo trabalhar melhor as características e similaridades globais do crescimento dessas ideologias.

Outra questão que merece destaque em trabalhos futuros se encontra no ambiente da história pública, já que muitos desses discursos se localizam na construção de uma narrativa histórica que é possibilitada pela má compreensão de um passado traumático com a ditadura. Neste trabalho, infelizmente, não foi possível trabalhar essa relação da forma que se faz necessário. As possibilidades de relacionar o discurso aqui estudado não se limitariam ao período militar. As narrativas aqui estudadas carregam dentro de si uma série de construções históricas envolvendo religião, relações de gênero, de classe e raça que esse trabalho, por motivo de tempo, não abarcou completamente.

Por fim, faz-se relevante destacar como as Redes Sociais Digitais, analisadas historicamente como fontes, possibilitam uma compreensão cada vez mais indispensável dos processos comunicacionais e políticos da nossa sociedade. Dessa forma, trabalhos com o uso desse tipo de fonte devem ser pensados, para que se construam métodos que possibilitem uma maior compreensão histórica dessas mídias que compõem o dia a dia da sociedade contemporânea, e informam (e formam) indivíduos, grupos, coletivos, ideologias em movimento.

## FONTES

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “Aos "desavisados" e que não assistiram ao vídeo, o uso da máscara se dá pois há a suspeita ser confirmada que estou com o vírus covid 19.”. 12/03/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B9puqPnhkuk/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B9puqPnhkuk/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 20/05/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- HFA/SABIN atestam negativo para o COVID-19 o Sr. Pres. da República Jair Bolsonaro.”. 13/03/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B9rd-1knA8o/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B9rd-1knA8o/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em 20/05/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). 13/03/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B9re8bMn1z9/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B9re8bMn1z9/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 20/05/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “Isso se chama precaução. O medicamento é barato e caso venha a ser comprovada a eficácia no combate à Covid-19, estaremos preparados para atender a todos os brasileiros rapidamente.”. 21/03/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B-BMFshh5bR/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B-BMFshh5bR/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 20/05/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- Nesta manhã , em ligação telefônica com o Presidente da China, Xi Jinping, reafirmamos nossos laços de amizade, troca de informações e ações sobre o covid-19 e ampliação de nossos laços comerciais.” 24/03/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B-HfASRniY9/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B-HfASRniY9/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 01/06/2022

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). 06/06/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CBHMbNbBuis/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CBHMbNbBuis/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 01/06/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- RT-PCR para Sars-Cov 2: negativo. - BOM DIA A TODOS.” 25/07/2020. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDEHLf0Bm-1/> Acesso em: 01/06/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “No Reino Unido, o Departamento de Saúde estima que 16 mil pessoas morreram das mais diversas formas, por não terem acesso ao Sistema de Saúde, devido à pandemia, enquanto 25 mil morreram de Covid-19”. 09/08/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CDrc\\_jLhHOA/](https://www.instagram.com/p/CDrc_jLhHOA/) Acesso em: 01/06/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). - Obrigado ao poeta Chapéu de Couro. - "O SERTÃO FLORESCE.". 17/08/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CD\\_C5v8hjZW/](https://www.instagram.com/p/CD_C5v8hjZW/) Acesso em: 17/06/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- 30/março e 31/agosto.”. 02/09/2020. Instagram. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/CEpGBzpBWmY/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CEpGBzpBWmY/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 17/06/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “Mais detalhes em nosso canal no YouTube explícito em nossa bio ou seguindo as redes sociais”. 05/09/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CExGIIDhif8/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CExGIIDhif8/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 17/06/2022

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- O Estado é Laico”. 16/09/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CFNoeaxBuoz/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CFNoeaxBuoz/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 17/06/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “ – 9 de outubro”. 09/10/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CGIZWGcHhHy/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CGIZWGcHhHy/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 17/06/2020.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “ - Covid-19/VACINAÇÃO.”. 16/10/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CGbDIE5nbn/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CGbDIE5nbn/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 17/06/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- Na ONU, denunciei a existência da grande perseguição aos cristãos ao redor do mundo: a cristofobia.”. 19/10/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CGi8CAQh61T/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CGi8CAQh61T/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 17/06/2020.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- A vacina chinesa de João Dória.”. 21/10/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CGm5PzxBnWT/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CGm5PzxBnWT/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 17/06/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- O Brasil tem uma cultura diversa, única entre as nações.”. 20/11/2022. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CH1eGuJBAE9/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CH1eGuJBAE9/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 17/06/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- O Brasil disponibilizará vacinas de forma gratuita e voluntária após COMPROVADA EFICÁCIA E REGISTRO NA ANVISA.”. 08/12/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CIjRqOwBBLP/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CIjRqOwBBLP/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 20/07/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- Câmara da Argentina aprova o aborto. Projeto agora segue para o Senado.”. 11/12/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CIq9FT-BuXO/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CIq9FT-BuXO/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 20/07/2022.



BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- "A história nos mostra, quando o Estado avança sobre direitos e LIBERDADES INDIVIDUAIS, dificilmente ele recua.””. 12/12/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CItnTUwhM7f/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CItnTUwhM7f/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 20/07/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). 27/12/2020. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CJT3RaHhOvp/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CJT3RaHhOvp/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 20/07/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “Estudos clínicos demonstram que o tratamento precoce da Covid, com antimaláricos, podem reduzir a progressão da doença, prevenir a hospitalização e estão associados à redução da mortalidade.”. 15/01/2021. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CKE2bZRBEzS/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CKE2bZRBEzS/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 20/07/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “Governador do Amazonas”. 15/01/2021. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CKFf24NBn3A/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CKFf24NBn3A/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 25/07/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “Desde o início da pandemia o @governodobrasil, além de recursos, enviou material humano e oxigênio para o Amazonas.”. 16/01/2021. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CKG452Mh8uG/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CKG452Mh8uG/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 25/07/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “Na manhã do dia (15/01), uma aeronave KC-390 da Força Aérea Brasileira decolou de Recife/PE às 8h17 (horário de Brasília) transportando 8,5 toneladas de material hospitalar, camas, tendas, geradores e barracas para Manaus/AM em apoio à Operação contra o covid.”. 16/01/2021. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CKH9id1BsyH/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CKH9id1BsyH/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 25/07/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “Na tarde de (16/01), um KC-390 decolou às 17h09 de Guarulhos/SP com destino a Manaus/AM, transportando mais cinco tanques de oxigênio líquido.”. 17/01/2021. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CKJRNR7hAnv/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CKJRNR7hAnv/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 25/07/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “- Namaskar, Primeiro Ministro @narendramodi”. 22/01/2021. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CKXMEF4hZJF/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CKXMEF4hZJF/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 25/07/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “EXO-CD24 é um spray nasal desenvolvido pelo Centro Médico Ichilov de Israel, com eficácia próxima de 100% (29/30), em casos graves, contra a Covid.”. 15/02/2021. Instagram. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/CLT-Ui8B5rG/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CLT-Ui8B5rG/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 25/07/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “Nosso primeiro dia em Israel.”. 08/03/2021. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CMJ6ZJnhsQC/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CMJ6ZJnhsQC/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em: 26/07/2022.

BOLSONARO, Jair Messias (@jairmessiasbolsonaro). “FioCruz recebeu ontem nova remessa insumos para a produção de vacinas contra a Covid-19.”. 26/03/2021. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CM5KOtRh8NK/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CM5KOtRh8NK/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em 26/07/2022

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **AEDOS**, RS, v. 3, n. 8, p. 9-30, Jan./jun. 2011.

ALMEIDA, Wallace; SANTOS, Edmea. De Memes a Fake News: Desafios de uma pesquisa-formação em Cibercultura. **Educ. Foco**, Juiz de Fora, v. 25, n. 2, p. 173-196, jan./abr. 2020.

BRAGA, Ruy; BIANCHI, Alvaro. Antonio Gramsci em tempos de Fake News. **Tempo Social**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 1-6, 2019.

CARDOSO, Eduardo Wright. Em busca da mentira: historiadores contra a falsificação do Holocausto. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 41, n. 87, p. 89-110, 2021.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 8. ed. rev. [S. l.]: PAZ E TERRA, 1999. 699 p. v. I.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 9. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: PAZ E TERRA, 2018. 740 p. v. II.

CHAGAS, Viktor. Meu Malvado Favorito: Os memes bolsonaristas de whatsapp e os acontecimentos políticos do Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 72, p. 169-196, Jan./Abr. 2021.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 05-22, jan./jun. 2012.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERNANDEZ, Matheus de Carvalho. A política externa em direitos humanos do governo Bolsonaro e a crise da ONU: o backlash é também verde e amarelo. **Extremismos políticos e direitas**: Bolsonaro, Trump e a crise das “democracias”, São Paulo, p. 149-165, 2022

JÚNIOR, Paulo Sérgio Ferreira Barros. DEUS ACIMA DE TODOS: BOLSONARO, EVANGÉLICOS E O VOTO NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 NO BRASIL. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião**, [s. l.], v. 25, n. 39, p. 1-20, jan./jun. 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: 34, 1999. 264 p.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Reflexões sobre a história do tempo presente: uma história do vivido. **Coleção História do Tempo Presente**, Boa Vista, v. 1, p. 11-26, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 207 p.

MARTINS, Francisco Tarcizio. **TECNOLOGIA 5G – O FUTURO DAS REDES MÓVEIS**. Orientador: Prof. MSc. Alexandre Jorge Miziara. 2016. 34 f. TCC (Especialista em Gestão de serviços de Telecomunicações) - Graduando, Curitiba, 2016.

MENESES, Sônia. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010 - 2020). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 41, n. 87, p. 61-87, 2021.

MIRANDA, Beatriz Castro. A conspiração como pilar político das novas direitas: reflexões sobre o bolsolavismo. **Rev. Hist. UEG**, Morrinhos, v.10, n.2, e-022102, jul./dez., 2021.

NETO, Mario Marcello. Entre a bomba atômica e os crimes de guerra: o negacionismo e a historiografia japonesa em perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 41, n. 87, p. 37-60, 2021.

PELLIZZARI, Bruno Henrique Miniuchi; JUNIOR, Irineu Francisco Barreto. BOLHAS SOCIAIS E SEUS EFEITOS NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: DITADURA DO ALGORITMO E ENTROPIA NA INTERNET. **Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias**, Belém, v. 5, n. 2, p. 57-73, Jul/dez 2019.

PEREIRA, Matheus Henrique de Faria; SILVA, Daniel Pinha. Sérgio Moro Negacionista?: Operação Lavajato, transparência atualista e negação da política. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 41, n. 87, p. 135-159, 2021.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021.  
<http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0201>

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil. **Tempo Social**: USP, São Paulo, 1(1), p. 29-46, 1 sem. 1989.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela; SOARES, Felipe Bonow. Midia Social e Filtros-Bolha nas conversações políticas no Twitter. **XXVI Encontro Anual da Compós**, São Paulo, p. 1-27, 2017.

SANTOS, Frederico Rios C. dos. O que se entende por Retórica da Guerra Cultural. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 180-227, 2021.

SILVA, Michel Goulart. REFLEXÕES SOBRE O “MARXISMO CULTURAL”. **Boletim De Conjuntura**, Boa Vista, ano II, v. 1, n. 3, p. 77-82, 2020

SOARES, Fagno da Silva. Por uma história do Tempo Presente: historiando para além das relações entre História Oral, Memória e Micro-História. **Em Perspectiva**, on-line, v. 2, n. 2, p. 6-48, 2015.

STARNINO, Alexandre; PEREZ, Daniel Omar. IDENTIFICAÇÃO IMAGINÁRIA E NEOPENTECOSTALISMO À BRASILEIRA. **ELEUTHERÍA**, [s. l.], v. 06, n. 10, p. 271-285, 2021.

TORRES, Roberto. O NEOPENTECOSTALISMO E O NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO NA MODERNIDADE PERIFÉRICA. **Perspectivas**, São Paulo, v. 32, p. 85-125, jul./dez. 2007.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber. NEGACIONISMO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS DE PESQUISA. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 41, n. 87, p. 13-36, 2021.

VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BENTOCHELLO, Valdecir. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educ. Pesqu.**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, out./dez. 2015.

VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BONKOVOSKI, Amanda; PIROLA, Alison. REFLETINDO SOBRE AS REDES SOCIAIS DIGITAIS. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, 2014.